

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PPGS/FCH
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

WILLIAN MIRANDA

**BOLSONARISMO E ARTISTAS DO SERTANEJO: A PRODUÇÃO DE
HEGEMONIA POLÍTICA ATRAVÉS DO POPULISMO**

Dourados-MS

2025

WILLIAN MIRANDA

**BOLSONARISMO E ARTISTAS DO SERTANEJO: A PRODUÇÃO DE
HEGEMONIA POLÍTICA ATRAVÉS DO POPULISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Davide Giacobbo Scavo

Dourados/MS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M672b Miranda, Willian

BOLSONARISMO E ARTISTAS DO SERTANEJO: A PRODUÇÃO DE HEGEMONIA
POLÍTICA ATRAVÉS DO POPULISMO [recurso eletrônico] / Willian Miranda. -- 2025.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Davide Giacobbo Scavo.

Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Populismo. 2. Análise Sociocultural. 3. Artistas da Música. 4. Sertanejo. I. Scavo, Davide Giacobbo. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR WILLIAN MIRANDA,
ALUNO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
"SOCIOLOGIA".

Aos vinte e oito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco, às treze horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada

"BOLSONARISMO E ARTISTAS DO SERTANEJO: A PRODUÇÃO DE HEGEMONIA POLÍTICA

ATRAVÉS DO POPULISMO", apresentada pelo mestrando Willian Miranda, do Programa de Pós-graduação em Sociologia, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. Davide Giacobbo

Scavo/UFGD (presidente/orientador), Prof. Dr. Marcilio Rodrigues Lucas/UFGD (membro titular interno), Prof. Dr. Danilo Enrico Martuscelli/UFU (membro titular externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer ao candidato e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após o candidato ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido o candidato considerado **aprovado**. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 28 de março de 2025.

gov.br

Documento assinado digitalmente
DAVIDE GIACOBBO SCAVO
Data: 29/03/2025 20:50:33-0300
Verifique em <https://validar.itil.gov.br>

gov.br

Documento assinado digitalmente
MARCILIO RODRIGUES LUCAS
Data: 31/03/2025 10:26:25-0300
Verifique em <https://validar.itil.gov.br>

gov.br

Documento assinado digitalmente
DANILO ENRICO MARTUSCELLI
Data: 30/03/2025 12:45:02-0300
Verifique em <https://validar.itil.gov.br>

Prof. Dr. Davide Giacobbo Scavo
Presidente/orientador

Prof. Dr. Marcilio Rodrigues Lucas
Membro Titular Interno

Prof. Dr. Danilo Enrico Martuscelli
Membro Titular Externo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer algumas pessoas especiais e instituições que fizeram e fazem parte de minha jornada enquanto ser neste mundo.

À minha família consanguínea, o meu agradecimento pelo carinho, apoio (emocional e financeiro) e cobrança que me mantiveram no caminho. Creonildia do Carmo Lanza, minha mãe. Hélio das Virgens Miranda, meu pai. Marcos Vinícius Miranda, meu irmão. Nilzete Cardoso das Virgens Miranda, minha vó.

À minha família não consanguínea, o meu agradecimento pelo amor, apoio, discussões e reflexões em bares e casas. Alexandre Dias Zanesco, meu amigo e companheiro conterrâneo, me ensina sobre a vida e felicidade. Brianne Benites, amiga conterrânea e causa principal de minha graduação. Elias Alves de Souza, amigo e parceiro intelectual que me ensina desde o primeiro dia de graduação. Fernanda Albuquerque, amiga e parceira intelectual que divide bebidas e reflexões há anos. Lusielle Portugal Duarte, amiga e namorada que me incentiva e demonstra amor diariamente, me aproxima da felicidade.

Aos professores, coordenadores e secretaria do curso que possibilitaram a existência e funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, meu agradecimento!

Ao meu professor e orientador Davide Giacobbo Scavo pela confiança e incentivo em minha formação acadêmica, meu agradecimento!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instituição que promoveu e fomentou a realização desta dissertação, meu agradecimento!

RESUMO

Nesta dissertação, foi realizada uma investigação sobre a relação entre notórios artistas do gênero musical sertanejo com o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O intuito esteve em aferir a hipótese de que esta relação é conteúdo das práticas populistas do político. Para esse objetivo, utilizamo-nos de obras correlatas a essa discussão, assim como análises do discurso e da performance dos músicos e de Bolsonaro. A perspectiva sociocultural do populismo desenvolvida por Pierre Ostiguy (2017), Mário Dunkel (2022) e Melanie Schiller (2022) foram aplicadas no caso aqui analisado em conjunto com as noções de Ernesto Laclau (2013) e Chantal Mouffe (2019) sobre o conceito de populismo. Por fim, foi possível compreender que a natureza de tal relação pode ser compreendida como uma prática populista, na medida em que outras experiências de cunho estratégico possuem similaridades profundas com a candidatura e mandato do político brasileiro, além da possibilidade de o entendimento sobre o conceito ser aplicado a relação entre Bolsonaro e os músicos.

Palavras-chave: Populismo. Análise Sociocultural. Artistas da Música. Sertanejo.

ABSTRACT

In this dissertation, an investigation was conducted on the relationship between prominent artists of the sertanejo music genre and former president Jair Messias Bolsonaro. The aim was to assess the hypothesis that this relationship is part of the populist practices of the politician. To achieve this goal, we used works related to this discussion, as well as analyses of the discourse and performance of the musicians and Bolsonaro. The sociocultural perspective on populism developed by Pierre Ostiguy (2017), Mário Dunkel (2022), and Melanie Schiller (2022) was applied to the case analyzed here, alongside the concepts of Ernesto Laclau (2013) and Chantal Mouffe (2019). Ultimately, it was possible to understand that the nature of this relationship can be seen as a populist practice, insofar as other strategically driven experiences share deep similarities with the candidacy and mandate of the Brazilian politician, as well as the potential to apply the understanding of the concept to the relationship between Bolsonaro and the musicians.

Keywords: Populism. Sociocultural Analysis. Music Artists. Sertanejo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem de Jair Messias Bolsonaro na rede social X confirmando sua presença na Festa do peão de Barretos em 2015 (@jairbolsonaro)	58
Figura 2 - Postagem de Jair Messias Bolsonaro na rede social X confirmando sua presença na Festa do Barretos em 2023.	59
Figura 3 - Transmissão ao vivo com os artistas no Instagram, outubro de 2017.	60
Figura 4 - Postagem do perfil oficial de Bolsonaro da sinalização de Gusttavo Lima em Show, outubro de 2022.....	61
Figura 5 - Foto de Jair Messias Bolsonaro com roupas simples tomando café e comendo pão com leite condensado.....	64
Figura 6 - foto de Jair Messias Bolsonaro lavando roupa.	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAG	Associação Brasileira do Agronegócio
MBL	Movimento Brasil Libre
MPL-SP	Passe Livre de São Paulo
PT	Partido dos Trabalhadores
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – POPULISMO: A COMUNICAÇÃO POLÍTICA PARA O POVO	13
1.1 POPULISMO: A POLÍTICA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO	17
1.2 O “POVO” E O AGENTE SOCIAL AUTÊNTICO: O COMBUSTÍVEL E OBJETIVO DO POPULISMO	22
1.3 A CADEIA DE EQUIVALÊNCIA E O SIGNIFICANTE VAZIO: O FIO CONDUTOR DO POPULISMO	26
CAPÍTULO 2 – BOLSONARO E CULTURA POPULAR: PERFORMANCE NATIVISTA ENQUANTO REPRESENTATIVIDADE	32
2.1 UM BREVE CONTEXTO DA RAIZ DO POPULISMO BOLSONARISTA	32
2.1.1 Antagonismo, Cadeia de Equivalência e Significante Vazio do bolsonarismo .	35
2.2 ABORDAGEM SOCIOCULTURAL DO BOLSONARISMO: POPULISMO À LUZ DA CULTURA	37
2.2.1 A convergência político-cultural do populismo: performance e discurso em destaque.....	39
2.2.2 O “Alto” e “Baixo”: as diferentes expressões culturais do âmbito político	43
CAPÍTULO 3 – SERTANEJO E HEGEMONIA POLÍTICO-CULTURAL	47
3.1 SERTANEJO NO OUVIDO DO Povo: DO TRADICIONAL CAMPO AO MODERNO AGRONEGÓCIO	47
3.2 BOLSONARO E O SERTANEJO: UM LAÇO RESISTENTE	57
3.3 HEGEMONIA, CULTURA E POPULISMO: A AÇÃO POLÍTICO-CULTURAL EM PRÁTICA	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
APÊNDICE A – O PAPEL DA SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO “POVO”	73
APÊNDICE B - A SINTONIA ENTRE POLÍTICA E A CULTURA	77
ANEXO A - RANKING DE MÚSICAS DA CROWLEY BROADCAST 2018	80
ANEXO B - RANKING DE MÚSICAS DA CROWLEY BROADCAST 2022	82

INTRODUÇÃO

O Brasil, país carregado de complexidades sociais, “naturalmente” produz momentos históricos interessantes que merecem a atenção das Ciências Humanas. Uma destas situações recentes está na famosa eleição de Jair Messias Bolsonaro. Eleição e mandato foram assuntos mundiais e, com isso, intelectuais se dispuseram a buscar as causas dessa consequência avassaladora. Tal caso possibilitou expandir os debates sobre populismo no Brasil, visto que a experiência brasileira se relacionava com muitas outras daquele momento histórico.

Em um país continental como o Brasil, é impossível a construção de trabalhos sobre a política que abarquem todas as suas características. Nesse sentido, a investigação aqui proposta se atentará às questões sobre a correlação entre cultura musical popular e política populista de Jair Messias Bolsonaro e seus resultados nas eleições presidenciais. Todavia, há muitas camadas dessa junção que algumas centenas de páginas não seriam suficientes para apresentar de forma concisa as suas nuances. Logo, o recorte é mais preciso. O que será investigado neste texto é: a presença de notórios artistas do sertanejo¹ na campanha e mandato de Jair Messias Bolsonaro se enquadra como uma estratégia populista? E se sim, quais são as suas características próprias? Quais as possíveis consequências nos resultados eleitorais? Discutimos essas questões durante esta dissertação.

O eixo temático do trabalho parte da relação entre política e cultura, na medida em que se pretende entender a contribuição dessa conexão na atuação político populista de Jair Messias Bolsonaro. Por meio de casos parecidos e estudos desenvolvidos sobre populismo e cultura popular, podemos compreender como as performances públicas do político, em conjunto com os artistas, influenciaram parte da população brasileira durante sua candidatura e mandato.

Em relação à relevância científica deste trabalho, devemos compreender que na medida em que a democracia brasileira vem sofrendo mudanças significativas nos partidos e lideranças em destaque nos últimos 10 anos, mostra-se importante investigar quais são as características desses processos, suas causas e consequências. A procura sobre as razões políticas, culturais e

¹ Gusttavo Lima, Zé Neto & Cristiano e Bruno e Marrone estão entre os artistas mais tocados em rádios no Brasil em 2018 e 2022. Todos, sem exceção, apoiaram abertamente o político Jair Messias Bolsonaro. Além destes já citados, uma série de artistas vinculados ao sertanejo (Leonardo, Zezé di Camargo, Chitãozinho, Sorocaba, entre outros) participaram de lives e postagens oficiais de Bolsonaro. São pessoas conhecidas pela população que exerceram um papel importante de intelectuais orgânicos (Gramsci, 2017a) nas campanhas e estratégias eleitorais comunicacionais. Essa popularidade, canalizada para fins eleitorais, produz processos de identificação subjetiva que vão além da materialidade política; estão no campo do simbólico e da significação. Nesse sentido, o apoio desses artistas possivelmente é uma força-motriz da campanha de Jair Messias Bolsonaro no Brasil.

sociais das decisões dos eleitores que votaram no então candidato à presidência pode esclarecer algumas características desse momento histórico.

Para compreender a influência dos artistas do sertanejo para com a população, optamos por realizar análises documentais do banco de dados das empresas especialistas em radiofonia *Crowley Broadcast Analysis*² e *Connectmix*³, e dos acessos do portal de aplicativos do site Radios.com.br⁴. Foi a partir desses dados que a popularidade dos músicos fora reconhecida em números e em sua distribuição regional.⁵

Também apresentamos os resultados eleitorais que demarcam a força política de Bolsonaro. Esses dados estão presentes no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A título de comparação, com esses dados, será possível relacionar a influência dos artistas com a efetividade da campanha de Jair Messias Bolsonaro em cada região do Brasil. Por fim, apresentaremos alguns posts das redes sociais “*Instagram*” e “*X*” oficiais de Bolsonaro onde demonstram a parceria entre o político e os artistas.

Ao ler as obras sobre a cultura sertaneja desde as décadas de 80 e 90, é notável que tal gênero musical está há mais de 35 anos entre os mais populares no Brasil (Rocha, 2019). A notoriedade desses artistas ultrapassa a da maior parte das figuras políticas brasileiras. Sua presença e apoio eleitoral é extremamente relevante em termos de identificação e aproximação com a população, a ponto de movimentar a classe política na produção de leis⁶ proibitórias

² De acordo com o site oficial da empresa: “A Crowley Broadcast Analysis do Brasil é uma empresa multinacional especializada em gravação e monitoração eletrônica de rádio que atua no Brasil desde 1997. Através da utilização de tecnologia de reconhecimento digital exclusiva, a Crowley desenvolve serviços diferenciados com o objetivo de fornecer transparência e credibilidade ao meio rádio.” Disponível em: <https://www.crowley.com.br/>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

³ De acordo com o site oficial da empresa: “Para abordar o surgimento da ideia, voltaremos ao campo de origem onde ela surgiu e foi desenvolvida. Nos anos de 2008, com a iniciativa de responder o questionamento de artistas que buscavam saber onde e quando sua música estava sendo executada nas rádios brasileiras. Foi então que o grupo de empreendedores catarinenses decididos a encontrar a resposta para esta pergunta, desenvolveram uma inovação para o mercado, uma solução para o problema, e através de sua equipe de desenvolvimento tecnológico resolveram colocar suas ideias em prática ao desenvolver a Connectmix Company, fundada oficialmente em 2010. A Connectmix inaugurou um novo patamar no monitoramento de fonogramas (músicas, spots, comerciais) o que permitiu localizar e colocar ao alcance do usuário, em TEMPO REAL, todos os fonogramas cadastrados.” Disponível em: <https://connectmix.com/sobre/>. Acesso em: 17 de jun. 2024.

⁴ De acordo com o site oficial: “Somos um site independente que busca reunir as músicas mais tocadas em paradas musicais com playlists diversas e sempre atualizadas. [...] Nossos rankings são baseados nas músicas mais tocadas nas rádios, através dos dados analíticos das empresas de aferição de áudios em rádios online. Elas refletem o cenário real da popularidade das músicas nos quatro cantos do país, com aferição 24 horas por dia, 7 dias por semana e em mais de 5.000 emissoras de rádios cadastradas (somente aquelas que é possível ouvir online)”. Disponível em: <https://www.radios.com.br/>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

⁵ A decisão por analisar a projeção dos artistas através dos dados radiofônicos brasileiros parte tanto da facilidade em captar essas informações quanto da reconhecida presença que a rádio possui na vida da população. De acordo com o estudo da Kantar IBOPE Media sobre o consumo de rádio no país, 80% dos brasileiros, nas 13 regiões metropolitanas pesquisadas, ouvem rádio. (Kantar IBOPE Media, 2021)

⁶ “§ 7º É proibida a realização de showmício e de evento assemelhado para promoção de candidatos, bem como a apresentação, remunerada ou não, de artistas com a finalidade de animar comício e reunião eleitoral.” (Brasil, 2006)

contra shows de artistas em comícios eleitorais (showmícios) (Brasil, 2006). Em vista disso, é de suma importância analisar quais são as relações, intenções e motivações entre o aberto apoio a políticos nacionais e os resultados eleitorais.

A ideia da presente dissertação parte da constatação da participação de famosos artistas do sertanejo em materiais oficiais do governo, pronunciamentos públicos ao então candidato à presidência, de suas relevâncias populares e da similar popularidade entre Bolsonaro e os artistas em boa parte dos estados⁷. A problemática deste trabalho está na hipótese de a presença deste grupo de artistas na campanha e mandato do político ser parte de uma possível estratégia comunicacional e discursivamente populista.

O ponto de partida e o caminho que este trabalho percorre parte das ideias de legitimação e consenso, bases do que entendemos como hegemonia, e das reflexões acerca do conceito de populismo. Outro fator dessa equação política e cultural está em sua relação com o econômico, que, neste caso, se expressa através dos apoios financeiros recebidos pelo sertanejo advindos do agronegócio. Entretanto, não iremos desenvolver tal relação com profundidade neste trabalho, visto que a investigação proposta segue por outros caminhos. Dada a problemática do trabalho, pensemos sobre o contexto desta investigação.

Polítólogos contemporâneos afirmam que há uma crise da democracia liberal em curso desde o final do século XX. Ocorreram em muitos países movimentos sociais que criticaram a funcionalidade política e os próprios representantes do Estado, reforçando a ideia dessa provável crise. Essa situação, em certa consonância com o fim da Guerra Fria, aprofundamento do neoliberalismo e as crises econômicas dos anos 2000, enfraquece ainda mais as estruturas políticas consolidadas há mais de 100 anos. Ao mesmo passo, surgem candidatos políticos “*outsiders*” em todo o globo com promessas de resolver todos os problemas da população (supostamente) não assistida pelo *establishment* político. Figuras como Rodrigo Duterte, Viktor Órban, Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro seguem este mesmo script.

Conceitos como “populismo”, “pós-democracia” e “pós-política” vem sendo debatidos e reformulados com intuito de explicitar as nuances dessas questões políticas. As problemáticas de muitas interpretações desse momento jazem na pretensão de criar um conceito que explique a totalidade de todos os processos políticos no mundo; trabalho este que nunca cessará devido a diversidade monumental de causas e consequências objetivas e subjetivas dos movimentos da história humana.

⁷ Refere-se aos números de votos nas eleições de 2018 e 2022 e a quantidade de acessos às músicas em plataformas digitais. As fontes são o Tribunal Superior Eleitoral e a empresa Connectmix com dados sobre as rádios brasileiras.

Entretanto, existe o modesto (e desafiador) exercício de esclarecer partes específicas e profundas de cada momento histórico. As relações entre políticos “*outsiders*” com a crise da democracia liberal são experiências únicas e específicas em cada território. Cada país possui suas características históricas, cada candidato tem suas estratégias e cada eleitorado reage de uma forma. É necessário que haja uma leitura minuciosa dos processos sociais, econômicos e políticos para captar as diferentes facetas dos eventos.

Para realizar a análise qualitativa dessa conjuntura em correlação com a investigação proposta, optamos por utilizar a abordagem antiessencialista da politóloga Chantal Mouffe. A autora defende que “[...] a sociedade está sempre dividida e discursivamente construída por meio de práticas hegemônicas”. Entende-se o domínio político, através da chave de análise “dissociativa”, como campo de conflito e antagonismo (Mouffe, 2019, p. 25).

A proposta de investigar uma porção das práticas políticas que buscam influenciar o voto em eleições políticas é cheia de armadilhas. Não se deve interpretar a população como massa amorfa, pronta para receber moldes que irão garantir que a manobra política seja efetuada. Em relação a esse debate, existem diversos fatores que devem passar por reflexões a fim de não prejudicar a sensível objetividade de nosso trabalho. Como solução a esses caminhos, decidimos seguir pelo aporte teórico sobre o papel da população na política através do conceito de “agente social” também proposto por Mouffe (2019).

Em conjunto a essa base teórica sobre as motivações das decisões políticas, a conceituação do termo “identificação” trará uma perspectiva psicanalista de todo o processo. Sigmund Freud (Freud, 2013) propõe análises sobre as motivações da formação de grupos humanos. Nesse sentido, pensar populismo e a concepção de “povo”, em conjunto com o importante aporte teórico de Freud, possibilita novas camadas de compreensão do fenômeno.⁸

Sobre a estrutura do trabalho, o primeiro capítulo iniciará com reflexões sobre o conceito de “populismo” e as bases teóricas para compreender parte importante dos agentes sociais nesses momentos políticos. A intenção deste exercício jaz na capacidade explicativa que os conceitos possuem de esclarecer as características dos movimentos *anti-establishment* que ocorreram na última década e suas estratégias de aproximação intersubjetiva frente a um eleitorado politicamente distante do poderio hegemônico.

Já no capítulo 2, aprofundamo-nos nas características da atuação política de Jair Messias Bolsonaro desde 2011 e realizaremos uma análise sociocultural de suas práticas populistas durante seu mandato e campanha. Neste momento, o conceito de populismo estará alinhado

⁸ Texto presente no apêndice A desta dissertação.

com concepções advindas dos debates sobre cultura, performance e discurso, produto de obras da última década sobre os estudos socioculturais sobre o populismo (Ostiguy, 2017; Dunkel; Schiller, 2022; Dunkel; Schiller, 2024).

Por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos um breve panorama geral sobre a classe artística do sertanejo e sua amplitude mercadológica e popular. Nesse momento, o conceito de populismo é aplicado para entender em que medida tal político possui atributos similares aos debatidos no primeiro capítulo e como eles se relacionam com a presença dos artistas nas campanhas enquanto estratégia populista, na tentativa de correlacioná-los às hipóteses do trabalho. O intuito está em descrever a conexão entre o processo de construção hegemônica do “bolsonarismo” no Brasil com a relevância popular dos músicos que apoiaram esse lado da disputa política. A articulação dos debates sobre populismo, hegemonia, subjetividade e cultura pretende entregar uma perspectiva da poderosa capacidade dos afetos no âmbito político.

CAPÍTULO 1 – POPULISMO: A COMUNICAÇÃO POLÍTICA PARA O POVO

Neste capítulo, introduz-se o conceito de populismo, palavra disputada em discussões e reformulações de sua própria constituição de sentido, em que tanto questões como discurso político e demagogia quanto debates sobre hegemonia e democracia popular são atrelados ao seu significado. Este trabalho defende que, para aplicar o conceito e desenvolver a compreensão do fenômeno analisado, é necessário levar em conta as situações contingentes de cada momento político; ou seja, compreender o objeto através de sua manifestação conjuntural e única, ao invés de defini-la por meio de outras experiências da história.

Esta seção está dividida em 3 tópicos principais. Inicialmente, o conceito de populismo será explorado a fim de delimitar como o entendemos. Logo após, a noção de “povo” será o foco da investigação. Por fim, para correlacionar esses dois primeiros tópicos, introduziremos dois outros conceitos que são essenciais para este trabalho: “Cadeia de Equivalência” e ‘Significante Vazio’.

Antes de discutir os conceitos propostos para esta seção, vale introduzir o contexto histórico da contemporânea onda populista mundial. O intuito aqui é iniciar a discussão sobre a diferença entre causa e consequência dos processos políticos que geraram o “novo” populismo⁹ e, posteriormente, os textos a respeito. Assim poderemos compreender as suas raízes e frutos.

Inicialmente, pensemos sobre as mudanças na estrutura da sociedade que influenciam a estabilidade da política e da economia hegemônicas. Casos a níveis globais como a “Grande Depressão”, em 1929, a crise do petróleo, em 1973 e, mais recente, a falência de órgãos financeiros, em 2008, são contextos em que a correlação entre política e economia não deve ser deixada à revelia, visto que ambas se mesclam em influência mútua. É importante compreender como essas crises econômicas afetaram o âmbito político.

⁹ Devemos diferenciar o populismo que vem sendo debatido no século XXI em relação às noções apresentadas sobre o mesmo conceito no século passado. Diferente das posturas populistas dos anos 1900, quando o discurso populista estava alinhado a perspectivas integração-nacionais, a busca pela união da população e seus diferentes grupos e críticas às elites políticas (Gomes, 2022), como os casos de Juan Domingo Perón na Argentina e Getúlio Vargas no Brasil (Tormey, 2019); (Weffort, 2003), o populismo contemporâneo – ou novo populismo, se assim preferir – se prende com maior força às noções de antagonismo, demarcando a separação de dois diferentes grupos (“elite” e “povo”) como o seu mote principal. Já em relação a postura frente às instituições, o populismo antigo não buscava atacar a democracia liberal, mas sim integrar – mesmo que apenas de forma discursiva – parte da população antes ignorada pelo sistema político, sendo outro ponto que a difere do populismo aqui investigado. Uma parcela significativa da fonte de existência desse novo populismo está, como explicado acima, nas crises econômicas, políticas e culturais dos países, assim gerando um descontentamento com as instituições e, como consequência de tal contexto, como veremos a seguir, o discurso populista acompanha os descontentamentos populares.

A Grande Depressão, causada por relações de crédito em um sistema monetário mundial em desenvolvimento, trouxe à tona as limitações técnicas do capitalismo (Ribeiro, 2019). Em 1973, durante a Crise do Petróleo, países começaram a entender que democracia, bem-estar social e capitalismo não combinam ao mesmo tempo; políticas neoliberais começaram a ser pensadas e implantadas (Moraes, 2002). Em 2008, a espiral de reprodução do capital se atrapalha e os fundos imobiliários estouram, gerando diversos debates sobre a real função das instituições públicas frente às crises do mercado (Hermann, 2009).

Nesses últimos dois casos, jaz parte da fonte do que entendemos por “novo” populismo. Fruto de crises sistêmicas que produzem grande mal-estar na população que, ao retornar às soluções já existentes, faz perceber que elas são insuficientes. Demonstração de que a democracia liberal e o sistema econômico vigente não conseguiram resolver as diversas demandas que sugiram e/ou catalisaram nesses períodos. A qualidade de vida que descende das crises é desanimadora e, em conjunto com as respostas dos governantes pouco resolutas aos problemas, cria no consciente coletivo a busca de outros caminhos que possibilitem diferentes formas de fazer política.

Para melhor expressar os problemas da sistematização político-econômica de nossa sociedade e das angústias geradas no período, as noções de pós-política e pós-democracia são importantes na investigação aqui proposta. Luciane Ballestrin, ao pensar sobre os caminhos que a democracia liberal vem seguindo, elenca algumas características do que ela entende por pós-política:

A conjuntura pós-democrática atual pode ser caracterizada a partir de uma série de eventos que sugerem a escalada global de a) um recuo democrático no seu sentido hegemônico e formal, possibilitado por dentro das próprias instituições democráticas; b) a crescente autorização pública da ascensão de discursos autoritários, antidemocráticos e anti-humanistas, com apelo e adesão popular/populista; c) a crescente colonização da esfera econômica internacional sobre a vida política nacional; d) o espalhamento da razão neoliberal para todas as esferas da vida pessoal e coletiva, inclusive política; e) o esvaziamento da política e da democracia. A crescente privatização internacional do poder pelas autoridades econômicas e o descontrole público sobre as mesmas evidencia a ausência da democracia liberal nos próprios regimes de governança global. A natureza política do sistema internacional é uma variável importante para o estímulo da onda pós-democrática (Ballestrin, 2018 p.157).

Ballestrin demarca que o primeiro, terceiro, quarto e quinto eventos indicam as impossibilidades de tomadas de decisão por parte da população dentro do sistema democrático liberal, a mínima autonomia política frente as decisões do mercado mundial e a pressão política dos países centrais do capitalismo (no caso latino-americano). O voto, sendo uma das maiores representações da participação do *demos* na política, demonstra a falsa ideia de que

haja participação democrática da população nas decisões estatais frente às diversas outras pressões políticas que possuem mais peso e autonomia. Já o segundo ponto faz parte das consequências desta crise geral: uma busca por novas formulações políticas que atendam aos anseios da população.

Atilio Borón (2001) também demonstra essas mudanças na estrutura político hegemônica de nossas sociedades em seu livro, elencando algumas diferenças nas concepções do mercado e da democracia em relação à sociedade, além de deduzir que as instituições políticas não acompanharam a modernização do mercado. Como resultado dessa falta sincrônica, o mercado domina a política através dos “Novos Leviatãs”, oligarquias multinacionais influentes tanto no âmbito político quanto no econômico. Borón elenca as seguintes consequências deste processo em um estado de crise geral:

Deste modo é possível interpretar o impressionante retrocesso social experimentado pelas sociedades capitalistas contemporâneas — maior polarização social, pobreza extrema, marginalização, desemprego de massas etc. — como resultado de duas ordens de fatores. Em primeiro lugar, a ofensiva dos setores mais recalcitrantes da burguesia uma vez esgotado o ciclo expansivo e reformista do segundo pós-guerra, avanço que, certamente, foi possível mediante a derrota sofrida pela esquerda e pelo movimento operário nas mais variadas frentes de combate. Em segundo lugar, porque esta regressão sem precedentes poderia ter sido ao menos atenuada se as instituições e práticas da democracia representativa tivessem sido mais consistentes e eficazes. Mas sabemos que isso não foi assim, especialmente nas regiões periféricas do capitalismo neoliberal (Borón, 2001, p. 198).

Nessa afirmação, Borón indica que as novas estruturações do sistema capitalista desembocam em uma série de problemas políticos e econômicos, em que a classe dominante é prioridade e a população mais pobre não possui representação política significativa, colocando-a em uma situação de abandono político frente às crises de tal momento histórico. Esther Solano reafirma essa passagem ao pensar a pós-política atual:

“A democracia vai sendo substituída pela corporocracia. As grandes decisões não são tomadas pelo “demos”, pelo “poder popular” e sim pelas grandes concentrações privadas de capital, que pensam a democracia como um instrumento para atingir maiores níveis de intervenção política e lucro. A democracia, portanto, passa a ser um acessório do capitalismo, que é o verdadeiro coração do sistema.” (Solano, 2018, p. 7).

É neste contexto de fragilização do âmbito político, renegada soberania popular e noções democráticas burocráticas em destaque – características essas elencadas pela conceituação de pós-democracia e pós-política – que ocorre o desabrochar do “momento populista”¹⁰. A

¹⁰ Diz respeito ao período em que [...] “a crise econômica de 2008 trouxe à tona as contradições do modelo neoliberal, e hoje essa formação hegemônica é questionada por diversos movimentos antissistema de direita e de esquerda.” (Mouffe, 2019, p. 20)

hegemonia dominante, sob pressão de transformações políticas e/ou socioeconômicas, é desestabilizada pela multiplicação de demandas insatisfeitas (Mouffe, 2019). Parte de um período de crise em que uma série de premissas estruturais e superestruturais são desafiadas e não existem novas soluções bem cimentadas; um *interregnum* (Gramsci, 2017b). A formação hegemônica em questão é desafiada; noções liberais e neoliberais são colocadas contra a parede e, por dificuldades advindas do próprio sistema socioeconômico, não conseguem produzir respostas concretas aos problemas da população apresentados e aprofundados por conta da crise.

Como consequência desse momento histórico, surgem figuras como Jair Messias Bolsonaro, no Brasil, Donald Trump, nos Estados Unidos da América, Marine Le Pen, na França, e Javier Milei, na Argentina¹¹. Entender essa conjuntura através das perspectivas propostas pela noção de pós-política, demonstra que o atual “momento populista” não é causa, mas sim consequência das crises políticas, econômicas e culturais de nossa sociedade. A relevância desses líderes políticos está em suas características “*outsiders*”; algo fora desse sistema visivelmente falho que não produz respostas para a crise que afetem a população positivamente.

Nancy Fraser (2017), ao analisar a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América, afirma que há uma crise geral em curso. Correlacionando o caso norte-americano ao *Brexit* europeu, elenca a possibilidade de uma falência das funções institucionais frente aos atuais problemas sociais das democracias liberais em crise. De acordo com a autora,

[...] todos esses fenômenos compartilham uma característica comum. Todos envolvem um enfraquecimento dramático, se não um evidente colapso da autoridade das classes políticas estabelecidas e dos partidos políticos. É como se massas de pessoas em todo o mundo pararam de acreditar no reinante senso comum que sustentou a dominação política nas últimas décadas (Fraser, 2017, p. 44).

Fraser demarca a crise geral iniciada no fim do século XX, pós crise do petróleo, através de diversas camadas além da política: crises ecológicas, econômicas, sociais e culturais borbulham no interior das sociedades. É importante frisar que as camadas estão em direta relação entre si, sendo impossível separá-las no conteúdo ôntico da história humana. Entretanto, a falha do sistema se expressa de formas diferentes, o que faz emergir a visível incapacidade da atual organização institucional de lidar com os diferentes problemas atuais.

Assim sendo, o atual “momento populista” está em direta conexão com as crises econômicas, sociais, políticas e culturais do século XXI (Laclau, 2013; Mouffe, 2019; Tormey,

¹¹ Outras experiências populistas alinhadas às propostas progressistas de esquerda ocorreram na Itália, Grécia e Inglaterra. Entretanto, o foco deste trabalho está nos populismos de direita, visto que são experiências que possuem mais características similares com a recente história brasileira.

2019) e, como ocasião gerada por diferentes forças sociais, Jair Messias Bolsonaro se tornou forte candidato à presidência brasileira. Como Philippe Scerb bem disse, “[...] a ascensão de Bolsonaro não é causa, mas efeito de um profundo mal-estar com um sistema esvaziado de razoável influência popular sobre o poder [...]” (Scerb, 2022, p. 237). É nos processos contingentes e nos estratégicos que ocorreram nos últimos 20 anos que poderemos encontrar alguns porquês da ascensão bolsonarista no Brasil.

Para análise e investigação deste trabalho a perspectiva central aqui adotada é do pós-marxista Ernesto Laclau (2013), apresentada na primeira seção em conjunto com diferentes leituras e concepções do fenômeno. Na segunda seção, a reflexão parte para o entendimento da “massa”, do “povo”, alvo e peça central do populismo, para qual o discurso populista mira os seus esforços (retóricos e materiais) em busca de consenso popular. As reflexões de Chantal Mouffe (2019) sobre o conceito de agente social apresentadas nesta seção trazem suas contribuições a relevância do “povo” e de sua atuação política, essencial para o entendimento das ponderações aqui propostas. A seção três se ocupará de refletir sobre os conceitos de Cadeia de Equivalência, que diz respeito à formação de um “povo”, e de Significante Vazio, ferramenta de Laclau no entendimento da relação entre demanda popular e líder político. Conceitos estes que são constituídos de apontamentos sobre a adequação e incorporação das demandas populares na ação político populista.

Dado esse contexto das causas dessa conjuntura e do ponto de partida teórico deste trabalho, vamos nos atentar ao que entendemos como consequência do período relatado acima: o “novo” populismo.

1.1 POPULISMO: A POLÍTICA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO

O conceito de populismo vem sofrendo críticas e contribuições há anos. A partir da segunda metade do século XX, autores e autoras vêm alimentando e/ou atacando esta noção que busca compreender os atuais movimentos políticos populares. Para delimitar melhor a nossa compreensão, vamos explorar algumas concepções do conceito e seus desfechos na escrita deste trabalho.

O teórico político Simon Tormey (2019) elenca as principais leituras sobre o termo. Intelectuais como Margaret Conovan (1981), Cas Mudde (2021), Jan-Werner Müller (2016) e Bem Moffitt (2016) possuem concepções mais conservadoras e liberais sobre o conceito. Já outros, como Ernesto Laclau (2013) e Chantal Mouffe (2019) buscam valorar positivamente a aplicação prática e teórica do conceito; estes últimos são a base das ideias que apresentaremos

neste capítulo. Todavia, há um ponto de convergência entre essas diferentes concepções de populismo:

[...] o populismo é a centralidade da ideia de “povo”. Para os populistas, “o povo” é o sujeito da política, em oposição a qualquer classe social, grupo étnico ou nação. O que motiva os populistas é um certo sentimento de que as necessidades ou os interesses do povo estão em desacordo com as necessidades e os interesses daqueles que governam, que os comentaristas costumam denominar “as elites” (Tormey, 2019, p. 16).

Vejam que, para além do grupo alvo do populismo (questão que será abordada nos próximos tópicos), a característica principal de todos os populismos é o antagonismo como força motriz. A divisão entre “povo” e “elite” é essencial para demarcar a posição política do discurso populista. Se há um problema causado pelos “inimigos” do povo, a posição populista está, no mínimo discursivamente, oposta a ele. De acordo com Cas Mudde, populismo é “[...] uma ideologia que considera que a sociedade está fundamentalmente separada em dois grupos homogêneos e antagonistas, ‘o povo puro’ versus ‘a elite corrupta’, e que defende que a política deveria ser expressão da volonté générale (vontade geral) do povo” (Mudde, 2021, p. 289). Esses “problema” e “inimigo”, costumeiramente relacionados a “elite” (política e/ou econômica), são conjunturais e contingentes, dependentes da situação histórica e material que a sociedade está atravessando.

Interessante notar que o antagonismo, longe de ser uma característica exclusiva do populismo, está presente na maior parte das disputas políticas. Construir e promover formações hegemônicas para sociedades imbricadas, nessa ação positiva, outra negativa: a de não utilizar outras formações diversas. É claro que, devido à complexidade das sociedades humanas, há mais de duas formas antagônicas nesse processo. Em termos gerais, entretanto, são dois grupos: a formação hegemônica assistida e as diversas outras excluídas. Devemos nos ater a essa peça central da política e compreender quais são seus detalhes.

Nos processos de embates políticos sempre há disputa entre diferentes formações hegemônicas, na medida em que é no conflito onde há a chama das mudanças futuras¹². A perspectiva antiessencialista que baseia o nosso texto e o de Chantal Mouffe (2019) comprehende a sociedade como fruto de uma série de práticas hegemônicas que buscam articular diferentes situações para manter a ordem. Importante frisar que por haver uma constante disputa entre diferentes formações hegemônicas, “toda ordem social é a articulação temporária e precária de

¹² Em outras palavras, Chantal Mouffe define as práticas hegemônicas como “[...] práticas de articulação através das quais uma dada ordem é criada e o sentido das instituições sociais é fixado”, ordem esta que é a [...] “expressão de uma configuração particular de relações de poder e a falta de um fundamento racional último”. (Mouffe, 2019, p. 96)

práticas hegemônicas que visam a estabelecer ordem num contexto de contingência” (Mouffe, 2019, p. 96)¹³.

Dentre as recentes experiências do populismo, o antagonismo, para além das clássicas disputas entre diferentes formações hegemônicas, é formado pelo “povo” (grupo alvo de todo discurso populista) e a elite (normalmente relacionado ao *establishment* político e/ou econômico). Essas categorias, assim como o populismo, são contingentes e conjunturais, partem de “[...] uma forma de construção do político. Essa forma de construção consiste nos que estão abaixo em relação ao sistema de poder existente serem interpelados pelas mais diversas ideologias, do fascismo ao socialismo.” (Laclau, 2013, p. 21)

Yasha Mounk (2019) também dissertou sobre esse antagonismo gestante e estratégico dos políticos populistas. De acordo com o autor,:

Quando os populistas estão concorrendo ao governo, dirigem sua ira antes de mais nada contra grupos étnicos ou religiosos que não consideram parte do povo “real”. Depois que chegam ao governo, dirigem sua ira cada vez mais contra um segundo alvo: todas as instituições, formais ou informais, que ousam contestar sua reivindicação ao monopólio moral da representação (Mounk, 2019, p. 57).

Esta passagem de Mounk expressa como o populismo se adequa aos problemas que surgem em seu caminho. Entretanto, o primeiro passo da estratégia que o autor comenta não se aplica a todas as experiências populistas. A forma pode ser a mesma, mas a cor e o cheiro do inimigo são diversos. A elite será ocupada pelo grupo antagônico eleito em cada contexto, pois a definição *a priori* do “inimigo” indica a presença de uma ideologia essencial dos movimentos populistas. E aqui jaz a segunda característica do populismo enquanto conceito: o seu esvaziamento ideológico.

É difícil mensurar uma conceituação no campo político que não trabalhe, já inicialmente, com o conceito de ideologia. Porém, a reflexão aqui, em princípio e fio condutor, parte da noção da existência de uma ferramenta política que possibilite alcançar o apoio popular, independente de suas formulações ideológicas. Nesse sentido, o populismo “[...] não possui uma unidade referencial, pois não é um fenômeno delimitável, e sim uma lógica social, cujos efeitos perpassam muitos fenômenos. O populismo é, muito simplesmente, um modo de construir o político.” (Laclau, 2013, p. 28)

¹³ Por hegemonia, entende-se que “esta é, ao mesmo tempo, a ‘direção’ e a ‘dominação’ da sociedade, isto é, o controle das sociedades civil e política” (Portelli, 1977, p. 62). A direção produz consentimento e legitimidade através do Estado (dimensão política), já a dominação está diretamente relacionada à manutenção das relações de classe (dimensão civil) que advém das classes socioeconomicamente dominantes. Práticas hegemônicas são ações políticas, econômicas e sociais que articulam projetos de sociedade a partir de formações hegemônicas contingentes, onde a direção e a dominação das ações estão no controle da classe atuante nos espaços de tomada de decisão.

Para entender as diferentes possibilidades de incursão do conceito com ideologias e formações hegemônicas diversas, pensemos casos notórios de nossa história: Donald Trump e Viktor Orbán. Orbán defende, entre suas principais agendas, o fechamento das fronteiras para migrantes, a promoção da religiosidade húngara e a eliminação de estudos sobre gênero. De acordo com Levitsky e Ziblatt (2018), o exemplo da Hungria ilustra o enfraquecimento gradual da democracia liberal por meio de atores que não são considerados extremistas. Os autores ressaltam que "Orbán e seu partido Fidesz começaram como democratas liberais no final dos anos 1980; durante seu primeiro mandato como primeiro-ministro, entre 1998 e 2002, ele governou de forma democrática. Sua virada autoritária, após retornar ao poder em 2010, foi uma surpresa genuína" (Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 31).

Donald Trump, caso estadunidense do populismo, chega ao poder através de diferentes discursos. O ex-presidente enfatizava

[...] suas credenciais de homem de negócios em parte devido à profunda veneração de empresários típica da cultura americana. Os alvos de sua ira também são moldados pelo contexto americano. O temor de que as elites liberais estejam conspirando para tirar as armas do povo , por exemplo, na Europa pareceria peculiar . (Mounk, 2019, p. 18).

Dessa forma, o temor do qual se refere Mounk pode ser utilizado para compreender as diferentes formas de discurso em contextos populistas. A especificidade do conteúdo expressa, novamente, a amplitude do fazer político populista em agregar as angústias e faltas da sociedade a qual ele se dirige, ao mesmo passo que se adequa a diferentes ideologias e, por consequência, a distintas formações hegemônicas.

No discurso político populista, a ideologia se apresenta como caminho, uma ferramenta para alcançar o poder. Não mais como objetivo claro e exposto, o componente ideológico do discurso está na (re)produção de consenso e legitimidade, correlacionado com “o que o povo quer ouvir”. Logo, o populismo enquanto escolha do fazer político é vazio de ideologia até que seja munido de tal.

Em relação à investigação deste trabalho, essa característica do populismo está presente na atuação de Jair Messias Bolsonaro na medida em que os discursos produzidos durante a campanha estão alinhados a diferentes demandas, sejam elas de caráter econômico, político ou identitário. Ao mesmo tempo em que o político defende a classe burguesa brasileira, práticas econômicas que não favorecem o Brasil, dentre outras posições discursivas pouco úteis à população brasileira, Bolsonaro se posiciona ao lado do povo e da classe menos favorecida da sociedade.

O populismo precisa se efetivar em apoio popular e, posteriormente, em uma candidatura bem-sucedida. Logo, é necessário que haja uma leitura minuciosa das demandas da população para que o vazio ideológico do populismo seja preenchido com perspectivas políticas que mais atraiam a população. A expressão “o que o povo quer ouvir” também indica uma outra questão: o que o povo quer e/ou precisa. É necessário que o discurso populista tente (re)produzir consenso e buscar legitimidade em seu público (Portelli, 1977; Gramsci, 2017b; Mouffe, 2019; Tormey, 2019): um movimento dialético que necessita de atenção em nosso texto.

Na medida em que há crises das mais diversas dimensões, a população sofre as consequências e o descontentamento geral se estabelece (Secco, 2013; Oliva, 2013; Ali, 2022). Frente a isso, as pessoas produzem demandas e buscam saná-las. Logo, para que o discurso populista se efetive, é indispensável que ele parta dessas demandas e noções coletivas do eleitorado. Se o problema é segurança pública e o argumento popular parte da necessidade de possuir armas como mecanismo de defesa e de resolução do problema, o discurso populista não pode ignorá-lo. É um jogo dubio em que interesse político dos partidos e demandas populares se entrelaçam. A demarcação dessa relação desmisticifica a noção de que o populismo é apenas retórico e controle de massas. Entender que as possibilidades materiais para realizar os objetivos de uma classe se faz presente no Estado (Poulantzas, 1980) possibilita empreender no debate sobre populismo a relevante parte das demandas sociais e seus graus de influência, assim como seus resultados na atuação dos políticos eleitos.

Por fim, a ideologia da comunicação populista funcionará, discursiva e retoricamente, a partir da formação hegemônica que mais convença a população. Se em dado momento de crise, o *establishment* político não produzir no imaginário coletivo a noção de que as soluções dos problemas estão no plano proposto por tal grupo, surge uma brecha para que outros grupos em disputa pela hegemonia política consigam cativar a população com diferentes propostas, sejam elas progressistas, conservadoras, liberais ou reacionárias; a ideologia se torna o meio, e não o fim, da conquista do poder.

Por conta dessas possibilidades, o populismo pode possuir diversas facetas, dentre elas: populismo liberal, populismo de esquerda, populismo autoritário e populismo de direita¹⁴ (Tormey, 2019). Há muitas categorias que poderiam estar aqui, pois a amplitude do conceito

¹⁴ [...] “o populismo em si mesmo não é autoritário, mas pode facilmente ser associado ao autoritarismo para produzir uma determinada política. Isso implica que o populismo poderia ser associado, digamos, ao liberalismo (por exemplo no caso do presidente Macron) para produzir um tipo muito diferente de política, um tipo que representa pouca ou nenhuma ameaça à democracia — ou, na verdade, que ajuda a reforçá-la contra forças antidemocráticas. [...] UKIP (Partido de Independência do Reino Unido) e Podemos, Farage e Iglesias são dois lados da mesma moeda. Alguns são tão ruins quanto os outros e todos são uma ameaça à democracia. Por quê? Porque são outsiders, não são partidos do sistema. São críticos do status quo.” (Tormey, 2019, p. 95)

permite esse movimento teórico. Todavia, não nos interessa elencar todas as possíveis correlações entre populismo e ideologia. O que importa neste trabalho é desenvolver a ideia base do populismo e como ela se expressa no contexto aqui analisado (no caso, o novo populismo de direita¹⁵ de Jair Messias Bolsonaro).

A intenção deste tópico é relacionar a prática política de Bolsonaro com o conceito de populismo. Os pronunciamentos, posturas e discursos do político durante sua trajetória rumo à presidência se encaixam com as definições de estratégias populistas elencadas nesta parte do trabalho. Logo, é necessário que investiguemos em que medida as diversas características do populismo se enquadraram em suas práticas políticas.

Para avançar nas discussões sobre os debates deste capítulo, o próximo tópico apresentará a ideia de “povo”, significado este que pode possuir diferentes composições em sua significação. Nesta próxima parte do trabalho, está a característica mais essencial para o entendimento desta pesquisa. O que pretendemos defender é que os famosos artistas do sertanejo foram uma das pontes que possibilitaram a aproximação político-populista de Bolsonaro ao eleitorado, ao “povo”, visto que a fama destes artistas advém de características do grupo que os consume culturalmente. Na medida em que o populismo é a comunicação para o povo, ela está permeada sobre as nuances deste grupo e, para que a comunicação seja efetiva, é necessário que o político entenda tais graduações e as utilize no discurso.

1.2 O “POVO” E O AGENTE SOCIAL AUTÊNTICO: O COMBUSTÍVEL E OBJETIVO DO POPULISMO

Pensar populismo está interligado em pensar a construção de uma noção de “povo” (Laclau, 2013). Se esta estratégia política é voltada para esse grupo com poucos detalhes em sua anunciação, devemos nos ater a essa definição e trazer materialidade ao que essa palavra quer dizer. Ernesto Laclau busca explicar a conceituação da palavra “povo” da seguinte forma:

[...] a impossibilidade de fixar a unidade de formação social em qualquer objeto conceitualmente apreensível leva à centralidade da nomeação na constituição dessa unidade, ao passo que a necessidade de um cimento social que une os elementos heterogêneos – unidade que não é proporcionada por nenhuma lógica funcionalista ou estruturalista – outorga centralidade ao afeto na constituição social (Laclau, 2013, p. 26).

A utilização de “povo” como abstração discursiva da organização social de diferentes grupos expõe a especificidade de sua capacidade de expressão da realidade; ou seja, a palavra

¹⁵ Definição esta que será mais bem explorada no próximo capítulo.

“povo” no debate científico político refere-se, indiretamente, ao determinante da composição de tais grupos. O afeto da constituição social.

Para delimitar o significante da palavra, é necessário que haja uma conexão com a sua expressão ôntica no contexto analisado. O “povo” brasileiro não é igual ao estadunidense, mesmo que existam características que constituam ambos. A formação de um grupo assim denominado, como as estratégias populistas, é contingente e conjuntural. A conceituação e análise do termo precisa estar em direta relação com a sua expressão material a fim de alcançar representações satisfatórias. A nomeação de um grande grupo de pessoas que é alvo das estratégias populistas não passa de um artifício didático. Todas as especificidades de um “povo” não podem ser resumidas a apenas uma palavra.

Portanto, retornaremos a Mouffe para dar base aos debates sobre os sujeitos que constituem o “povo”. O conceito de “agente social”, de Chantal Mouffe, transcreve a concepção que será utilizada para entender as possibilidades de atuação política das pessoas. De acordo com a autora, “[...] o agente social é constituído por um conjunto de ‘posições discursivas’¹⁶ que nunca podem ser totalmente fixadas em um sistema fechado de diferenças” (Mouffe, 2019, p. 97), ou seja, cada indivíduo está em um campo de fronteiras abertas e determinadas, relacionando-se com diversos possíveis discursos. Por “fronteiras” entende-se como tempo e espaço ao qual cada indivíduo está presente e seus diferentes atravessamentos estruturais (material, físico) e superestruturais (mental, discursivo).

O agente social também é constituído por “identidade”, produzida através da intersecção de discursos que produzem identificação. Todavia, a intersecção não existe *a priori*, mas sim é produzida na conjuntura através de processos contingentes e, por conta disso, há uma constante possibilidade de transição entre as diferentes posições de sujeito através da identificação e afetividade pelas formações discursivas¹⁷ presentes. Na contramão de perspectivas essencialistas sobre a constituição subjetiva dos indivíduos e das motivações das massas, essa noção de identidade precisa ser entendida em direta relação com o momento a qual os agentes sociais estão inseridos. O “povo” não está predeterminado, estático e hermético: o que garante o apoio da massa é a capacidade do locutor tocar o íntimo das pessoas, seja através de seus

¹⁶ Conjunto que agrupa a visão de mundo, a moral, a ética, o simbólico etc.

¹⁷ De acordo com Michael Pecheux, “[...] formação discursiva [é] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PECHEUX, 1995, p. 160)

planos para a solução de problemas, de propostas para o futuro da sociedade e/ou do reconhecimento (identificação) produzido nas pessoas.¹⁸

Interessante notar que há um duplo movimento dialético (contraditório) nesse processo: 1) há a não fixação representada pela possibilidade de transição entre diferentes formações discursivas e; 2) uma não fixidez essencial representada pelas fronteiras abertas e determinadas que demonstram as várias (porém finitas) possibilidades de constituição do agente social. O primeiro movimento se faz presente nas mudanças de governos ocorridas em eleições, em que partidos ideologicamente distintos são eleitos a depender da conjuntura política. Assim, pode-se perceber que se existe alguma essência imutável na população, esta certamente não é de cunho político-ideológico. Já o segundo movimento representa a história política de um dado território. As classes políticas possuem raízes históricas que determinaram a sua existência. Sejam elas de caráter econômico, político e/ou cultural, suas características são frutos da história. Logo, não há como afirmar que existam infinitas formações hegemônicas em uma eleição: as fronteiras são abertas para os vários caminhos que o eleitor pode seguir, porém são determinadas até as limitações da condição dos partidos políticos existentes.

Não havendo uma essência intemporal do indivíduo, Mouffe afirma que “[...] temos de conceber a história do sujeito como a história de suas identificações e que não existe identidade oculta a ser resgatada.” (Id. Ibid. p. 98); ou seja, a vitória e o reconhecimento de uma dada formação hegemônica em um tempo-espacó determinado possuem características que só podem ser explicadas pela materialidade das relações, por sua circunstância e, mais importante, por sua contingência. Nesse sentido, o agente social é autêntico na medida em que não existe predeterminação absoluta sobre as suas escolhas políticas.

Ao seguir essa linha reflexão, os escritos de Antonio Gramsci (2017a, 2017b) proporcionam caminhos para entender a formação do agente social. Escrevendo a respeito da vontade coletiva na materialidade das relações sociais, o autor afirma que

O processo de formação de uma determinada vontade coletiva, para um determinado fim político, é representado não através de investigações e classificações pedantes de princípios e critérios de um método de ação, mas como qualidades, traços característicos, deveres, necessidades de uma pessoa concreta, o que põe em

¹⁸ Ao entender que a maior parte de um país consome determinados produtos culturais e que estes possuem como representantes pessoas artistas renomadas pelo público, a posição social destas é influente em diversas camadas sociais. O processo de identificação entre o público e a pessoa artista indica uma correlação de identidade entre ambas, logo, parte das indicações que o lado influente dessa relação (artistas) produzir será aceito pelo lado influenciado (a população), vide as diversas empresas que em suas propagandas e publicidades utilizam de pessoas famosas para garantir maiores aquisições de seu produto. A partir disso, pode-se aferir que a influência dessas pessoas não se resume a compra de produtos, mas também nas opções políticas e ideológicas (entre outras). Tal poder será mais bem explorado nas discussões sobre o objeto deste trabalho no capítulo 2 e 3, por ora retornemos à conceituação deste tópico.

movimento a fantasia artística de quem se quer convencer e dá uma forma mais concreta às paixões políticas (Gramsci, 2017b, p. 11).

Aqui está expressa a necessária constituição de uma força coletiva que legitime a formação hegemônica para então instaurar o consenso. Essa força é produzida através do que Mouffe intitula “articulação”: “esforço constante para estabelecer [...] vínculos históricos, contingentes e variáveis” [...] entre as diferentes posições de sujeito (Mouffe, 2019, p. 98).

A concepção antiessencialista descarta a ideia de que haja uma identidade *a priori* que nasça com os indivíduos e, por conta disso, defende que a articulação é produto contingente nascido das diferentes formações discursivas que podem (ou não) gerar identificação em massa e, por consequência, legitimização popular. A articulação está em direta relação com “[...] a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno, a vontade como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo” (Gramsci, 2017b, p. 15) que busca dar vazão aos seus problemas de classe.

Interessante notar que, para além de um movimento que busca coligar apoio e legitimidade, a articulação busca o afeto e intimidade do “povo” em forma de identificação. É nesta segunda característica que os artistas do sertanejo se inserem: são a conexão afetiva e articulatória entre Bolsonaro e a população brasileira; a busca de identificação produzida artificialmente entre o “povo” e o político populista.

A relevância no debate sobre populismo que costumeiramente é associada aos partidos e políticos populistas, é invertida e posta na força do “povo”. Não mais uma massa amorfa e controlada, e sim uma massa articulada disposta a criticar e forçar mudanças na estrutura hegemônica da sociedade. O discurso político populista não está acima, numa linha de confluência com o “povo”, e sim na horizontalidade com o público-alvo do populismo.¹⁹ A estratégia populista precisa se adequar às demandas postas pelos agentes sociais, além de garantir que o projeto e a formação hegemônica afetem o íntimo das pessoas a ponto de garantir seus votos nas eleições.

Na medida em que a autenticidade do agente social se faz presente em seu posicionamento político, em sua organização coletiva e nas suas opções nas eleições, o *establishment* político, indiferente às demandas da população, está ameaçado. A ordem, não conseguindo absorver as demandas postas, se coloca como inimiga, alimentando o conflito com o próprio “povo”. Nesse sentido, o “povo” é a parte principal do “momento populista”. Sua

¹⁹ Podemos pensar na balança como metáfora para este caso: em dado momento, o povo pode ter maior relevância e “poder político” (Poulantzas, 1980); em outro, a comunicação populista pode incutir seus planos econômicos e ideológicos dentro do imaginário coletivo do “povo”.

atuação política é capaz de influenciar as estratégias dos blocos hegemônicos em disputa, retorcendo a apatia social necessária para que a dominação política e econômica siga sem percalços. O indivíduo experiencia o mundo a partir de seu corpo e mente; as decisões por ele tomadas tem resquícios tanto da materialidade de sua existência, quanto de sua interpretação do mundo; ambas atravessadas pelos discursos políticos.

A intersecção entre o conceito de “Agente Social”, apresentada neste tópico, e de Populismo, dissertada no tópico anterior, possibilita algumas desconstruções frente à ideia de “povo” e a relação com o político populista. Nos momentos populistas, há de um lado a autenticidade do Agente Social e, do outro, os interesses e práticas do político populista, ambos em confluência para determinar quais serão as perspectivas discursivas sobre a ação política – seja a do “povo” ou do político – frente aos problemas da sociedade em questão. Tal intersecção é imprescindível para avançarmos dentro da reflexão com intuito de promover uma leitura minuciosa das relações políticas entre o “povo” e seu possível futuro representante, eliminando as noções básicas que defendem a capacidade do discurso populista de controlar as pessoas e seus interesses.

Após esse exercício, é necessário refletir sobre o fio condutor de todos esses grupos. Na história recente, vimos massas heterogêneas se organizando em prol de objetivos coletivos (Ali, 2012; Castells, 2013; Oliva; Khoury, 2013). As perguntas que ficam são as seguintes: o que ou quem possibilita a colaboração de um grupo tão plural? Como e através de qual mecanismo o “povo” se forma e se mantém? O próximo subtópico tentará respondê-las.

1.3 A CADEIA DE EQUIVALÊNCIA E O SIGNIFICANTE VAZIO: O FIO CONDUTOR DO POPULISMO

Partindo de um famoso ditado brasileiro, vislumbraremos o início dessa discussão: “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. O ditado apresenta a ideia de que se em dado contexto de desentendimento entre duas partes, o “eu” e o “outro”, haver uma terceira parte conflitando com o “outro”, esta parte extra será aliada do “eu”. Percebe-se que a aliança não é formada pelo conflito originário da história, e sim pela inimizade compartilhada em relação ao “outro”. O antagonismo, além de ser força motriz do populismo, é, também, da constituição de um “povo”.

As noções de “nós” e “eles” criam num contexto discursivo dois grupos diferentes. A formação de um “povo” e de uma “elite” parte da situação histórica em que os agentes sociais estão. No populismo, há mais do que apenas as similaridades de classe, raça, etnia e gênero entre as pessoas que constituem o “povo” (indicativos costumeiramente utilizados como demarcadores na formação de movimentos sociais), parte relevante da formação do “povo” se

faz presente na conjuntura política e econômica que afeta a todos os sujeitos do grupo. Para melhor compreendermos essa passagem, analisemos os casos citados no final do tópico anterior.²⁰

O movimento “Os Indignados” na Espanha mobilizou cerca de 100 mil pessoas por todo território espanhol no dia 15 de maio de 2011. Já nos Estados Unidos da América, o “Occupy Wall Street”, um dos movimentos sociais mais marcante do século daquele país, ocorreu no dia 17 de setembro de 2011. Em território brasileiro, as *Jornadas de Junho* que iniciaram com o Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP), no começo daquele mês, no dia 20 de junho mobilizaram mais de 1 milhão de pessoas. O que todos esses movimentos sociais insurgentes, além do momento histórico, têm em comum? Quais eram as motivações que levaram tantas pessoas a se manifestarem?

Os espanhóis estavam indignados com os banqueiros que derrubaram a economia de seu país para manter os lucros frente à eurocrise, com os políticos mais preocupados em garantir o cargo político do que em atender às demandas da população e, principalmente, estavam empenhados em debater sobre o que significava democracia e como alimentá-la naquele contexto (Castells, 2013).

Em consonância, os norte-americanos estavam “protestando contra um sistema de capital financeiro despótico: um vampiro infectado pela ganância que sobrevive chupando o sangue de quem não é rico” (Ali, 2012, p. 66) e contra um governo que depositou verbas públicas para salvar bancos em crise devido ao estouro das bolhas de especulação imobiliária.

Brasileiros que viam a qualidade de vida decrescer, o país se preparando para receber as Olimpíadas e a Copa do Mundo com gastos públicos exorbitantes, que observavam os diversos escândalos políticos e as demandas por políticas públicas não sendo atendidas, entre outras problemáticas daquele tempo, se mobilizaram e em conjunto foram às ruas protestar por seus direitos (Oliva; Khoury, 2013).

Percebiam que o fio condutor que agregava as pessoas aos grupos em formação eram questões que atravessavam a todas elas. Questões essas do âmbito político e econômico onde reforçavam as noções de “nós” e “eles”, ou melhor dizendo, de “povo” e “elite”. A constituição dos grupos partira das demandas aglutinadas nestes contextos. A instabilidade da ordem hegemônica em conjunto com os conflitos protagonizados pelos “povos” de cada região produz

²⁰ Estes casos são momentos históricos tidos como experiências populistas: processos que desembocaram da crise de 2008 e das ações políticas do Estado, quando a população identifica a queda da qualidade de vida e de propostas financeiras para as elites econômicas lidarem com a crise e, como resposta a essas ações, se mobilizam coletivamente enquanto “povo” contra uma “elite”.

o campo perfeito para o populismo: a causa, instabilidade da ordem expressa nas diferentes crises, e a consequência, o “povo” em formação e mobilização. O que queremos inferir é que os movimentos populares possuem, em seu cerne, práticas que também estão presentes nas estratégias populistas de candidatos. Além dessa correlação, são nestes coletivos movimentos históricos que a semente para “momentos populistas” germina.

Diferente das concepções que enxergam a formação de mobilizações políticas através da ideologia compartilhada entre os indivíduos, entendemos que “[...] ‘o povo’ não é uma expressão de natureza ideológica, mas uma relação real entre agentes sociais. É, em outras palavras, um modo de constituir a unidade de grupo” (Laclau, 2013, p. 122).

Agora não é mais o partido ou qualquer outra formação política institucionalizada que garante a união desse grupo, mas sim as demandas aglutinadas e não assistidas. Para que sejam compiladas e defendidas pelo “povo”, é necessário que haja sentido coletivo; uma certa equivalência entre elas. É nesse processo que se desenvolve a Cadeia de Equivalência. Os desejos aglutinados em contextos de crise os tornam equivalentes entre si. Dentro do “povo”, mesmo que haja pluralidade entre as partes que o compõe, a união permanece através do equilíbrio e equiparação das demandas de todas as pessoas pertencentes.

Assim, temos aqui a formação de uma fronteira interna, uma dicotomização do espectro político local através da emergência de uma cadeia equivalente de demandas não atendidas. [...] Em um nível muito incipiente, elas começam a constituir o “povo” como um ator histórico potencial (Laclau, 2013, p. 124).

A noção de Cadeia de Equivalência possibilita compreender o surgimento de um “povo” em momentos de crise. Os objetivos, muitas vezes “coletivados”²¹, são a expressão de uma espécie de “vontade geral” (Rousseau, 1999) do grupo, algo que ultrapassa as noções de empatia e reciprocidade. O fôlego presente nos movimentos sociais advém de um objetivo em comum, aquilo que une as diferentes demandas e que dá sentido à união das pessoas. A junção das demandas em compatibilidade mútua é determinante para o surgimento de um “povo”, pois é este traço que garante o poder político do agente social.

Logo, contraditoriamente, não são as partes da Cadeia de Equivalência (demandas aglutinadas) que produzem essa força condutora. Se tudo é equivalente, não há onde depositar o papel mobilizador de todo o processo político. Não há significantes diversos dentro do significado “povo”. Logo, por consequência e/ou solução, se faz presente o Significante Vazio:

um significante vazio só pode surgir se há uma impossibilidade estrutural da significação e apenas se essa impossibilidade puder significar uma interrupção (subversão, distorção etc.) da estrutura do signo. Ou seja, os limites da significação só podem anunciar a si mesmos como impossibilidade de realizar aquilo que está no

²¹ No sentido de que as diferentes demandas individuais passam a fazer sentido através do coletivo, transformando uma demanda específica em parte de um propósito maior.

interior desses limites – se estes pudessem significar-se de modo direto, seriam internos à significação; logo, não seriam limites em absoluto (Laclau, 2011, p. 66).

É na diferenciação produzida externamente ao “povo” onde estão as possibilidades de resolução dos processos de equivalência. Se, por um lado, as demandas se inserem numa relação de fusão de significantes, por outro se transformam em uma unidade²²; onde só há demandas, não há recurso que as atenda. O Significante Vazio, impossibilitado de expressão dentro do grupo, se prende a algo e/ou alguém externo: uma ideia ou pessoa que lidere e encaminhe a Cadeia de Equivalência à sua solução. No contexto de análise deste trabalho, Jair Messias Bolsonaro incorpora esta posição e discursivamente reafirma a ideia condutora da Cadeia de Equivalência. As características da atuação política de Bolsonaro serão abordadas durante o capítulo 2. Por ora, é válido indicar que o título de populista advém das ações do político durante seus pronunciamentos públicos que convergiram com esta posição de poder intitulada Significante Vazio.

Qual seria essa ideia ou pessoa? O que define o caminho do “povo” e a exclusão de todos os outros? Para responder a essas indagações, precisaremos resgatar as noções de antagonismo e de formação hegemônica (Mouffe, 2019).

O antagonismo, força motriz do populismo (Mouffe, 2019), se fortalece na medida em que crises se aprofundam. A crise de 2008 resultou numa série de movimentos sociais pelo mundo que buscavam elencar os “vilões” das histórias e projetar novas possibilidades de organização de nossa estrutura social. Se por um lado os “vilões” eram cartas marcadas (*o establishment* como um todo), por outro, os novos moldes de sociedade e seus atores ainda não estavam bem definidos. Um novo plano de sociedade precisava surgir como resposta aos anseios e demandas daqueles “povos”.

Na história humana (vide as recentes experiências populistas já citadas nos tópicos anteriores), são nesses contextos em que surge um líder com discursos apaixonantes e retoricamente práticos, prometendo solucionar todos os problemas de maneira simples e rápida, se colocando como parte integrante do “povo”. É através desse processo político que a Cadeia de Equivalência encontra recanto e o Significante Vazio é incorporado. Devido a sua

²² “Um primeiro efeito do limite excluente é que ele introduz uma ambivalência essencial no interior do sistema de diferenças que esse limite institui. Por um lado, cada elemento do sistema só tem uma identidade, na medida em que é diferente dos outros: diferença = identidade. Por outro, todas essas diferenças são equivalentes umas às outras, na medida em que pertencem ao lado interno da fronteira de exclusão. Mas, em tal caso, a identidade de cada elemento do sistema é constitutivamente dividida: por um lado, cada diferença expressa a si mesma como diferença; por outro, cada uma delas anula a si mesma enquanto tal ao entrar numa relação de equivalência com todas as outras diferenças do sistema” (Laclau, 2011, p. 67).

capacidade discursivamente representativa das demandas populares, o líder está entre os papéis centrais nas experiências populistas.

Para além de sua imagem e discurso próprio, o líder precisa estar atento às demandas que estão sendo postas. Não há discurso político efetivo que ignore os problemas reais da população a quem ele se dirige. Como projeto, mesmo que mal formulado, a formação hegemônica apresentada pelo líder necessita cativar. Os resultados dessas tentativas de incorporação do Significante Vazio se mostram, entre outros casos, nos resultados eleitorais.

É nesse processo, também, que os artistas do sertanejo possuem papel fundamental de cativar e possibilitar a incorporação da representação/identificação. O Significante Vazio, mesmo que externo ao grupo, está correlacionado com a Cadeia de Equivalência. Através dos processos de articulação e identificação pensados por Mouffe, a ideia e/ou líder que mobiliza o grupo toca o íntimo do “povo”. Para além de planos de governo que façam sentido material no momento de crise posto, a comunicação política precisa produzir crença, consenso e legitimidade. Quanto mais as ideias e figuras políticas forem próximas e íntimas das pessoas, maior a sua efetividade na incorporação do Significante Vazio. Os artistas do sertanejo que estavam próximos ao Bolsonaro serviram como catalisadores dessa aproximação, produzindo a identificação em massa tão importante para a estratégia populista.

A proposta deste trabalho consiste em compreender como as motivações que movem os eleitores a votarem em um certo candidato, tendo como base que as escolhas individuais são influenciadas pelas contingências do momento histórico, são atravessadas pela estratégia política de Bolsonaro. Os conceitos abordados neste tópico nos aproximam de uma compreensão mais profunda sobre as decisões pessoais, a formação de “povos” e a constituição de identidades coletivas, essencial para as reflexões sobre populismo.

Os conceitos apresentados partiram da interpretação das pessoas organizadas em “povos”. O que ainda falta entender é como o populismo afeta a subjetividade de cada indivíduo, a expressão íntima das Cadeias de Equivalência e da crença no Significante Vazio. O processo de identificação entre eleitores e candidato é permeado pelas diferentes estratégias utilizadas durante a comunicação populista, logo é importante que compreendamos parte desta relação e apontemos, através de conceitos que abordem esta questão, como Bolsonaro se apropriou desta lógica e atingiu seus objetivos eleitorais. O apêndice por nós produzido busca relacionar estes conceitos com uma perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud. Recomendamos a leitura para que o entendimento de reflexões futuras esteja amparado por esse referencial teórico.

Refletir sobre o que mantém um “povo” unido possibilita transportarmos tais noções para a realidade brasileira e, a partir da aplicação dos conceitos, avançar no entendimento sobre o que permeou a atuação de Jair Messias Bolsonaro frente ao “povo” ao qual ele direcionou seus discursos. Para este fim, busquemos as características da prática política de Bolsonaro e suas performances, assim como se dá a relação entre parte da cultura e história brasileira com os discursos produzidos pelo político.

CAPÍTULO 2 – BOLSONARO E CULTURA POPULAR: PERFORMANCE NATIVISTA ENQUANTO REPRESENTATIVIDADE

Jair Messias Bolsonaro tornou-se relevante para a política nacional após o ano de 2013. O político começou a virar assunto no país devido às diversas críticas ao governo na liderança do executivo, visto que Bolsonaro se mostrava como uma alternativa para a política tradicional ao mesmo passo que uma oposição ideológica. Mesmo após a reeleição de Dilma Rousseff pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 2014, Bolsonaro continuou a ganhar notoriedade. Devemos analisar quais são as fontes históricas dessa ascensão na recente história democrática brasileira e, por isso, retornemos ao marco inicial da crise geral brasileira: crise de 2008 e suas complicações no Brasil.

2.1 UM BREVE CONTEXTO DA RAIZ DO POPULISMO BOLSONARISTA

Na primeira década dos anos 2000, a população brasileira foi marcada por prosperidade econômica e novas possibilidades pós-materialistas (Vieira, 2021). Devido aos processos do ciclo de produção do capital e planejamentos econômicos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), o Brasil pôde experenciar possibilidades de lazer e qualidade de vida. A noção de democracia e justiça estavam aliadas e produzindo bem-estar na população. Este momento encontra o início de seu fim na crise de 2008.

As consequências da crise afetam fortemente o país nos anos seguintes. O PT permanece na liderança do Executivo, entretanto a popularidade do partido começa a se diluir. Dilma Rousseff, primeira e, até então, única mulher presidente do Brasil, assume a presidência em 2011, fruto das eleições de 2010. Ao ingressar na liderança no período de aprofundamento dos resultados da crise, o desafio está posto:

Dilma Rousseff assumiu a presidência, em 2011, sustentada no compromisso de continuidade do legado deixado por seus antecessores. A presidente, no entanto, se deparou com um cenário econômico menos favorável, uma vez que o Brasil começava a sofrer os reflexos da crise econômica internacional, iniciada em 2008. O conturbado cenário econômico internacional aliado a questões domésticas requeria que o governo implementasse uma política macroeconômica de reajuste fiscal por meio do aumento dos impostos ou de cortes nos gastos, o que não aconteceu. O insucesso das políticas econômicas do governo Dilma resultou na redução das taxas de crescimento econômico em comparação àquelas registradas nos anos anteriores, endividamento, desaceleração industrial, elevação da taxa de juros, dos índices de inflação e queda das exportações (Vieira, 2021, p. 42).

Os reflexos da crise não param apenas na economia do país. A popularidade do PT, até então detentor da hegemonia política há quase 10 anos, se enfraquece lentamente nos primeiros

anos do governo Dilma. A imagem popular do partido começa a ser manchada através da realidade material dos brasileiros. Em paralelo, outras movimentações no âmbito político-institucional alinhadas ao espectro conservador estavam progredindo.

O enfraquecimento político-hegemônico do partido, resultado das crises em curso, resvala na popularidade do PT. Não obstante, o Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP) em conjunto com as “Jornadas de Junho”, estouraram o consenso produzido pelo PT nos últimos anos. Iniciado para brecar o aumento do passe de ônibus em São Paulo, o movimento expandiu para diversas outras demandas que existiam naquele momento:

Nem a alta do dólar ou o aumento da inflação podiam ser o motivo decisivo das revoltas. Ao contrário, a perplexidade adveio da manifestação puramente política, ainda que detonada pelos aumentos de tarifas de transporte público. Elas baixaram em mais de cem cidades e, ainda assim, as manifestações prosseguiram (Secco, 2013, p. 74).

O descontentamento com a situação do país resultou em um dos movimentos mais relevantes da história brasileira. Expressou não apenas as problemáticas daquele tempo, mas sim as fissuras do *establishment* político. Mesmo com a reeleição de Dilma Rousseff, em 2014, os desconfortos da população com o PT não estavam apaziguados.

Aumentando as tensões já postas pelos episódios anteriores, a Operação Lava Jato²³ foi outra peça marcante desse período de crise política brasileira (Bello et al., 2021). Os escândalos advindos do avanço da operação geraram no consciente coletivo uma descrença na capacidade de organização justa e efetiva do governo. O alto escalão do partido envolvido em esquemas de corrupção queimou a boa imagem que fora construída nos anos anteriores e, das cinzas, surge uma outra: o PT é corrupto. Durante esse período, surge o antipetismo, uma posição política que determina, sobretudo, o ataque ao partido e às suas noções ideológicas.

De acordo com Jairo Nicolau, “o antipetismo estaria associado sobretudo ao conservadorismo comportamental e à corrupção” (Nicolau, 2020, p. 74), uma resposta ao posicionamento ideológico do Partido dos Trabalhadores – historicamente à esquerda do espectro político, com discursos mais progressistas e propostas próximas a uma social-democracia – e aos escândalos envolvendo o alto escalão do partido. Devido a este momento histórico, em conjunto com as demandas não atendidas pelo partido e a propagação de notícias sobre a Operação Lava Jato, a população desacredita na capacidade dos políticos petistas resolverem as problemáticas econômicas e sociais postas. O antipetismo foi uma resposta do

²³ A Operação Lava Jato foi uma iniciativa da Justiça Federal brasileira que visava combater a corrupção no país. Ela foi iniciada em 2014, na cidade de Curitiba, e teve um impacto significativo na política e na sociedade brasileira. Inspirada na Operação Mão Limpas, que ocorreu na Itália nos anos 1990, a Lava Jato investigou esquemas de corrupção envolvendo a Petrobras, uma das maiores empresas estatais do Brasil.

descontentamento da população que fora catalisado pelos novos discursos produzidos por parte das forças políticas opositoras em ascensão.

Essa oposição compõe esse brasileiro quebra-cabeça político, visto que esses movimentos aliados à direita brasileira estavam rodeando a população. Após o acalmar das ebullições de 2013, os discursos da massa se concentram em dois pontos principais:

[...] 1) que existia uma impunidade por partes dos agentes políticos e, portanto, merecem uma punição rigorosa; 2) a lei é para todos, logo a punição deve ser igualmente para todos. Essas características de amplo fundo moral geraram um grande consenso acerca da punição dos agentes. Toda a corrupção ligada a operação Lava Jato se concentrou em figuras políticas, principalmente do Partido dos Trabalhadores, o que gerou um forte sentimento de antipetismo (Vechi, 2019, p. 40).

Nesse processo, o discurso que prega o antagonismo entre o Partido dos Trabalhadores e a população brasileira começa a ganhar força. Enfraquecido após uma crise econômica e envolvido em escândalos políticos, o partido passa a ser visto como um inimigo do “povo”, da moral e dos bons costumes.

Em 2014 e adiante, organizações políticas começaram a utilizar desta insatisfação coletiva para fins político-partidários, algo que até então não tinha se concretizado dentro dos movimentos. O “Vem Pra Rua”, o “MBL” – Movimento Brasil Libre, “Nas Ruas” e os “Revoltados On Line” estão entre os principais grupos protagonistas dessas movimentações (Gohn, 2017). Os anos subsequentes às eleições de 2014 foram marcados por manifestações organizadas pelos grupos aliados à direita brasileira.

O resultado dessas estratégias em conjunto com o desenrolar das crises se mostra no rumo tomado pela política brasileira: “a crise econômica e político-institucional aliada aos interesses em jogo e à baixa popularidade da Presidente Dilma Rousseff junto à opinião pública desembocaram no processo de impeachment e, sua deposição em agosto de 2016” (Vieira, 2021, p. 44).

É nesse contexto que a figura de Jair Messias Bolsonaro começa a receber holofotes. Deputado por quase três décadas (1990 a 2018), possuía pouca notoriedade política. No frigir da crise em 2011, o político começa a se pronunciar mais ativamente com discursos conservadores e tradicionalistas (Nicolau, 2020). O chavão “em defesa da família tradicional” torna-se o carro chefe de seus posicionamentos. Sua postura, pouco comum dentro do *establishment* político, chamava a atenção das mídias. Aos poucos, o então parlamentar ganhara atenção.

Desde 2011 até o lançamento de sua candidatura em setembro de 2018, o político manteve sua imagem próxima das mídias com pronunciamentos chocantes. O incansável lema “Deus, Pátria e Família”, repetido por Bolsonaro, indicava suas posições ideológicas

neoconservadoras (Martins; Alvez, 2022). Pode-se afirmar que posições ideológicas sempre são postas nas disputas políticas, um artifício usado para diferenciar as partes que compõem o jogo da candidatura. O que muda no contexto aqui analisado é a inclusão do antipetismo e o posicionamento anti-*establishment* no discurso bolsonarista, típico da estratégia populista baseada que se estabelece através do forte antagonismo discursivo.

A análise do discurso bolsonarista produzida por Liziane Guazina, Ana Gabriela Guerreiro e Bruno Araújo, demonstrou a utilização das ideias de anticorrupção presentes no consciente coletivo da população por parte de Jair Bolsonaro e

[...] apontou que o tema apareceu de forma transversal nos discursos ou trechos de manifestações oficiais, perpassando vários temas/assuntos do repertório conservador vinculado à agenda ideológica bolsonarista, numa espécie de “pot-pourri” da reprovação moral. Mais da metade dos discursos apontam para o PT, dirigentes e aliados como grandes culpados da corrupção e da crise política brasileira, identificando-os como ameaças à democracia em virtude das ligações políticas com Venezuela, Cuba e grupos como as FARC colombianas. Assim, o tema foi estrategicamente tratado a fim de reforçar o antagonismo em relação ao PT e as suas lideranças, aliando o antipetismo ao antiestablishment (uma vez que o establishment era representado pelo governo de Dilma Rousseff e até mesmo a Rede Globo, como indicam os discursos) como faces importantes de construção do “outro” ou do “eles” na lógica populista (Guazina et al., 2023, p. 19).

É visível a postura antipetista que obteve força a partir da crise política e econômica que ali surgiu. Já as noções conservadoras são um contraponto às noções ideológicas progressistas do PT, em que a sua suposta ineficácia tenha causado os problemas que o “povo” viveu durante os anos após 2008.

Apresentado este breve contexto do surgimento de Jair Bolsonaro no consciente coletivo da população, aprofundaremos as correlações do papel do político no período histórico comentado com as características do populismo já debatidas neste texto. Importante reconhecer que as ideias de antagonismo estão presentes no discurso de Bolsonaro. O antipetismo é parte da essência do discurso bolsonarista.

2.1.1 Antagonismo, Cadeia de Equivalência e Significante Vazio do bolsonarismo

Iniciemos com a própria noção de antagonismo, força motriz do populismo. No tópico acima, reforçamos os posicionamentos antipetistas e anti-*establishment* de Bolsonaro. A lógica presente nessa postura, além da tentativa de distanciamento de seu oponente, pretendia reforçar a desvinculação da figura de Jair Messias Bolsonaro dos problemas que surgiram desde 2008. A “elite” causadora do problema daquele período foi personificada no PT – a ponto de receber um contramovimento com nome próprio – por ser o governo que detinha a hegemonia política

naquele momento histórico. Essa ação de desvinculação e distanciamento da elite política pode ser entendida como uma estratégia populista, na medida em que ações semelhantes ocorreram em outras experiências políticas ao redor do mundo. Em movimentação dialética com essa estratégia, Bolsonaro ao se afastar da “elite”, se aproximava do “povo”.

A profunda insatisfação do “povo” encontrava identificação em Bolsonaro. A postura conservadora, patriótica e sem escrúpulos, produzia a sensação de que este político era diferente dos outros. Diferente das ações do PT que partiam de pautas progressistas em seus pronunciamentos públicos, o *outsider* foi na contramão da política hegemônica naquela época. A população e as demandas não assistidas buscavam algo que lhes pudesse surpreender, dar-lhes rápidas respostas e resultados. O bolsonarismo nasce deste contexto, na busca de um bloco hegemônico diferente, que incorporasse [...] “um conjunto de suposições sobre o que é justo e correto e o que não é” (Fraser, 2017, p. 45), assim definindo os papéis de vilão (PT) e herói (“povo” e Bolsonaro) bases do populismo.

Para compreender a questão aqui posta é necessário se atentar às intersecções entre discurso, matéria e consciente coletivo. O discurso, imbuído de sentido através da realidade material, atinge o consciente da população de diferentes formas (Laclau, 2013). Caso a comunicação política se aproprie do momento histórico para incutir perspectivas políticas e ideológicas que produzam sentido na mente das pessoas, o discurso possibilitará que a força política dos eleitores seja direcionada. Não se trata de um simples controle de mentes por parte do discurso, mas sim um processo de leitura da realidade aliada a capacidades discursivas que, por fim, possibilitarão os resultados políticos eleitorais desejados. Nesse sentido, é necessário que o político populista esteja atento às demandas populares de seu tempo para que o discurso tenha significado popular. A Cadeia de Equivalência, base das demandas populares aglutinadas e imbuídas de sentido coletivo, precisa ser compreendida para tal feito.

No Brasil em período do pós-crise de 2008, podemos entender a Cadeia de Equivalência a partir do avanço dos movimentos populares. As demandas foram se aglutinando na medida em que a crise se aprofundava. Se em um primeiro momento as requisições partiram do valor do passe de ônibus em São Paulo, noutro, as questões se desenrolaram a nível nacional. Debates sobre corrupção, atuação política e democracia compuseram aquela primeira demanda. Em 2015 e 2016, as manifestações contra a corrupção e a favor do *impeachment* demonstram o salto das demandas.

A Cadeia de Equivalência que vinha se formando desde as primeiras consequências da crise econômica, dos escândalos advindos da Operação Lava Jato e da posterior crise política, encontram a sua resolução numa nova figura política. Como resposta a todo esse momento

histórico, o “povo” enxerga em Jair Bolsonaro a solução para todas essas demandas. O Significante Vazio começa a ser incorporado pelo político:

Bolsonaro buscou canalizar os difusos desejos de mudança, surgidos no junho de 2013, de uma maneira diferente do que o campo político havia oferecido aos eleitores até então: ele não era simplesmente uma alternativa ao PT e ao PSDB; ele era o antissistema, o defensor da ditadura; o “politicamente incorreto” que tinha coragem de dizer-se incomodado com gays, negros e mulheres feministas (Martins; Alvez, 2022, p. 3).

Jair Messais Bolsonaro se promoveu como antítese da política que vinha sendo construída há mais de 10 anos. O discurso do político se apresentou como conservador (resposta ao progressismo) e *outsider* (resposta às elites políticas tradicionais), assumindo a posição que quebrara com grande parte das posturas do *establishment* político. Esse movimento discursivo não apenas buscava promover o Bolsonaro como solução dos problemas, mas também indicar quais eram os vilões da história.

Percebemos que a força política de Bolsonaro não partiu apenas de suas ações. As consequências da crise econômica que posteriormente desembocaram em crises políticas e culturais, produziram o terreno fértil para o surgimento de figuras anti-*establishment*. As autênticas demandas postas e não atendidas durante esse período, construídas pelos agentes sociais brasileiros (o “povo”) ao longo dos anos, depositaram na figura do então deputado a possibilidade de mudança²⁴.

Outro fator importante na corrida eleitoral de 2018 está presente na “postura cultural” dos candidatos. Tanto para compreendermos o objeto aqui debatido quanto para o foco de nossa investigação, devemos nos ater a como os discursos políticos acerca e através da cultura se relacionam com a política e se alinham às posturas populistas. As produções de autores como Pierre Ostiguy, Melanie Schiller e Mario Dunkel possibilitarão a compreensão desse fenômeno no próximo subtópico.

2.2 ABORDAGEM SOCIOCULTURAL DO BOLSONARISMO: POPULISMO À LUZ DA CULTURA

O avanço dos estudos sobre populismo possibilitou a compreensão mais aprofundada de tal experiência política. Questões em torno de aspectos econômicos, políticos e ideológicos

²⁴ Em relação ao lançamento da candidatura oficial de Bolsonaro, há detalhes interessantes a serem comentados. Diferente da costumeira propaganda eleitoral, o Bolsonaro teve pouco espaço na TV aberta brasileira em 2018 devido ao seu partido, Partido Social Liberal (PSL), e seu baixo número de deputados federais. Como solução, o ex-presidente conseguiu manter a sua relevância nas redes sociais, nova ferramenta político-comunicacional, e se comunicava através das mesmas. A eficácia da apropriação das redes por políticos populistas está comprovada por estudos sobre as mídias sociais e seus alcances. (Sousa, 2022)

foram essenciais na constituição dos mosaicos debates sobre o conceito. Entretanto, há uma parcela desse objeto de estudo que ainda foi pouco explorada: a cultura.

Dentre os textos produzidos na última década, o conceito de populismo foi imbuído por debates culturais e tal junção passou a receber atenção ao demonstrar a forte relação entre ambos. Autores como Pierre Ostiguy, Melanie Schiller e Mario Dunkel se envolveram na missão de abordar socioculturalmente o populismo, dissertando sobre a intersecção entre política e cultura, contribuindo para reflexões a respeito dessa correlação tão presente — devido às noções básicas de sociedade — em todos os ambientes; e é este exercício que desenvolveremos neste tópico.

Já apresentamos as bases para o nosso entendimento sobre o novo populismo que, dentre suas variadas experiências no mundo, contém o antagonismo entre “povo” e elite política, a formulação de um povo com identidades alimentadas pela Cadeia de Equivalência e a figura de líderes e/ou ideias condutoras inclusas na concepção de Significante Vazio (Laclau, 2013). Além destas características, a real execução ideológica — ou seja, a atuação política efetiva — não possui papel central no fazer populista, já que a comunicação e discurso não são necessariamente condizentes com as práticas políticas após a campanha e eleição. Entretanto, se faz presente no discurso algo que incorpora e aproxima o “povo” da futura liderança, na medida em que, sem identificação e reconhecimento de que aquele candidato resolverá os problemas, não há votos.

No entorno das experiências populistas, há atuações que se repetem — inclusive em práticas ideológicas distintas — em diferentes casos. Esse fato indica um padrão constituinte do próprio populismo, comumente associado ao discurso e performance do candidato populista. Dunkel e Schiller nomearam este padrão de “culturas do populismo” (2024, p. 9, tradução nossa)²⁵. De acordo com a autora e autor, culturas do populismo remetem “[...] às maneiras pelas quais os sistemas de significado e práticas culturais funcionam para constituir, comunicar e reforçar atitudes populistas em um nível discursivo, interpretativo e performativo.” (Dunkel; Schiller, 2024, p. 9, tradução nossa²⁶).

Os produtos culturais de uma sociedade estão, em uma conexão dialética, relacionados à sua própria população. A história, a materialidade das relações e a atuação de agentes sociais são, a partir da cultura, determinantes e determinados. O candidato populista não pode ignorar tais características de seu alvo eleitoral (o “povo”), implicando, assim, a necessidade discursiva

²⁵ No original: “*Cultures of populism.*”

²⁶ No original: “[...] the ways in which systems of meaning and cultural practices function to constitute, communicate, and reinforce populist attitudes on a discursive, interpretative, and performative level.”

e performativa atrelada à cultura de sua região. Logo, “é por isso que torna a cultura popular um campo tão significativo para a performance, constituição e negociação de discursos populistas.” (Dunkel; Schiller, 2024, p. 9; tradução nossa²⁷).

As noções aqui postas indicam os caminhos que este capítulo irá trilhar, sobretudo a respeito da força cultural do populismo. Compreendamos agora como a junção da política com a cultura pode ser expressa na prática populista.

2.2.1 A convergência político-cultural do populismo: performance e discurso em destaque

É nesse contexto de análise que apresentaremos as noções de discurso e performance com sua devida relevância. Maior do que a própria real intencionalidade dos candidatos populistas, essas características de tal estilo político se sobressaem nas estratégias das campanhas e mandatos. Assim sendo, faz-se necessário compreender que o poder mutável do populismo, advindo do discurso e performance, faz parte tanto de uma luta cultural, quanto de uma disputa eleitoral. Nesse sentido,

os discursos populistas podem, portanto, ser entendidos como lutas hegemônicas pelo poder em suas tentativas de fixar significados e identidades, para ganhar o consentimento de outros grupos e para alcançar um tipo de ascendência sobre eles tanto no pensamento quanto na prática (Dunkel; Schiller, 2024, p. 6, tradução nossa²⁸).

Essas reflexões sobre as práticas populistas partem de uma abordagem sociocultural, uma perspectiva teórica que possibilita a investigação de experiências populistas através das características próprias do populismo à luz das práticas culturais – performativas e discursivas – das estratégias políticas. De acordo com Pierre Ostiguy,

Esta abordagem é, portanto, relacional, particularmente entre identidades socioculturais populares, ou traços e modos de fazer que podem então ser articulados como identidades, e uma liderança “afirmativa” (ou “ostentadora”). Há uma ênfase na “proximidade” (seja na forma de espetáculo ou de práxis comum); em segundo lugar, e igualmente importante devido ao contraste marcante com as formas “elevadas” de fazer política, os apelos populistas são transgressivos, impróprios e antagónicos no sentido em que se destinam a “chocar” ou provocar (Ostiguy, 2017, p. 105, tradução nossa²⁹).

²⁷ No original: “This is what makes popular culture such a significant field for the performance, constitution, and negotiation of populist discourses”

²⁸ No original: “Populist discourses can therefore be understood as hegemonic struggles for power in their attempts to fix meanings and identities, to win the consent of other groups, and to achieve a kind of ascendancy over them in both thought and practice.”

²⁹ No original: “This approach is thus relational, particularly between popular socio-cultural identities, or traits and ways of doing which can then be articulated as identities, and an “asserting” (or “flaunting”) leadership. There is an emphasis on “closeness” (whether in a spectacle or ordinary praxis way); second, and equally important because of the marked contrast with standard “high” ways of doing politics, populist appeals are transgressive, improper, and antagonistic in the sense that they are intended to “shock” or provoke.”

Tal abordagem se atenta aos processos de identificação, à divisão ideológica entre “baixo” e “alto” (Ostiguy, 2017) e às práticas performativas e discursivas do populismo. Nos processos de identificação, o “povo” e sua Cadeia de Equivalência exerce trocas mútuas com o líder e o Significante Vazio, ao ponto de que a prática do ator populista necessite, para que haja identificação, de alinhamento com as características culturais de seu público. E, no caso de Bolsonaro, veremos que a expressão do “baixo” é inerente à sua prática, aos seus aliados e ao seu público, fechando o sistema de identificação-representação.

É nessa proximidade com a cultura do povo que “[...] os populistas concretamente encenam - de forma antagônica - uma representação (‘ação’) da representação (‘retrato’) do povo ‘como é’” (Ostiguy, 2017, p. 105, tradução nossa)³⁰, uma performance (considerando a possibilidade de diferir da atuação política concreta) que se demonstra próxima ao povo e distante do que ele não é, ou seja, da “alta” elite.

Em duas diferentes produções, Schiller e Dunkel citam exemplos concretos da intersecção entre populismo e cultura ou, mais especificamente, populismo e música popular. Analisemos os seguintes casos apresentados pela autora e autor: Andreas Gabalier, artista austríaco e pró-partido populista “Partido da Liberdade da Áustria” e Rodrigo Duterte, presidente das Filipinas entre 2016 e 2022.

O primeiro, artista popular em países de língua alemã, se posicionou abertamente frente às eleições da Áustria durante os últimos anos. No mês de julho de 2016, em Munique, Andreas Gabalier apresentou em um show com ingressos esgotados para o público que, majoritariamente, estava com vestimentas tradicionais da cultura alemã (lederhosen e dirndl). Na semana anterior ao show, ocorreu um atentado de um jovem iraniano-alemão que abalou o país. Durante a apresentação, o artista fez referência a uma suposta crise de segurança que a Europa vinha sofrendo, aludindo ao acontecimento da semana anterior, e a conectando com a próxima canção: “A Meinung Haben”. Tal música expressa a persona de Gabalier confrontando uma “[...] elite não identificada e se apresenta como um guerreiro solitário pela liberdade de expressão. A canção, portanto, invoca o tropo populista da maioria silenciosa e questiona se a Áustria é realmente democrática” (Dunkel; Schiller, 2024, p. 2, tradução nossa)³¹.

O segundo, diferente de Gabalier, pertence à classe política, posicionado dentre as funções mais importantes do Estado filipino. Durante um evento de gala em Manila, em 12 de

³⁰ No original: “[...] populists concretely perform— in an antagonistic way—a *representation* (‘acting’) of the representation (‘portrayal’) of the people ‘as is’.”

³¹ No original: “an unnamed elite and presents himself as a lone warrior for free speech. The song thereby invokes the populist trope of the silent majority, and questions whether Austria is truly democratic.”

novembro de 2017, a cantora Pilita Corrales cantava a canção “Ikaw” (‘Você’). Na plateia, estavam importantes líderes estatais, Donald Trump e Rodrigo Duterte. Enquanto Corrales cantava, surge uma voz masculina desafinada e com o volume cada vez mais alto: Duterte havia recebido um microfone e cantou junto a musicista. Após o evento, o político revelou que

sua intervenção foi um ato de diplomacia musical. Segundo ele, Trump o desafiou a cantar junto com Corrales; ele seguiu a ordem do ‘comandante-em-chefe dos Estados Unidos’ (Rappler, 2017). Sua performance foi, portanto, parte de um jogo de poder entre dois governantes fascinados pelo encanto da autoridade. Além de honrar o pedido de Donald Trump, a apresentação musical de Duterte demonstrou seu absoluto controle sobre o evento, sua posição social excepcional, desdém pela etiqueta, espontaneidade destemida e (familiaridade) com a cultura da música popular filipina (Dunkel; Schiller, 2022, p. 281, tradução nossa)³².

A primeira situação apresentada expressa, a partir da figura de Andreas Gabalier, a interconexão entre pautas populistas de direita e a música popular. Noções como povo e elite, segurança pública e nacionalismo são costumeiramente encontradas em discursos populistas e estavam presentes no discurso do artista em sua performance.

A segunda, um pouco mais próxima do ambiente político-institucional, contém em si o dito “ato de diplomacia musical” de Rodrigo Duterte. Nesta experiência, o político conseguiu ressaltar a conexão íntima com a cultura e povo filipino, visto que a canção Ikaw é extremamente popular em seu país. Dunkel e Schiller afirmam que “ao se associar a uma canção popular, Duterte desempenhou o papel de um líder carismático que é simultaneamente ‘do povo’ e oposto à ‘elite’” (Dunkel; Schiller, 2022, p. 282, tradução nossa)³³.

Esses casos não são experiências isoladas no mundo político. Pierre Ostiguy (2017) afirma que, no fazer político, a ascensão populista na Europa e a música popular estão intimamente relacionadas, sejam elas relacionadas às práticas de campanha ou mesmo na atuação enquanto servidor público.

Neste movimento de (re)produção da identificação e representação, percebemos que a cultura é essencial. Dentre todas as expressões materiais e imateriais da Cultura, a música atravessa diversos âmbitos da vida, tornando-a indispensável na comunicação política (vide os *jingles*, canções de campanhas políticas). Sobre a força da música em contextos políticos, Dunkel e Schiller citam que

³² No original: “his intervention was an act of musical diplomacy. According to him, Trump had challenged him to sing along with Corrales; he had followed the order of ‘the commander-in-chief of the United States’ (Rappler, 2017). His performance was therefore part of a power play between two rulers fascinated with the allure of authority. In addition to honouring Donald Trump’s request, Duterte’s musical performance demonstrated his absolute command over the event, exceptional social position, disregard for étiquette, fearless spontaneity and (performed) familiarity with Philippine popular music culture.”

³³ No original: “By associating himself with a popular song, Duterte performed the part of a charismatic leader who is simultaneously ‘of the people’ and opposed to ‘the elite’.”

[...] estudiosos da música popular têm apontado que a participação na música frequentemente parece estar fora das definições de participação política. No entanto, também sabemos que a música, como uma prática discursiva, está "sempre já fundamentada no social, como uma avenida de contestação cultural ou engajamento social e político" (Peddie 2006, p. xvi). Assim, pode desempenhar um papel importante na criação, manutenção ou fortalecimento de movimentos sociais e, portanto, na transformação das condições sociais por meio de lutas por mudanças de políticas em um nível macro. Uma função política chave da música nesse contexto – além de sua capacidade de articular discursos políticos – é seu apelo afetivo [...] (Dunkel; Schiller, 2024, p. 283, tradução nossa³⁴).

O afeto, como papel mobilizador de pessoas, é intrínseco à música. Seja em festas, práticas religiosas, velórios ou no comércio, a música sempre atravessa a subjetividade de cada indivíduo, causando diferentes sensações físicas e emocionais, além de conseguir mobilizar grupos em torno de uma canção (como nos exércitos e igrejas). É por conta dessa força mobilizadora, que campanhas políticas possuem como estratégia a utilização de canções populares ou paródias que alteram os versos, mantendo a harmonia e melodia originais.

Para além da música, objeto cultural imprescindível em propagandas políticas, as pessoas artistas são outra parcela dessa relação entre política e cultura popular. Como observado em diferentes países,

Atores políticos frequentemente recorrem à música popular como uma forma de se alinhar a identificações populares, expressar solidariedades específicas ou se apresentar como 'pessoas comuns'. Para esses fins, eles podem se associar a artistas populares, compartilhar publicamente playlists pessoais, organizar eventos musicais ou tocar música em comícios eleitorais (Dunkel; Schiller, 2024, p. 283, tradução nossa³⁵).

Podemos inferir que a intersecção entre cultura (música popular e artistas) e política (campanhas eleitorais) está no bojo das práticas populistas. A música faz parte do âmbito político há muito tempo, entretanto, essa noção de aproximação, identificação e, a partir disso, da busca por se tornar representante de uma população, é profícua para as práticas populistas. O popular, assim como populismo bem aplicado na prática, contém uma discursiva e representativa aproximação com o público, o que garante notoriedade e, assim, cumpre os objetivos (monetários ou, nos casos políticos populistas, eleitorais).

³⁴ No original: "[...] popular music scholars have pointed out that participation in music often seems to fall outside of definitions of political participation (Street et al. 2008). Yet we also know that music, as a discursive practice, is 'always already grounded in the social, as an avenue of cultural contestation or social and political engagement' (Peddie 2006, p. xvi). As such, it can play an important role in creating, maintaining or strengthening social movements and thus transforming social conditions through struggles for policy changes on a macro level (Porta 2015). A key political function of music in this context – besides its ability to articulate political discourses – is its affective appeal [...]."

³⁵ No original: "Political actors frequently draw on popular music as a means of aligning themselves with popular identifications, expressing particular solidarities or presenting themselves as 'ordinary people'. To these ends, they might associate themselves with popular artists, publicly share personal playlists, organize music events or play music at election rallies."

Para compreender de forma profícua tal intersecção, retornemos às ideias de “alto” e “baixo” das performances políticas e como a concepção de popular se relaciona com estas noções. A divisãoposta, diferentemente da clássica “direita” e “esquerda”, foca na performance e práticas discursivas dos sujeitos em detrimento da ideologia.

2.2.2 O “Alto” e “Baixo”: as diferentes expressões culturais do âmbito político

As conhecidas terminologias políticas “direita” e “esquerda” demarcam posicionamentos ideológicos há mais de 3 séculos. Tendo como fonte a Revolução Francesa, foram adotadas por diversos outros contextos políticos. Entretanto, há muitas características de grupos e práticas políticas que não são definidas por este binarismo conceitual, algo que impede a compreensão aprofundada desses casos. Nesse sentido, busquemos refletir sobre outros dois conceitos binários: o “alto” e o “baixo”.

O “alto” na política representa o cosmopolitismo cultural, a globalização e, em certos contextos ideológicos, o progressismo presente na atuação política. Seja na campanha ou durante o mandato, pessoas seguem parâmetros de etiqueta aceitos no mundo político institucional, como a utilização de roupas sociais (como ternos e vestidos bem elaborados), a comunicação polida em conjunto com o decoro e os diversos rituais que compõem ambientes como o parlamento. Já o “baixo” quebra com boa parte dessas práticas, visto que se aproxima da cotidiana experiência da linguagem popular e de um certo nativismo cultural. Para melhor definir esta compreensão da cultura do “baixo” e do “alto”, devemos entender que nativismo e cosmopolitismo culturais aqui se referem às práticas culturais; os contrastes entre tradições localistas com as expressões da cultura globalizada. A respeito das performances do “baixo”, Pierre Ostiguy adiciona que

“[...] ser visto confortavelmente comendo cachorro-quente (ou *choripán*) com “os meninos”, montando confiantemente em um cavalo usando um poncho ou ser um presidente tocando saxofone e comendo fast food não são sinais de ser de esquerda, mas uma capacidade de se relacionar em certos cenários.” (Ostiguy, 2017, p. 114, tradução nossa)³⁶.

Seja por meio de palavrões, quebras de decoro ou ações que fogem aos padrões ocidentais institucionais, o “baixo” melhor comunica as intenções, personalidade e propostas

³⁶ No original: “to be seen comfortably eating hotdogs (or *choripán*) with “the boys,” confidently mounting a horse wearing a poncho, or being a President playing the saxophone and eating fast food are *not* signs of being on the left, but an ability to relate in certain settings.”

do político ao público, devido a sua expressividade popular. Ostiguy define que o eixo alto-baixo

[...] consiste em duas subdimensões ou componentes intimamente relacionados: o sociocultural e o político-cultural. Este último é “cultural” no mesmo sentido em que se pode falar de certas subculturas políticas. O primeiro é cultural de uma forma mais sociológica, no sentido em que Bourdieu, por exemplo, escreve sobre capital cultural quando se trata de “distinção”. Ambos são, eu argumento, teoricamente e empiricamente correlacionados. Seu ângulo um com o outro, tomando emprestado da linguagem das estatísticas, é mais nítido do que aquele entre as duas principais dimensões estabelecidas do eixo esquerda-direita, ou seja, uma tendo a ver com “valores” e a outra com questões “socioeconômicas”. O eixo alto-baixo, portanto, parece mais inequivocamente unidimensional (de uma forma Downsiana) do que o esquerda-direita (Ostiguy, 2017, p. 110, tradução nossa³⁷).

Essas diferenças do alto-baixo de valores se entrelaçam com as noções de antagonismo inerentes ao populismo. Enquanto a “elite” cosmopolita (política e/ou econômica) se apresenta e representa as propostas e posturas do “alto”, o “povo” nativista (parte da população e/ou seu suposto representante) expressa as verdadeiras demandas e a cultura popular. O grupo cosmopolita, além de se distanciar culturalmente do popular, está alinhado – no nível discursivo e performativo, pelo menos – aos valores globalizados, distante “daqui”. O povo, em contrapartida, se prende às suas tradições e ao seu país para defender e reproduzir os valores locais (Ostiguy, 2017).

O eixo alto-baixo possibilita compreender em quais dimensões o populismo consegue operar e, além disso, demonstrar que a performance e o discurso podem comunicar melhor do que as expressas ideologias e práticas políticas tradicionais. A cultura, assim como o eixo alto-baixo, passa a ter um papel crucial nas disputas eleitorais ao possibilitar que os “valores” populares sejam “encarnados” pela figura política e, “[...] nesse sentido, é ‘cultural’ e muito concreto — talvez mais concreto, na verdade, do que esquerda e direita. Alto e baixo têm a ver com maneiras de se relacionar com as pessoas” (Ostiguy, 2017, p. 109, tradução nossa³⁸), logo, toca subjetividades que a própria prática hermética da política institucional não consegue, expandindo as possibilidades do fazer político.

³⁷ No original: “[...] consists of two closely related sub-dimensions or components: the *social-cultural* and the *politicalcultural*. The latter is “cultural” in the same sense that one can speak of certain political sub-cultures. The former is cultural in a more sociological way, in the sense that Bourdieu (1979), for example, writes about cultural capital when it comes to “distinction.” Both are, I argue, theoretically as well as empirically correlated. Their angle to one another, borrowing from the language of statistics, is sharper than that between the two established main dimensions of the left-right axis, i.e., one having to do with “values” and the other one with “socio-economic” issues. The high-low axis thus *appears* more unequivocally unidimensional (in a Downsian way) than the left-right one.”

³⁸ No original: “[...] in that sense, is “cultural” and very concrete—perhaps more concrete in fact than left and right. High and low have to do with ways of *relating* to people[...].”

A partir dessa conceituação, podemos prosseguir para o componente político-cultural das experiências populistas. Novamente, as noções de “povo” e “elite” são abordadas para determinar quais ações discursivas são aceitas e rejeitadas por diferentes públicos. Ostiguy relata que

Esse componente trata das formas de liderança política e dos modos preferidos (ou defendidos) de tomada de decisão na política. No alto, os apelos políticos consistem em reivindicações de favorecer modelos de autoridade formais, impersonais, legalistas e institucionalmente mediados. No baixo, os apelos políticos enfatizam uma liderança muito personalista e forte (muitas vezes masculina). A autoridade personalista (e no extremo weberiano, carismática) versus a autoridade procedural (próxima ao legal-racionalismo de Weber) é uma boa síntese dessa polaridade. O alto geralmente reivindica representar a "normalidade" procedural (pelo menos como uma meta a ser alcançada) na condução da vida pública, juntamente com procedimentos formais e generalizáveis na administração pública. O polo personalista geralmente reivindica estar muito mais próximo "do povo" e representá-lo melhor do que aqueles que defendem um modelo de autoridade mais impersonal, procedural e adequado. (Ostiguy, 2017, p. 114, tradução nossa³⁹).

Interessante notar que as diferenciações defendidas pelo autor se encaixam com as eleições de 2018 no Brasil. De um lado, havia o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) Fernando Haddad, professor universitário, advogado e atual Ministro da Fazendo do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Do outro, Jair Messias Bolsonaro, deputado e com carreira militar em seu currículo. Ambos foram para o segundo turno e representavam diferentes grupos. A postura e discurso de Haddad, mesmo que posta à esquerda do espectro político brasileiro, se relacionava com o “alto”, devido à sua comunicação e indumentária. Já Bolsonaro, com sua forma “simples e direta” de se comunicar, gerou identificação em boa parte da população.

Assim, o passado militarista de Bolsonaro em conjunto com a sua postura tradicional e conservadora, relaciona-se com as ideias do “baixo” político. De acordo com Ostiguy, tal caso é recorrente nos países latino-americanos. Ao retomar os debates sobre a teoria política dos discursos de atores políticos, o autor afirma que

[...] um elemento central no baixo populista é, como muitas vezes afirmado na América Latina, a valorização de líderes (fortes, personalistas) "com bolas". A "coragem", seja lá como for definida, é um atributo central do baixo nessa dimensão político-cultural. E embora a linguagem do populismo esteja às vezes definitivamente imersa em uma certa forma de masculinidade popular, a "coragem" claramente não se restringe aos homens, incluindo na América Latina. Essa "coragem" corresponde à de "heróis de luta do povo". Do lado populista, ouvimos na América Latina que "Dúvida

³⁹ No original: “This component is about forms of political leadership and preferred (or advocated) modes of decision-making in the polity. On the high, political appeals consist of claims¹² to favor formal, impersonal, legalistic, institutionally mediated models of authority. On the low, political appeals emphasize very personalistic, strong (often male) leadership.¹³ Personalistic (and at the Weberian extreme, charismatic) versus procedural authority (close to Weber’s legal-rationalism) is a good synthesis of this polarity. The high generally claims to represent procedural “normalcy” (at least as a goal to be achieved) in the conduct of public life, along with formal and generalizable procedures in public administration. The personalist pole generally claims to be much closer to “the people” and to represent them better than those advocating a more impersonal, procedural, proper model of authority.”

é a vaidade dos intelectuais", "Melhor do que falar é fazer" e "Ele rouba, mas faz as coisas!". Em suma, na dimensão político-cultural, o baixo implica uma preferência por ação decisiva, muitas vezes à custa de algumas "formalidades"; enquanto o alto valoriza as "sutilezas" que acompanham o estado de direito. Apesar da reivindicação do alto de maior propriedade, no entanto, não está claro qual polo mais respeita as pontuações de voto, como modo legítimo de determinar o poder político (Ostiguy, 2017, p. 114-115, tradução nossa⁴⁰).

Por mais que tal análise parta, em algum nível, para uma concepção essencialista da política latino-americana, a reflexão proposta se encaixa com o contexto brasileiro. A diferenciação entre “elite” e “povo” esteve presente em diversos discursos de Bolsonaro e, contrapartida, o reforço de sua postura como representante “real” do povo. Essa performance gerou na população a confiança que o *mainstream* político havia perdido após a crise de 2008. Diferente dos “outros”, o *outsider*, escandaloso, simples, tradicional e conservador, é a solução para os problemas do país.

Este tópico serviu para compreendermos como o aparato político-cultural alinhado à cultura popular e às práticas discursivas-performativas serviram como ferramentas para diversos populismos ao redor do mundo. Em sua campanha e mandato, Jair Messias Bolsonaro se aproximou de diferentes grupos no intuito de gerar na população brasileira tipos de identificação cultural. Esportes, religião, setores econômicos (como o agronegócio) e artistas compuseram a estratégia de sua campanha. Nossa trabalho investiga, dentre esses grupos, a importância da cultura musical nesse processo. O próximo capítulo apresenta, de forma breve, parte da história da música sertaneja no país e como ela se relaciona tanto com as práticas performativas de Jair Messias Bolsonaro quanto com a identificação-representatividade causada pela prática populista.

⁴⁰ No original: “[...] a central element on the populist low is, as often stated in Latin America, the valuation of (strong, personalistic) leaders “with balls.” “Ballsyness,” however exactly defined, is a central attribute of the low in this political-cultural dimension.¹⁴ And while the language of populism is at times definitely steeped in a certain form of popular masculinity, “ballsyness” is clearly not restricted to men, including in Latin America.¹⁵ That “ballsyness” corresponds to that of daring “people’s fighting heroes.” On the populist side, we hear in Latin America that “Doubt is the boast of intellectuals,” “Better than to talk is to do”, and bragging that “He steals but gets things done!” In brief, on the political-cultural dimension, the low entails a preference for decisive action often at the expense of some “formalities”; while the high values the “niceties” that accompany the rule of law. Despite the high’s claim to greater propriety, however, it is *not* clear which pole most respects *voting scores*, as the legitimate mode of determining political power.”

CAPÍTULO 3 – SERTANEJO E HEGEMONIA POLÍTICO-CULTURAL

A compreensão sociocultural do populismo permite que entendamos características importantes dessas expressões políticas. Dentre elas, as que mais interessam para a nossa investigação são o discurso e a performance de Jair Messais Bolsonaro. As práticas do político, além de sua clara relação com o “baixo”, buscaram se aliar a populares expressões culturais brasileiras. É esse ponto que iremos aprofundar neste capítulo.

Além das ações discursivas que distanciaram Jair Messias Bolsonaro dos “vilões” daquele momento, os grupos culturais, políticos, econômicos e religiosos o aproximou do “povo”. Dentre eles, as igrejas evangélicas, o exército, o agronegócio (Nicolau, 2018) e notórios artistas do sertanejo – sendo este o mais importante para este trabalho –, foram peças essenciais na promoção de Bolsonaro como parte do “povo”.

Fora nesta situação em que o político se aproximou de artistas do sertanejo em seus pronunciamentos públicos e em suas redes sociais. Essa ação está em direta conexão com a importância de vincular o líder ao povo, produzir identificação e, por fim, gerar representação (seja ela no âmbito subjetivo ou objetivo).

Entretanto, retornaremos a essa discussão ao fim deste capítulo. Por ora, vamos compreender a história e relevância do sertanejo romântico e universitário no país a fim de demarcar qual o grau de influência que tais figuras públicas possuem e sua conexão com a política na recente história democrática brasileira.

3.1 SERTANEJO NO OUVIDO DO POVO: DO TRADICIONAL CAMPO AO MODERNO AGRONEGÓCIO

A história do sertanejo no Brasil data desde o início do século XX, quando Cornélio Pires⁴¹ juntou alguns músicos do interior de São Paulo e se tornou um dos pioneiros do gênero musical caipira, precursor do sertanejo (Santos; Guerra, 2023). Após o início da segunda metade daquele século, a música caipira passa a incorporar diferentes características culturais e outras formulações musicais começam a surgir. Foi a partir da década de 70/80, através das mídias

⁴¹ “Cornélio Pires (1884-1958) foi um folclorista nascido na cidade de Tietê (SP), conhecido por seus livros de poemas, contos e anedotas no dialeto caipira. Dedicou sua vida à pesquisa, registro e divulgação da cultura do caipira paulista. Fez inúmeras conferências e espetáculos humorísticos, sobretudo na capital e interior do estado de São Paulo. Transitou por vários círculos intelectuais e espaços da indústria do entretenimento urbano, atuando como mediador cultural de violeiros e artistas caipiras anônimos da região onde nasceu. Assim, Cornélio Pires investiu em uma aventura no início do desenvolvimento da fonografia em São Paulo, em um momento em que começava a se forjar, no seio do mercado cultural de massas, a segmentação de gêneros da música popular brasileira.” (Santos; Guerra, 2023, p. 61).

que ali surgira e a importação de instrumentos musicais modernos (como a guitarra e o contrabaixo), que o sertanejo desponta como um dos gêneros mais tocados nas rádios e consumidos pela população (Alonso, 2015).

Antes da fama se estabelecer, as noções populares sobre o antigo gênero musical caipira e o novo sertanejo entravam em conflito, visto que

Até meados dos anos 1970, já havia na música rural de influência paulista grupos que se distinguiam como sertanejos e outros preferiam o termo caipira (ou ainda sertanejo-raiz para alguns) para se distinguir um dos outros. Tratava-se de um processo autônomo da música rural, mas que ainda não era consensual: ainda havia muita “confusão” e as áreas estéticas não estavam delimitadas. As referências não tinham muita precisão e trocavam um termo pelo outro, quase que indiscriminadamente, sem maiores problemas de valor (Alonso, 2015, p. 167).

Interessante notar que assim como a constituição de um “povo” passa por diversas fases no seu processo de construção de identidade, o sertanejo enfrenta esses mesmos desafios em seus primeiros passos enquanto gênero musical estabelecido. E as correlações não param apenas nas fases iniciais de sua constituição, mas também se estende às noções do eixo alto-baixo.

Alonso (2015) disserta que o sertanejo era visto com maus olhos pela elite, na medida em que, no início da década de 70, algumas duplas já identificadas como exclusivamente “sertanejas”

[...] começaram a incomodar a intelectualidade da MPB. José de Souza Martins, com a retórica agressiva do artigo “Música Sertaneja: a Dissimulação na linguagem dos humilhados” deu aos universitários as armas teóricas e o tom virulento para se ver na música sertaneja a alienação do ex-camponês migrante imbecilizado pela indústria cultural. (Idem, ibidem, p. 171)

Há, no interior desse discurso, a visão de que o sertanejo não mais representaria o verdadeiro povo brasileiro camponês, mas sim uma versão superficial e comercializada da música caipira. Foi neste período em que o consumo desse gênero musical começa a atingir grandes proporções no território brasileiro, popularizando as músicas e os artistas entre a população.

A partir dessa primeira fase de popularização da música sertaneja, a reprodução do gênero seguiu crescendo de forma contínua. De acordo com Bruno Magalhães de Oliveira Rocha (2019),

Em 1982 o disco Somos Apaixonados, da dupla Chitãozinho & Xororó, alcançou 1,5 milhão de cópias vendidas, um número inédito no segmento sertanejo que foi impulsionado pela guarânia “Fio de Cabelo” (NEPOMUCENO, 2005; ALONSO, 2011a; OLIVEIRA, 2009). O sucesso de “Fio de cabelo” abriu caminho para que a música sertaneja frequentasse rádios FM’s e emissoras de TV como a Rede Globo, que em 1989 acrescentou “No rancho fundo” à trilha sonora da novela Tieta e em 1990 “Nuvem cigana” na novela Barriga de aluguel, as duas canções gravadas por Chitãozinho & Xororó (ALONSO, 2011b). Segundo Nepomuceno (2005), a

profissionalização trazida por Chitãozinho & Xororó foi determinante para que o gênero adentrasse meios de comunicação de maior alcance (Rocha, 2019, p. 63).

Esse marco de fama também está relacionado ao início do “Sertanejo Romântico”, fase em que o gênero musical passou a ter influências norte-americanas na produção de suas músicas e na utilização de instrumentos musicais elétricos, como a guitarra e o contrabaixo, em conjunto com aparelhos que modificam o som natural do instrumento⁴².

A relevância popular dos artistas do sertanejo foi materializada nesse período, principalmente com as duplas sertanejas que tinham maior popularidade. Dentre esses⁴³, estão

Chitãozinho & Xororó, Chrystian & Ralf, Edson & Hudson, Leandro & Leonardo, Roberta Miranda, João Paulo & Daniel, Zezé di Camargo & Luciano, Matogrosso & Mathias, Gian & Giovani, Bruno & Marrone, João Mineiro & Marciano, Rionegro & Solimões, Cleiton & Camargo e Rick & Renner (Rocha, 2019, p. 65).

A popularidade de tais artistas continuou incomodando classes mais elitizadas da sociedade, principalmente para aquelas em que a arte e a cultura eram objeto de estudo e reflexão. Rocha (2019) afirma que Rosa Nepuceno, jornalista e escritora, prosseguiu com as críticas à “industrialização” da música caipira, assim como o pesquisador José Hamilton Ribeiro que apontava o êxodo rural da segunda metade do século XX como causa do processo de “enfraquecimento cultural” da música caipira (Rocha, 2019). A notável concordância entre jornalistas e cientistas sociais nesse período indica parte da visão elitista da classe intelectual brasileira.

Constata-se, assim, que este é um ponto de vista compartilhado por grande parte dos acadêmicos. Mas não apenas os autores de textos sobre a música sertaneja condenavam a música sertaneja. Este era um ponto de vista comum na época, dentro e fora da academia. Jornalistas e cientistas sociais concordavam que a música sertaneja era uma arte menor. Numa sintonia como em poucos momentos foi possível, os discursos acadêmico e jornalístico encontravam um culpado pela alienação do camponês brasileiro (Rocha, 2019, p. 175).

A passagem expressa, em mais um momento, as correlações entre a lógica populista e a trajetória do sertanejo. O antagonismo populista se expressa na noção de elite contra o povo,

⁴² Rocha afirma que não atribui “[...] o início do período ‘música sertaneja romântica’ aos anos 60, pois, apesar de a influência norte-americana, principal característica deste período, ter se iniciado nos anos 60 e 70, a fusão destes gêneros só se apresentaria de forma incisiva ao final dos anos 80 e início dos anos 90.” (Rocha, 2019, p. 64)

⁴³ Importante ressaltar que grande parte deste grupo de famosos artistas da década de 80/90 já apoiaram a campanha e governo de Jair Messias Bolsonaro (Ver em: <https://www.estadao.com.br/politica/famosos-que-apoiam-bolsonaro-lula-eleicoes-2022/>). Acesso em: 17 de outubro de 2024.. A popularidade dessas pessoas artistas é extremamente relevante quando pensamos em simpatia e identificação popular, visto que são pessoas admiradas e reconhecidas pelo “povo”. Entretanto, a presença de tais artistas dentro do âmbito político institucional não é algo recente. Fernando Collor, presidente do Brasil entre os anos 1990 até 1992, recebia os artistas do sertanejo em sua casa. Frente aos escândalos políticos envolvendo o então presidente, “a cena sertaneja se mobilizou para demonstrar apoio ao presidente que teria o mandato cassado meses depois (Collor renunciou antes do *impeachment*)” (Filho, 2022). Logo, é importante compreender que tais personalidades notáveis foram e são peças importantes dentro da comunicação política.

popular contra o exclusivo, em que – através do discurso *mainstream* – o “povo” é visto como massa de manobra e o seu conteúdo é adjetivado de vazio e raso. Visitar o passado do sertanejo permite compreender o porquê da sua popularidade e da identificação sentida pela população. Não é apenas sobre o grupo (classes baixas e seu consumo cultural), mas também sobre o antagonismo elitista que renega tudo que está do outro lado, formando dois grupos divididos pelos seus diferentes capitais culturais (Bourdieu, 1989).

Dentre os gêneros musicais populares, o samba fora reconhecido e elencado como patrimônio cultural brasileiro. A bossa nova e a MPB, gêneros musicais mais atrelados às elites brasileiras, incluem características do samba em seu arcabouço estético, traduzindo a sua perspectiva popular para uma outra realidade social, mais elitizada. O mesmo não ocorreu com o sertanejo, por mais que também seja consumido por classes populares, a recepção do gênero foi diferente.

[...] ainda que muitos de seus representantes a considerem parte fundamental da cultura brasileira em sua faceta interiorana, o gênero ainda é adjetivado de forma depreciativa pela intelectualidade. O movimento de legitimação que ocorreu com o samba, gênero urbano que hoje é reconhecido como o estilo musical que melhor representa a brasiliade, não se repetiu com as diversas vertentes da música interiorana, cujas principais críticas giram justamente em torno do afastamento dos temas e estéticas rurais (Faria, 2023, p. 510).

Houve nos discursos de tais críticas a defesa da separação territorial e cultural da vida no campo em relação aos grandes centros urbanos. O samba, “nascido” nas cidades, foi bem recebido e integrado às práticas culturais das elites. Já o sertanejo, ao se distanciar da música caipira e adentrar os espaços culturais urbanos, foi recebido com críticas que depreciavam a modernização e popularização do gênero caipira. Em partes, o sertanejo, diferente do samba, representava a interiorana classe social que ali migrava para os grandes centros, que sentiam lapsos de suas vidas no campo nas músicas, seja pela sonoridade e/ou pelas temáticas abordadas nas letras (Faria, 2023).

Nesse sentido, Gustavo Alonso (2015) afirma que tal separação é retórica e não contempla a realidade ontológica do universo cultural caipira/sertanejo. Dentre os intelectuais da época após a consolidação do sertanejo como gênero musical,

criou-se certa ideia de que o que distinguia um do outro seria, além da instrumentação e roupas, a temática. Os caipiras falariam de assuntos “nobres”, da terra, da boiada, das relações sociais do campo, das desigualdades, da natureza; os sertanejos cantariam apenas o amor, sobretudo as relações amorosas mal acabadas e melodramáticas. Esta polarização serve mais para demarcar distinções no campo cultural da música rural do que de fato corresponde objetivamente à realidade concreta. Artistas de ambos os lados da “fronteira” estética gravaram os dois tipos de música. (Alonso, 2015, p. 176)

Outra questão que convergiu para o aumento das críticas aos artistas sertanejos em ascensão esteve em suas próprias origens geográficas. A música caipira e sua introdução às rádios na primeira metade do século XX surgiu no interior de São Paulo, geograficamente próximo aos grandes centros urbanos. Já o sertanejo romântico da década de 80 e 90 foi composto por artistas majoritariamente do Centro-Oeste do país.

Diferentemente dos períodos anteriores, em que a maioria absoluta dos artistas era paulista, nesta fase a origem se divide majoritariamente entre o estado de São Paulo e Goiás, entretanto, artistas deste gênero também se originam em outros estados. [...] A importância de Goiás no período romântico está além da quantidade de artistas nascidos no estado, ela também se justifica por ser o local onde nasceram duas das duplas mais famosas deste período, Zezé di Camargo & Luciano e Leandro & Leonardo (Rocha, 2019, p. 65).

A divisão entre o consumo cultural da elite brasileira e a expansão de produtos culturais mais populares – no sentido de classe social – se reapresenta novamente. As realidades apresentadas nas músicas partem das origens e vivências das pessoas artistas que compuseram tais letras. Identificações são geradas em públicos que compartilham experiências parecidas e, com isso, incluem grupos que não são representados por qualquer outra expressão cultural. Mesmo que a urbana elite brasileira não tenha julgado de forma profícua o sertanejo e artistas do gênero, boa parte da população sim, demonstrando a potencialidade da música sertaneja enquanto produto cultural.

O sertanejo passou a integrar novos espaços após sua popularização inicial. As rádios do interior que tocavam sertanejo em suas programações com tecnologia AM não possibilitavam a expansão da música para outros territórios. Foi com o advento da rádio FM que a disseminação se intensificou.

Também foi nesse período que a música sertaneja alcançou outros grupos sociais, antes distantes do gênero, sobretudo através das rádios FM's e da televisão. Segundo Allan de Paula Oliveira, até os anos 70 a música sertaneja era quase restrita às rádios AM, alcançando especialmente um público menos favorecido economicamente, que se identificava com as raízes rurais, mesmo morando na cidade grande (Rocha, 2019, p. 67).

A televisão foi outro impulsionador da relevância nacional do gênero. Rocha prossegue afirmando que

Já na televisão o principal símbolo do advento midiático sertanejo foi o programa Amigos, um especial de fim de ano da TV Globo apresentado pelas duplas Chitãozinho & Xororó, Zezé di Camargo & Luciano e Leandro & Leonardo, que foi exibido de 1995 a 1998. Além do Amigos, o gênero ganhou projeção ao ser incluído em trilhas de novela do horário nobre como Rei do Gado (1996-1997), que contou com um tema de abertura de Teddy Vieira, compositor de grandes sucessos sertanejos como “O menino da porteira”, além de temas de Chitãozinho e Xororó, Chrystian & Ralf, João Paulo & Daniel e Leandro & Leonardo. Outras novelas do final dos anos 80 e da década de 90 também continham música sertaneja em sua trilha sonora, tais

como Tieta, Barriga de Aluguel, Pacto de Sangue, Meu bem meu mal, Pedra sobre pedra, entre outras (ALONSO, 2011b). As duplas sertanejas também eram frequentadoras assíduas de programas de grande audiência, como os dominicais Domingão do Faustão, da Rede Globo e Domingo Legal, do SBT (Rocha, 2019, p. 67).

A relevância nacional das pessoas artistas do sertanejo seguiu crescendo de forma exponencial. O gênero caipira, pouco presente em espaços de cultura de massa, através de suas transformações que desembocaram no sertanejo, gerou a popularidade que hoje ainda se mantém presente. Nesse sentido, agora nos atentaremos às novas expressões do sertanejo nos últimos 20 anos, o aumento de sua popularização e os novos agentes econômicos nesse meio.

Além do público consumidor, outras forças econômicas impulsionaram o crescimento do gênero no país. Dentre elas, destaca-se o agronegócio brasileiro insurgente da década de 1980 e 1990. De acordo com Faria (2023, p. 511), “os circuitos culturais do agronegócio, como as feiras agropecuárias e as festas de peão de boiadeiro, são os maiores motivadores da movimentação das apresentações sertanejas”.

Nesse contexto, o sertanejo universitário, nova raiz da música sertaneja do começo do século XXI, começa a ganhar ainda mais relevância cultural e econômica⁴⁴. Sobre a terminologia “universitário”, Paula Beatriz Coelho Domingos Faria explica que

[...] existem algumas hipóteses para a sua utilização. Uma delas diz respeito à formação das duplas e início de novas carreiras a partir do ambiente universitário. No contexto da expansão das universidades brasileiras ocorrido a partir dos anos 2000, muitas duplas se conheceram enquanto cursavam a graduação em diferentes áreas. Neste mesmo contexto, podemos passar da música sertaneja feita por universitários para a concebida para os universitários. Ou seja, a música apreciada por uma nova classe social de jovens que agora tem acesso à universidade e tornou-se o principal público consumidor deste estilo musical (Faria, 2023, p. 511).

Importante ressaltar que, mesmo que a terminologia e origem utilizada indiquem uma aproximação do meio universitário, boa parte da classe intelectual brasileira permaneceu intolerante ao gênero, visto que a “raiz” cultural (a música caipira ou sertanejo “raiz”) de tais músicas estavam sendo supostamente desrespeitadas.

Em relação aos temas das músicas, havia uma certa melancolia a respeito da modernização do âmbito rural. A chegada das máquinas e o capital privado prejudicaram a produção de pequenas propriedades de produção agrícola familiar. Esse momento histórico foi retratado em músicas do sertanejo caipira da década de 1960 até 1990. Já no sertanejo

⁴⁴ A importância da análise deste recorte está na também presença de artistas do sertanejo universitário nas campanhas de Jair Messias Bolsonaro, como o Gusttavo Lima, Zé Neto & Cristiano da dupla Zé Neto & Cristiano e Loubet, renomados artistas do gênero.

universitário, essa modernização foi e é vista com bons olhos, incluindo em suas poesias o avanço tecnológico e a riqueza gerada pela monocultura (Faria, 2023).

Mesmo que haja diferenças na constituição das canções, a relação entre os artistas recentes e os do sertanejo do século XX é amigável. Faria (2023) comenta que os sertanejos universitários expressam admiração pelos predecessores, algo que também é utilizado como crítica à nova formulação do gênero, hipoteticamente calcada em afirmar que é apenas uma cópia da produção cultural do sertanejo raiz.

Na relação entre o público e as pessoas artistas há detalhes que indicam as causas da relevância cultural e mercadológica. A lógica de propagação das músicas através da TV, rádios e feiras agrícolas permanece, logo, o alcance que o sertanejo já possuía está atuante. Entretanto, “[...] é com base em características concernentes ao gênero que genuinamente geram uma identificação com a população” (Faria, 2023, p. 513) e, nesse sentido, a música sertaneja afeta o subjetivo de seus ouvintes.

A respeito das características que tocam o íntimo das pessoas, há impresso nas letras e melodias temas sensíveis e de fácil identificação. Exploração exacerbada de lamúrias de relacionamentos amorosos, melodramas e temas de cunho privado são constantes em letras de músicas sertanejas (Faria, 2023), situações que englobam públicos diversos e produzem identificação. Esses temas são transversais a praticamente todos os artistas do gênero, refletindo a base de tais músicas.

Tal temática advém desde o período “romântico” do gênero, expressando letras e histórias parecidas. Rocha afirma que os temas são

[...] essencialmente casos amorosos, muitas vezes melodramáticos, o que justifica o termo “romântico” para denominar o período. [...] Outro assunto recorrente que inspirou vários sertanejos dos anos 90 foram as festas, sobretudo as festas de peão de boiadeiro, cujas letras refletiam um dos locais de atuação das duplas neste período. Alguns exemplos são “Mexe mexe” de Leandro & Leandro, “Festa de peão”, de Rionegro & Solimões e “Bailão de peão”, gravada por Chitãozinho & Xororó, como se vê no trecho transcrito abaixo (Rocha, 2019, p. 71-73).

O autor chama atenção para um dos detalhes mais interessantes da trajetória do sertanejo no país: as festas de peão de boiadeiro. Dentre essa categoria de evento, a Festa do Peão de Barretos é a que mais se destaca no território nacional. Maior rodeio da América Latina, tal evento movimento milhões em recursos financeiros (Toledo, 2024). Além de ser palco de vários artistas renomados do sertanejo e de feiras agrícolas, o evento também recebeu Jair Messias Bolsonaro durante as suas campanhas para a presidência de 2018 e 2022, sendo ovacionado em todos os eventos (Gomes, 2022). A Festa do Peão de Barretos estreita ainda mais a relação entre os artistas e o político.

Sobre a indumentária da maior parte das pessoas que compõem o grupo de artistas do sertanejo romântico e universitário, Rocha (2019) explica que, diferente de artistas da música caipira que usavam chapéus de palha e camisas estampadas (referenciando as vestes do campo), o novo grupo de artistas usam chapéus de couro com camisas sociais e jaquetas e coletes de couro ou jeans, demarcando tanto a influência norte-americana dos filmes e artistas do country quanto da ascensão do agronegócio brasileiro.

Aqui, há um movimento dialético relacionado à identificação do público para com os artistas. Se por lado há nas músicas um processo de representatividade da vida no campo e temáticas que circundam a vida das pessoas ouvintes, por outro, há esse distanciamento da classe popular com símbolos de poder econômico, como as roupas e certas músicas que citam a ascensão e poderio do agronegócio. Podemos supor que essa representação de classes abastadas, por mais que limitem a identificação por parte do “povo”, pode gerar no consciente coletivo a noção de sucesso por meio de tais símbolos. Algo a ser seguido e respeitado, tendo como causa principal do sucesso econômico o crescimento do agronegócio em território nacional.

A respeito dos berços de reprodução do sertanejo universitário no país, Rocha demarca as regiões onde surgiram a maior parte dos artistas. De acordo com ele,

Embora o surgimento e crescimento do sertanejo universitário tenha sido em grande medida difuso no que diz respeito à sua região inicial, começando por Mato Grosso do Sul e Minas Gerais e se espalhando por outros estados, alguns artistas e críticos apontam a cidade de Campo Grande-MS como epicentro do novo sertanejo, visto que, como vimos anteriormente, João Bosco & Vinícius e o Grupo Tradição, grandes responsáveis pela configuração e sucesso do novo sertanejo, despontaram nessa capital. O grupo e a dupla provavelmente serviram de inspiração para que outros nomes da região surgissem e colcassem de vez o estado na rota da música sertaneja. O Mato Grosso do Sul, que ao longo da história deste gênero, até então, não havia dado origem a muitos artistas nacionalmente famosos, sendo Almir Sater o de maior sucesso, passou a ter vários representantes na grande mídia, como Michel Teló, Luan Santana, Grupo Tradição, João Bosco & Vinícius, Maria Cecília & Rodolfo, Jads & Jadson, Munhoz & Mariano e Bruninho & Davi. [...] Além do crescimento numérico de músicos sertanejos de sucesso oriundos do Mato Grosso do Sul, é interessante notar o número pequeno de artistas na grande mídia nascidos em São Paulo, uma vez que nas fases anteriores o estado foi a principal fonte de músicos sertanejos. Apenas quatro dos citados nasceram em São Paulo, mesmo número de Mato Grosso. Outros estados são a Bahia e Tocantins, com dois e um artistas respectivamente. Todavia, percebe-se que a concentração dos artistas se mantém no centro-sul do país, mantendo a identificação com essa região desde o período caipira (Rocha, 2019, p. 88)⁴⁵.

⁴⁵ Nesta passagem podemos fazer algumas correlações com a reflexão proposta nesta dissertação. A principal delas é a força política de Jair Messias Bolsonaro nos estados-berço do sertanejo. O centro-sul brasileiro, durante as eleições de 2018 e 2022, fora dominado pelo político, principalmente, o Mato Grosso do Sul. Já a segunda correlação é a presença da dupla Jads e Jadson, cantores estes que apoiam a campanha de Bolsonaro nos últimos anos.

Após a primeira década do século XXI, o sertanejo obtém hegemonia e extensa popularização no Brasil. Rocha afirma que “para se ter ideia de sua hegemonia nos últimos anos, em 2017 das 100 músicas mais tocadas no Brasil 91 eram do gênero sertanejo e em 2018 as 20 músicas mais ouvidas foram músicas sertanejas” (Rocha, 2019, p. 93). Esses dados serão importantes para determinarmos a presença de tais artistas na vida das pessoas, seja por meio da televisão ou, principalmente, pelas rádios.

A presença de artistas sertanejos em diversos tipos de mídias, como a *internet*, televisão e aplicativos de músicas se destaca. Músicas sertanejas sempre estão no top 100 das mais escutadas no Brasil. Entretanto, são nas rádios que mais surgem questões interessantes a serem investigadas e atribuídas a sentidos sociológicos. De acordo com os dados da empresa *Connectmix*, das 100 músicas mais tocadas em rádios pelo Brasil, 71 são ou incluem o gênero sertanejo. Este número aumenta para 83 em relação ao Centro-Oeste do país (região onde o sertanejo possui raízes). Além do apelo afetivo das músicas e de sua popularidade, há outras influências para que esse número seja tão exorbitante.

Durante uma entrevista para o *podcast* Expresso Ilustrado, do Jornal Folha de São Paulo, publicado em fevereiro de 2022, João Paulo Ferolla Patrús, que trabalha há anos no mercado musical brasileiro, explica como os investimentos privados – sobretudo do agronegócio – impulsionaram o sertanejo nas últimas duas décadas. De acordo com Ferolla,

Hoje em dia, o sertanejo monopolizou. Ele veio com empresários do meio rural, com muita grana, e esses empresários acabaram comprando toda a mídia. E aí ficou meio uma concorrência desleal com os outros gêneros. Enquanto um pagode, um rock, investe 50 mil num lançamento, o sertanejo é um milhão e meio, dois milhões. Então fica muito desleal essa concorrência (Folha de São Paulo, 2022, s/p, transcrição nossa).

Nesse processo, existe um duplo movimento de interesses. Por um lado, o sertanejo cresceu exponencialmente e parte desse crescimento foi devido aos grandes investimentos, gerando assim lucros aos artistas. Por outro, o agronegócio e toda sua cultura é constantemente elogiada nas músicas e videoclipes, além do sucesso dos artistas darem retorno monetário de seus investimentos.

Tal monopolização da música sertaneja nas rádios segue o crescimento do agronegócio brasileiro. Desde o início da década de 1990, a Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) mobilizou empresários do setor para estabelecer agronegócio moderno dentro da economia nacional (Mendonça; Oliveira, 2015). Pouco antes, o sertanejo romântico estava se popularizando e se aproximando das feiras pecuárias pelo país. Não devemos esquecer que a hegemonia política e econômica não parte apenas da dominação e controle, mas também dos

processos de consentimento popular gerados pelas expressões culturais de massa (Gramsci, 2024). Aqui jaz uma importante característica da relação entre sertanejo e o agronegócio: a função da cultura de massa como aparelho privado de hegemonia. Gramsci, em seus escritos, define que tal função se expressa na necessidade de (re)produzir ideias e ideais benquistas por uma classe. De acordo com Rejane Carolina Hoeveler,

O aparelho hegemônico é entendido, assim, como uma sociedade particular (formalmente privada), que se torna o correspondente do aparelho governativo-coercitivo. Força e consenso, as duas metades indissociáveis da dominação, as duas metades do Centauro maquiaveliano, ambas desenvolvem seus respectivos “aparelhos” (Hoeveler, 2019, p. 149).

O recurso que o agronegócio dispõe para o sertanejo se torna um investimento em sua importância cultural e mercadológica. As feiras agropecuárias e as grandes festas do peão são bases da hegemonia do agronegócio que produzem bem-estar e uma imagem positiva dessa classe econômica brasileira. Uma operação ideológica que, além de gerar lucro, gera consentimento e convencimento na população, partes importantes para um avanço e domínio econômico. Após essa breve apresentação do conceito, voltamos para a história do sertanejo no país.

A distribuição do sertanejo no interior parte de sua origem enquanto música do campo, porém a sua presença em grandes centros urbanos, principalmente de seu subgênero “universitário”, se relaciona de maneiras diferentes. O agronegócio se faz presente em mais um momento da história do sertanejo. Rocha (2019, p. 94) diz que

Embora o sertanejo universitário seja um estilo bastante urbano se comparado às fases anteriores, boa parte dos shows do novo sertanejo ainda está veiculada com atividades do interior. Segundo o produtor Marcos Mioto, 80% da agenda dos músicos sertanejos é dedicada às feiras agropecuárias, festas de exposição e rodeios (REQUENA, 2016, p. 87). Estes eventos geralmente são realizados em cidades do interior do centro-sul do país como Janaúba-MG, Barretos-SP, Maringá-PR e Ponta Porã-MS, com o intuito de reunir empreendedores do setor agropecuário para exposição de novas tecnologias e de gados.

Percebe-se que, neste caso, as correlações entre o setor cultural e econômico são profundas e multifacetadas. Não há apenas investimento econômico bruto, mas também a junção entre a expressão e performance da música aliada à produção do agronegócio. As temáticas das músicas se tornaram cada vez mais relacionadas a romances e, mais recentemente, à própria produção agroindustrial.

O romance, tão presente nas músicas atuais, diferencia-se das expressões do sertanejo tradicional ao mesmo tempo que mantém o poder afetivo e de identificação presente nas músicas. Rocha (2019) afirma que

Se no período caipira a maioria dos assuntos era relacionada à atividade pecuária, com músicas que narravam desde a criação até a venda de gados em viagens pelo interior (MENEZES, 2008), com o passar do tempo os romances se tornaram quase unâimes nas músicas sertanejas. O sertanejo universitário manteve os temas de relacionamentos entre casais, mas em um dado momento acrescentou a esta abordagem novos elementos como a ostentação, o humor, e um desprendimento afetivo associado à uma autoestima elevada e às festas noturnas, conhecidas como baladas (Rocha, 2019, p. 100-101).

Mesmo que aparente haver um distanciamento do sertanejo tradicional, não há um descolamento completo dos temas anteriores: por ainda manter, em alguns artistas, certa indumentária tradicional e, além disso, o retorno a clássicos da música sertaneja em shows e álbuns, os temas presentes nas apresentações desses artistas se correlacionam com a tradição e à agricultura (inclusive nos eventos onde ocorrem a maioria das apresentações).

Após esta análise da trajetória do sertanejo no país, analisaremos mais a fundo a relação entre algumas personalidades notórias do gênero musical sertanejo, os ambientes onde tal cultura é celebrada e Jair Messias Bolsonaro.

3.2 BOLSONARO E O SERTANEJO: UM LAÇO RESISTENTE

Jair Messias Bolsonaro esteve presente em diversas edições da Festa do Peão de Barretos. Desde 2015, o político posta em suas redes sociais a confirmação de sua presença no evento. Bolsonaro foi bem recebido em todas as edições em que participou, tanto pela organização quanto pelo público. Passeios a cavalo, pronunciamentos e muita música sertaneja compuseram esses momentos de visita. O que há imbuído nesse contexto? Quais são as implicações e intenções? Podemos chamar este ato, parafraseando Rodrigo Duterte, de Diplomacia Cultural? São questões que englobam a participação do político nesse evento e tentaremos saná-las durante os próximos tópicos, por ora vamos destrinchar a relação entre Bolsonaro e parte da classe artista do gênero musical sertanejo.

Figura 1 - Postagem de Jair Messias Bolsonaro na rede social X confirmando sua presença na Festa do peão de Barretos em 2015 (@jairbolsonaro).



Fonte: perfil de Jair Messias Bolsonaro no X, agosto de 2015.

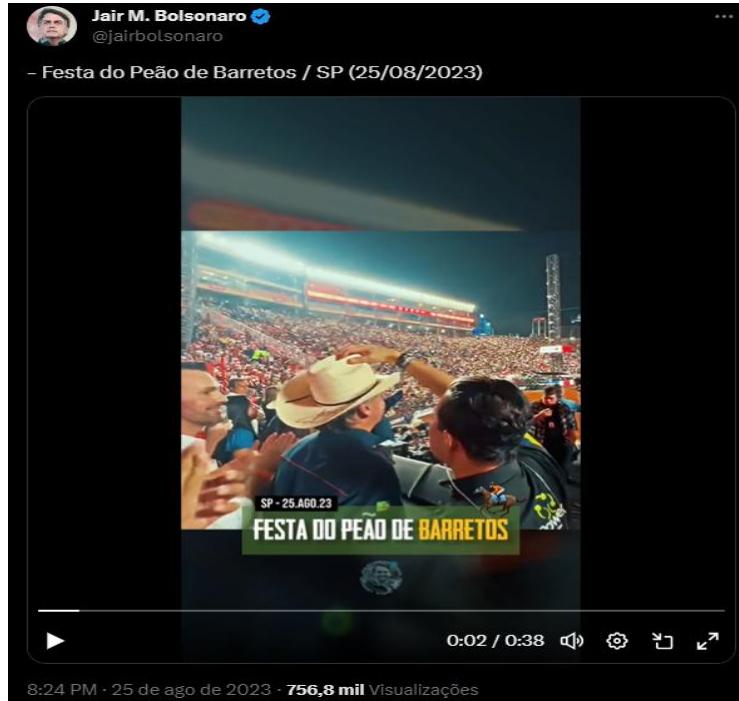
Para iniciarmos o debate, analisemos o contexto. A Festa do Peão de Barretos existe desde a metade do século XX (Machado, 2022). O evento que, em 1956, realizou a primeira edição com poucos recursos, tornou-se a maior festa do peão de boiadeiro no país, movimentando R\$1.2 bilhão em 2024. É explícito que esse evento cultural mobiliza muitos recursos e indivíduos e se mostra relevante no contexto social, econômico e político.

Dentre as diversas atrações do evento, o destaque fica para a exposição de maquinários e novas tecnologias do agronegócio, feiras agropecuárias, exposições de gados de alto nível e, principalmente, rodeios e shows musicais. Os shows, em sua grande maioria, são de artistas do sertanejo. Gusttavo Lima, músico que apoiou Jair Messias Bolsonaro publicamente, tornou-se embaixador do evento em 2018, demarcando sua importante influência para o circuito sertanejo-agronegócio.

Até o momento, temos partes importantes de um todo. Primeiro, o agronegócio financia e mantém o evento há muitos anos. Segundo, a música caipira e o sertanejo compõem a

identidade cultural do evento. Por último, a presença de Bolsonaro é quase religiosa há quase 10 anos. Logo, há presentes três grandes pilares da sociedade: o econômico, representado pelo agronegócio; o cultural, representado pelos artistas e pelo esporte rodeio, e o político, representado pela figura de Bolsonaro. A correlação dessas três partes não se limita apenas ao evento.

Figura 2 - Postagem de Jair Messias Bolsonaro na rede social X confirmando sua presença na Festa do Barretos em 2023.



Fonte: perfil de Jair Messias Bolsonaro no X, agosto de 2023.

No perfil oficial do político no *Instagram* e no *X*, algumas postagens foram realizadas ressaltando a relação com os artistas. Dentre estes estavam: Loubet, Zé Felipe, Leonardo, Sula Miranda, Sorocaba (da dupla Fernando e Sorocaba), Gusttavo Lima, Zezé di Camargo (da dupla Zezé di Camargo e Luciano), Chitãozinho (da dupla Chitãozinho e Xororó), Mathias (da dupla Mato Grosso e Mathias), Cuiabano Lima e Eduardo Costa.

Figura 3 - Transmissão ao vivo com os artistas no Instagram, outubro de 2017.



Fonte: Instagram oficial de Jair Messias Bolsonaro (@jairmessiasbolsonaro)

Dentre esses artistas, Eduardo Costa foi o mais empenhado durante a campanha para as eleições de 2018, publicando em suas redes sociais o apoio ao candidato. Outro que se destaca é Gusttavo Lima que, no ano de 2017, teve suas músicas tocadas mais de 1 milhão e 300 mil vezes nas rádios pelo Brasil (*Connectmix*, 2024)⁴⁶. Além disso, o cantor se encontrou com o político em 2017 em uma transmissão ao vivo com diversos artistas do circuito sertanejo-agronegócio. Duas outras postagens foram realizadas durante o mandato de Bolsonaro (2019-2022) e campanha para as eleições de 2022.

Em 2022, durante seu show, Gusttavo Lima estende a bandeira do Brasil no palco – símbolo do suposto patriotismo das campanhas de Bolsonaro – e faz o sinal de “2” com a mão duas vezes, sinalizando a legenda do político naquela eleição. O vídeo dessa demonstração de apoio foi postado pelo perfil oficial de Jair Messias Bolsonaro e, em menos de 6 horas, a postagem recebeu quase 2 milhões de curtidas. Essa repercussão demonstra a força do pronunciamento, seu poder de viralização na rede social e a potencialidade dessa relação entre político e artista.

⁴⁶ Importante ressaltar que estes números não representam o total de reproduções nas rádios pelo país. De acordo com a empresa, há rádios que não são contabilizadas e a reprodução diária de cada música é registrada no máximo 5 vezes.

Figura 4 - Postagem do perfil oficial de Bolsonaro da sinalização de Gusttavo Lima em Show, outubro de 2022.



Fonte: Instagram oficial de Jair Messias Bolsonaro (@jairmessiasbolsonaro)

A vinculação entre os artistas e a figura de Bolsonaro se mostra evidente. Desde a sua presença nas Festas do Peão de Barretos até a participação das pessoas artistas em seus perfis oficiais nas redes sociais, grande parte da classe artística do gênero sertanejo tem apoiado abertamente o político.

Após essa apresentação sobre a relação entre Bolsonaro e os artistas do sertanejo, surgem questões pertinentes: por que o sertanejo? Dentre os diversos outros gêneros musicais populares, como o Rap, Trap, Axé, Forró etc., por que o sertanejo foi o escolhido para compor a estratégia populista do candidato? Para compreendermos quais são as implicações dessa relação e como afetam a população, retornemos a algumas reflexões deste trabalho.

Ao retomar a história da música sertaneja, podemos encontrar algumas respostas. Tal gênero musical, em sua história e constituição, quase sempre esteve ligado a um tradicionalismo. A vida no campo, a forma simples de viver, a família tradicional, entre outras características exaltadas nas canções, apresenta simbólicos de uma vida conservadora nos costumes. Correlacionando com a prática populista de Bolsonaro, os discursos do político atacam diferentes formas de existência que fogem de tais padrões apresentados nessas músicas. O discurso conservador, tradicional e, por vezes, reacionário, casa com as odes à tradição produzidas pelo sertanejo.

Outro fator importante está no outro tripé dessa relação: o agronegócio. No período entre 1970 e 1990, o sertanejo passa a ser reconhecido nacionalmente e expande seus ambientes de atuação cultural, sobretudo através de investimentos do agronegócio brasileiro em ascensão

econômica e, assim, a relação se estreita entre economia e cultura. Tal momento histórico pode nos indicar um dos pilares da conexão entre Bolsonaro e o sertanejo. Após o crescimento e hegemonização da música sertaneja, o agro percebe a importância desse produto cultural para, não apenas gerar lucros, mas também atuar no processo de propagação de um agronegócio “pop”.

Para fechar o triângulo dessa relação, não devemos esquecer que o agronegócio esteve aliado ao governo Bolsonaro e, como resposta, o ex-presidente afirmara, em coletiva, em seu primeiro ano de mandato, que o “esse governo é de vocês” se referia à Bancada Ruralista. Ambos os planos de governo para as eleições de 2018 e 2022 se referem ao agronegócio brasileiro como um dos pilares da economia brasileira, além de indicar a produção e desenvolvimento de diversas políticas públicas para este setor, em detrimento de outras voltadas para a produção familiar, que mal aparece nesses documentos.

Logo, o surgimento e crescimento dessa relação entre sertanejo e Jair Messias Bolsonaro possui uma história atravessada pela monocultura brasileira, pelo conservadorismo e tradicionalismo rural. Em conjunto com esse movimento positivo, há outro negativo: tal relação entra em choque com parte da ideologia de esquerda. O progressismo, a luta pela modernização e os avanços nos direitos humanos e identitários estão presentes, sobretudo, no discurso e performance de políticos e partidos que estão no outro lado do espectro ideológico. Tais ideias vão na contramão das perspectivas apresentadas, demarcando o importante antagonismo de uma postura político populista. Agora, pensemos em como os conceitos já abordados neste trabalho podem somar para essas questões.

Dentre os conceitos abordados, vamos nos ater a 3 principais: Cadeia de Equivalência (relacionado aos agentes sociais, o povo), Significante Vazio (relacionado à liderança e/ou ideia condutora) e identificação (relacionado ao resultado da conexão dos dois outros conceitos). O primeiro se trata da junção de demandas políticas, econômicas e sociais que se aglutinam ao buscarem em uma pessoa e/ou ideia condutora a resolução das demandas iniciais (Laclau, 2013). O segundo é o resultado do movimento da Cadeia de Equivalência, tornando-se ela a pessoa/ideia condutora que, em tese, encaminhará as demandas. Já o terceiro está relacionado aos processos de identificação e representação que culminaram na incorporação do Significante Vazio.

O Brasil, durante boa parte do século XXI, teve em sua liderança do executivo o Partido dos Trabalhadores (PT). Politicamente alinhado à esquerda do espectro político, as propostas e feitos de seus anos de atuação foram próximas a uma política de bem-estar social. Para além de

suas ações concretas, o discurso e performance do partido se apropriava de perspectivas progressistas, incluindo, principalmente, debates identitários relacionados a minorias.

Após a crise de 2008 e suas consequências nos anos seguintes, o PT passa a receber críticas constantes da classe política e da população em geral. Sua imagem se desfaz rapidamente na medida em que os protestos e manifestações se intensificam após 2013. É nesse contexto que Jair Messias Bolsonaro surge e se fortalece como uma possível opção político-institucional.

Diante essas questões contingentes, podemos inferir os seguintes pontos sobre este momento populista brasileiro: 1. a Cadeia de Equivalência começa a ser formada a partir dos protestos de 2013 em resposta às crises políticas e econômicas daquele período; 2. Bolsonaro surge e performa o Significante Vazio que as demandas necessitavam e; 3. devido a sua capacidade discursiva frente à população insatisfeita, o político conseguiu causar uma espécie de identificação em boa parte da população brasileira, (re)produzindo o que chamamos de “bolsonaristas”⁴⁷.

O primeiro e o segundo pontos são contingentes e contextuais, já que a crise mundial de 2008 abalou diversos países e seus governos. Já o terceiro ponto está no bojo da performance, discurso e identificação, algo que partiu de estratégias populistas que buscavam apoio popular. Tais estratégias que englobam os espaços frequentados, as relações interpessoais desenvolvidas, o modo de agir, de falar e indumentária, explicitam como essas características – sobretudo, culturais – são essenciais para a política.

Os artistas do sertanejo foram cruciais nesse processo na medida em que a população, consumidora das músicas e frequentadora de shows, fãs de tais personalidades públicas, veem seus ídolos apoiando uma figura cada vez mais em destaque e, em algum lugar de sua mente, são convencidas (às vezes indiretamente) a votarem no político.

Para além das influências produzidas por esse grupo de artistas, é importante notar que outros fatores foram essenciais para a popularidade do político. Dentre estes, lideranças religiosas e a bancada ruralista apoiaram o político, conectando-o a diversos outros públicos através de simbolismos específicos de cada grupo. Entretanto, para os fins deste trabalho não vamos adentrar às questões relacionadas a esses recortes.

⁴⁷ Tal grupo é assim denominado devido ao seu próprio posicionamento político naquele período (2016-2022), quando a polarização entre “petistas” (apoiadores do PT) e “bolsonaristas” (apoiadores do então futuro presidente) se diferenciavam pelo político/partido que apoiavam.

Convencimento, coerção e controle são as bases do que entendemos por hegemonia. Em democracias liberais, o apoio popular é indispensável para se manter no poder. Se por um lado, as ações práticas de um político eleito atravessam a vida da população gerando bem-estar ou seu oposto, o discurso consegue englobar essas ações e produzir noções profícias para algum fim. Dentre as performances de Bolsonaro, há fotos que expressam a tentativa de aproximação com as noções de povo, simplicidade e tradição. Na seguinte figura, o político está com roupas simples, camiseta de um time de futebol, comendo pão com leite condensado, mesa suja e tomando café. Todos esses traços demarcados nestas imagens são símbolos de “simplicidade” da população brasileira.

Figura 5 - Foto de Jair Messias Bolsonaro com roupas simples tomando café e comendo pão com leite condensado



Fonte: Poder360, 2023.

Já a próxima imagem demonstra o ex-presidente lavando roupa na mão, práticas diárias da população. Em mais um momento, há a tentativa de aproximá-lo de simbolismos de uma população mais pobre. A produção e publicação dessas imagens foram feitas pela equipe de campanha e, principalmente, por seus filhos.

Figura 6 - foto de Jair Messias Bolsonaro lavando roupa.



Fonte: Folha de S. Paulo, 2018.

A hegemonia, necessária base para que um projeto de sociedade seja sucedido, precisa estar bem desenvolvida e estável, a fim de manter o projeto em ação. A cultura, assim como a economia, precisa ser alinhada aos ideais que encaminham a sociedade, já que uma cultura que nega a estrutura da sociedade produz resistência. Nesse sentido, vamos abordar como a cultura, alinhada às noções de hegemonia e populismo, são importantes para compreendermos o sucesso de Jair Messias Bolsonaro na política brasileira.

3.3 HEGEMONIA, CULTURA E POPULISMO: A AÇÃO POLÍTICO-CULTURAL EM PRÁTICA

O tema da cultura entre os escritos de Antonio Gramsci tomou um papel essencial para os debates sobre a política. Conceitos como senso comum, hegemonia e intelectuais orgânicos são envoltos pelas noções de superestrutura da sociedade. De acordo com o autor, apenas a penetração de efeitos culturais poderia moldar a visão de mundo da população e organizá-la em prol do combate a um problema em comum, já que a cultura

é fundamental por sua capacidade explicativa dos fatos políticos, pelo que antecipa e origina de certos arranjos políticos ou limita no leque da ação humana. Resumindo, a luta cultural esclarece o fato político ao decompô-lo nas origens e consequências da formação das coletividades que agem (Moreno, 2020, p. 4).

É nesse arcabouço de abordagens socioculturais que poderemos compreender a real força da cultura na política institucional. Em relação ao nosso objeto, percebemos que a presença de artistas na campanha e mandato de Jair Messias Bolsonaro foi de grande importância no tocante à população e a seus produtos culturais, assim como na aproximação da figura do político às noções de povo – sobretudo em suas performances e discursos públicos – e suas características populares, tornando-as, nesse contexto, populistas.

A ponte (ou passagem) entre cultura popular e performance/disco^rso populista é demarcada por uma característica essencial do populismo: o estilo. Diferente de clássicos posicionamentos políticos que expressavam as concepções ideológicas de forma clara e objetiva, o populismo busca garantir que a população (o “povo”) se identifique com o discurso e a performance, produzindo um est^{ilo} de política que se atenta, especialmente, a sua expressão em ambientes públicos. Para que essa expressão seja bem-sucedida e possibilite alcançar os objetivos propostos (no caso, a eleição), é necessário que haja um alinhamento entre performance e cultura local, na medida em que a efetividade do discurso político – seja ele populista ou não – dependa do seu grau de afetividade; ou seja, seu poder de identificação/representação.

Quando o apoio popular é garantido, inclusive gerando grupos intitulados a partir de um político e/ou ideia condutora (como os “bolsonaristas”), a representação/identificação gerada se transforma em confiança. Nessa fase, a população é convencida que aquele político irá resolver as demandas, processo constituinte da formação de hegemonia (Portelli, 1990) e do Significante Vazio (Laclau, 2011).

Dentre as camadas de tal contexto, a reflexão unitária do “povo” sobre a política, economia e cultura, é essencial para manter a mobilização popular em prol de projetos políticos. O senso comum precisa ser atravessado por ideias e ideais que garantam o pleno apoio a políticos efetivos, candidatos e/ou transformações sociais geradas pelas instituições. Diferentes das práticas intelectuais das universidades – ou intelectuais profissionais, nas palavras de Gramsci – a (re)produção de uma ideia em ambientes sociais diversos se dá através de específicas práticas elaboradas para cada grupo, onde o discurso e a performance precisam estar conectados com o ambiente ao qual estão sendo dirigidos (Gramsci, 2017a).

Ao relacionar tal conceito com as investigações propostas neste trabalho, podemos inferir que o discurso e a performance populista adentram aos contextos populares apenas em conjunto com a cultura local, na medida em que os projetos políticos transferem confiança ao passo em que se relacionam com o contexto social da população, produzindo, assim, o apoio do “povo”. Essa prática não só produz votos durante as eleições, mas também constitui um eleitorado forte e convicto de seu líder e/ou ideia condutora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber a capacidade do discurso e da performance política de Jair Messias Bolsonaro em captar características importantes da sociedade brasileira e transferi-las para a sua campanha e mandato. Dentre essas noções do “baixo” (ou do “povo”), a música sertaneja foi um importante recorte em sua estratégia populista, alinhando-o a expressões populares da sociedade brasileira. Notórios artistas brasileiros entre os mais escutados pelas rádios do Brasil participaram da campanha e mandato de Bolsonaro, em uma clara aliança política, econômica e cultural.

A cultura de massas, ao ser consumida pela população, (re)produz ideias e ideais. A música, tão presente em diversos ambientes, é englobada pela hegemonia cultural e se torna tanto produto quanto ferramenta de (re)produção. O seu poderio estruturante é utilizado de diferentes maneiras para que se expanda os âmbitos de domínio, convencimento e consentimento. Ao utilizar desta parcela cultural para fins eleitorais, a política populista performa e discursa através de caminhos já traçados pela massa, algo que incute neste movimento uma relação dialética de reconhecimento e representação: de um lado o político, do outro o “povo”.

Jair Messias Bolsonaro concedeu tempo, espaço e recursos para garantir que a relação entre ele, os músicos e o circuito do agronegócio – festas do peão, feiras agropecuárias etc. – fosse exposta para a população. Sua presença na Festa do Peão de Barretos em diferentes anos, as reuniões e *posts* com artistas do sertanejo e a publicação de imagens nas quais o político esteve em situações “simples” e cotidianas demonstram que, parte das estratégias populistas de Bolsonaro, buscaram performar, sobretudo, um discurso “do” e para o “povo”.

Para além da aliança posta, devemos nos perguntar em quais outras camadas essa relação possui poder ao adentrar a vida da população. Seja na parcela objetiva, como as políticas públicas, ou subjetiva, na noção ideológica (re)produzida na mente das pessoas, a tríade Bolsonaro, agronegócio e o gênero musical sertanejo foi um conjunto de personagens da história brasileira que causa consequências até os dias atuais. Parte desse grupo, o sertanejo e o agronegócio, continuam em completa parceria; de um lado, o financiamento das músicas nas rádios, do outro, as canções-odes ao agro. Logo, esta pesquisa consegue apenas tocar o domo que envolve os interesses desses grupos. Cabe a nós, cientistas sociais, investigarmos profundamente cada vez mais.

Este trabalho buscou elencar algumas características sobre o populismo de Jair Messias Bolsonaro e sua relação com notórios artistas do sertanejo. O intuito, além da investigação de

tal relação, está na tentativa de entregar reflexões que sirvam como ferramentas para a compreensão de outras diversas práticas discursivas e performativas. Nesse sentido, esperamos que o trabalho tenha cumprido minimamente os nossos interesses e contribuído para as ciências sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Tariq. **O espírito da época**. In: HARVEY, D.; TELES, E.; SADER, E.; et al. *Ocupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- ALONSO, Gustavo. **Cowboys do Asfalto**: Música sertaneja e modernização brasileira. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 528. 2011.
- BALLESTRIN, Luciana. O debate pós-democrático no século XXI. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 4, n. 2, 2018, p. 149-164. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rsulacp/article/view/14824>. Acesso em: 26 jan. 2018.
- BELLO, Enzo; CAPELA, Gustavo; KELLER, René José. Operação Lava Jato: ideologia, narrativa e (re)articulação da hegemonia. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 12, N. 3, 2021, p. 1645-1678.
- BORÓN, Atilio. **A Coruja de Minerva**: mercado contra democracia no capitalismo Contemporâneo. São Paulo, Editora Vozes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A, 1989.
- BRASIL. **Lei nº 11300, de 10 de maio de 2006**. Dispõe sobre propaganda, financiamento e prestação de contas das despesas com campanhas eleitorais, alterando a Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Brasília, DF. Diário Oficial da União, 2006.
- CANOVAN, Margaret. **Populism**. Nova York: Harcourt Brace Janovitz, 1981.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DUNKEL, Mário; SCHILLER, Melanie. Popular Music and the Rise of Populism in Europe: An introduction. In.: **Popular Music and the Rise of Populism in Europe** / organizadores Mário Dunkel, Melanie Schiller - 1. ed. – Nova Iorque: Routledge, 2024
- DUNKEL, Mário; SCHILLER, Melanie. The people vs. the power bloc? Popular music and populism. **Popular Music**. Cambridge University Press V. 41, n. 3, p. 281-292, out. 2022.
- FARIA, Paula Beatriz Coelho Domingos. Música Sertaneja: Entre a Tradição, o Mercado e a Representatividade. **Grupo de Estudos Alterjor**: Jornalismo Popular e Alternativo, São Paulo, v. 2, nº 28, 2023, p. 510-524.
- FILHO, João. A aliança lucrativa do agro, sertanejo e direita dá as caras de novo | **Intercept Brasil**, 04 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/06/04/agro-sertanejo-direita-alianca-lucrativa/>>. Acesso em: 20 set. 2024.
- FOLHA DE S.PAULO. **Assessoria divulga imagens de Bolsonaro lavando e pendurando roupa no varal**. Poder, São Paulo, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/assessoria-divulga-imagens-de-bolsonaro-lavando-e-pendurando-roupa-no-varal.shtml>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- FRASER, Nancy. **Do neoliberalismo progressista a Trump – e além**. American Affairs, v. 1, n. 4, p. 46-64, inverno de 2017

- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu.** – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- GOHN, Maria da Glória. **Protestos nas Ruas de São Paulo:** de Junho de 2013 ao Pós Impeachment de 2016 - correntes e contracorrentes. UNICAMP-UFABC-CNPq, Caxambu. 2017.
- GOMES, Angela de Castro. O populismo no Brasil: Desafios de um debate historiográfico. *Estudos Ibero-Americanos*, 48(1), 2022.
- GOMES, Beatriz. **Com Hang e gritos de 'mito', Bolsonaro usa rodeio de Barretos como palanque.** UOL, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/26/bolsonaro-26-de-agosto-sao-paulo.htm>. Acesso em: 25 set. 2024.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere [livro eletrônico]:** caderno 6 (VIII): 1930-1932: miscelânea / Antonio Gramsci. - Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 2 [recurso eletrônico]:** os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 3 [recurso eletrônico]:** Maquiavel, notas sobre o estado e a política – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017b
- GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere.** Estaleiro editora, 2011
- GUAZINA, Liziane; GUERREIRO, Ana Gabriela; ARAÚJO, Bruno. Bolsonaro e a incorporação estratégica do discurso anticorrupção como oportunidade política. **Encontro Anual da ANPOCS**, 47., 2023: Campinas, SP. 2023
- HERMMAN, Jennifer. Da liberalização à crise financeira norte-americana: a morte anunciada chega ao Paraíso. **Revista de Economia Política**, vol. 29, nº 1 (113), pp. 133-149, janeiro-março/2009, p. 139.
- HOEVELER, Rejane Carolina. Conceito De Aparelho Privado De Hegemoniae Seus Usos Para Apesquisa Histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, ano 4, n. 5, p. 145-159, Ago/Dez, 2019
- KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Radio 2021.** Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-radio-2021/>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- LACLAU, Ernesto. **A razão populista.** São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MIRANDA LEÃO MARTINS, J.; ALVES, M. Deus, pátria e família: o discurso neoconservador na propaganda eleitoral de Bolsonaro. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 8, n. 2, p. 1-24, 18 maio 2023.
- MOFFITT, Benjamin. **The global rise of populism:** performance, political style and representation. Stanford: Stanford University Press, 2016.

- MORAES, Reginaldo C. Reformas Neoliberais E Políticas Públicas: hegemonia ideológica e redefinição das relações estado-sociedade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 80, setembro/2002, p. 13-24.
- MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária. 2019.
- MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUDDE, Cas; AMADEO, Javier; PAULA, Guilherme. O Zeitgeist Populista. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 263–298, 2021.
- MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- NICOLAU, Jairo. **O Brasil Dobrou a Direita**. Cinelândia, Editora Schwarcz, 2020.
- OLIVA, Jaime; KHOURI, Aline. A Renovação da Democracia nos protestos do Brasil de 2013. **Economic & Political Weekly**, Journal, vol. 48, Issue No. 29, 2013
- OSTIGUY, Pierre. Populism: A Socio-Cultural Approach. In.: **The Oxford Handbook of Populism**. Org. Cristóbal Rovira, Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, Pierre Ostiguy. 1. ed. Reino Unido: Oxford University Press, 2017
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- PODER360. **Bolsonaro resgata foto de pão com leite condensado**. Poder Flash, [s. l.], 27 ago. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-flash/bolsonaro-resgata-foto-de-pao-com-leite-condensado/>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico** 5. ed. Trad. de Angelina Peçanha. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- RIBEIRO, T. R. M. Considerações sobre a grande depressão e o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. **Revista Cantareira**, n. 29, 13 ago. 2019.
- ROCHA, Bruno Magalhães de Oliveira. **Sertanejo universitário: apontamentos históricos, estruturais, sonoros e temáticos**. Dissertação (Mestrado em Música) – Faculdade de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 135. 2019
- ROUSSEAU, J.-J. **Do contrato social**. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores).
- SANTOS, Diego Tavares dos; GUERRA, Luiz Antonio. Cornélio Pires: música caipira e modernismo paulista. **Sociedade e Cultura: Estudos de sociologia dos processos simbólicos**. São Paulo: Blucher, p. 59-70, 2023.
- SCERB, Philippe. **A desdemocratização de seus contramovimentos no Brasil**: da revolta bolsonarista à política popular do MTST. Tese (Doutorados em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 541. 2022

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In.: MARICATO, Ermínia. [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SOLANO, Esther. **Crise da Democracia e extremismos de direita.** São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2018. 29 p. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasiliens/14508.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

SOUZA, Adriano Casemiro Nogueira Campos de. Desinformação bolsonarista: caos informacional como estratégia de Desdemocratização. **Encontro Anual da ANPOCS**, 46., 2022: Campinas, SP. 2022

TOLEDO, Marina. Festa do Peão de Barretos de 2024 recebeu 900 mil visitantes; veja números. CNN, 27 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/festa-do-peao-de-barretos-de-2024-recebeu-900-mil-visitantes-veja-numeros/>. Acesso em: 25 set. 2024

TORMEY, Simon. **Populismo:** Uma Breve Introdução. Editora Cultrix. Edição do Kindle.

VECHI, Fernando. **Manifestações e mudança no cenário político de 2016.** Revista Políticas Públicas & Cidades, Belo Horizonte. 2019.

VIEIRA, Aiane de Oliveira. **A “nova” direita brasileira:** um estudo do mercado político no pós-impeachment. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 150. 2021.

WEFFORT, Francisco Corréa. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

APÊNDICE A – O PAPEL DA SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO “POVO”

Ao discorrer sobre as massas, Sigmund Freud (Freud, 2013) buscou entender quais são as raízes, os fios condutores e o que mantém uma organização social. A massa, como ele denomina, exerce influência em determinado grupo de indivíduos que a constitui. Aqui há um ponto reflexivo inicial: a massa não se traduz como um aglomerado de pessoas e, sim, como um corpo social dialético, de trocas e contradições imanentes a sua formação. Essa questão esclarece como cada massa possui suas especificidades, características que foram estruturantes e estruturadas (Bourdieu, 1989) desde seu nascimento, únicas e indissociáveis das materialidades e subjetividades de determinado contexto, reforçando as reflexões sobre a constituição do populismo.

Posto isso, será desenvolvido neste tópico reflexões acerca da massa (ou “povo”), conceitos já trabalhados no texto em correlação com o livro (Freud, 2013) e o atual contexto populista. A junção desses três assuntos centrais ao trabalho se justifica na medida em que os conceitos desenvolvidos nessas obras são transversais e passíveis de serem aplicados à realidade atual, demonstrando a sua capacidade explicativa e reflexiva das massas contemporâneas e suas características.

Nessa obra de Freud, há duas massas intituladas de “artificiais” analisadas, sendo elas: a Igreja e o Exército. O adjetivo “artificial” parte da percepção do autor sobre a coação da permanência destas massas que, causada por toda a estrutura da sociedade moderna e da própria lógica de suas organizações, continuam existindo. Apesar de suas “artificialidades”, tanto o Exército quanto a Igreja são massas e, por isso, possuem características em comum com todas as outras. São elas: a liderança, a identificação e a coletividade (todas em constante interdependência⁴⁸).

A liderança está vinculada à chefia, uma “ilusão” que a massa necessita para que se fortaleça, processo que não necessariamente está atrelado a um único indivíduo, mesmo que na maior parte das experiências deste calibre, o “líder” se apresente na forma de “ideia condutora” e/ou pessoa única e iluminada. No caso da Igreja, Cristo, objeto nesta categoria, produz um traço democrático na massa: “[...] todos são iguais diante de Cristo, todos têm a mesma participação em seu amor” (Freud, 2013, p. 49), algo que induz e reproduz o coletivo, pelo seu poder de criar laços internos, de dentro para fora. Já no exército, a característica central de sua

⁴⁸ A separação das características é apenas um artifício didático, não sendo palpável em sua expressão ontológica.

estrutura está no escalonamento, e assim, “cada capitão, por assim dizer, é o general e o pai de seu destacamento; cada sargento, o general e o pai de seu pelotão” (Freud, 2013, p. 49).

A correlação entre as concepções laclauianas, Cadeia de Equivalência e Significante Vazio, e as de Freud, liderança e identificação, possuem similaridades. Por um lado, o fio condutor dessas 4 linhas de análise constitui em uma unidade que se relaciona com todos do grupo. A ponte entre a “ilusão” formada pela liderança e a capacidade unificadora da Cadeia de Equivalência ultrapassa o próprio acaso teórico. Por outro, a relação funcional do Significante Vazio jaz na externalidade da massa. Se o líder ou a ideia condutora o incorpora, é necessário que ele esteja na posição superior e externa ao grupo. A superioridade do general ou de Cristo expressa a lógicaposta; a crença da busca por melhorias na estrutura da sociedade postas em uma liderança política a acompanha.

A identificação, outro traço desta relação “massa” e líder, está intimamente relacionada com a liderança, sobretudo por conta da “cola primordial” de toda massa: as ligações emocionais entre os indivíduos. Por ser a forma mais original de ligação emocional, já presente desde os primeiros anos de vida, a identificação é um poderoso traço da psique humana (e uma poderosa ferramenta produtora de consentimento, como veremos a seguir) que possibilita entender quais são os porquês de uma dada massa e qual o papel da liderança em tal contexto. De acordo com Freud (Freud, 2013, p. 63), “[...] a identificação aspira por dar ao próprio eu uma forma semelhante à do outro eu tomado como ‘modelo’”. O líder é a representação e Significante Vazio deste modelo, contendo em si as características aspiradas e veneradas pelo grupo (Jesus Cristo, o mais santo; o General, o mais apto).

O potencial da identificação, além de garantir relações emocionais entre o líder e a “massa”, dá ferramentas para fortalecimento de formações hegemônicas em disputa. Para além de projetos políticos que precisam ser bem formulados e comunicados para a população a fim de produzir consenso, são necessárias relações libidinais e/ou emotivas para que haja legitimidade popular de tal projeto. A identificação está presente em todas as histórias de grandes líderes políticos. De Péron a Getúlio Vargas, de Trump a Bolsonaro, as figuras de tais políticos ultrapassam as suas ações materiais; grande parte de sua relevância está nos fenômenos de identificação popular causadas por sua personalidade e posicionamento públicos.

A próxima característica analisada por Freud está nas características dialéticas da coletividade das massas: devido as ligações emocionais e/ou libidinais entre os indivíduos que constituem a massa, o “eu” se transmuta em “nós”; o objeto-líder (indivíduo e/ou ideia

condutora) se torna a ligação entre todos na massa⁴⁹ e; a homogeneização é lei. O indivíduo dentro do grupo não o é unicamente (vide as noções de “povo” e “massa” já tratadas nesta dissertação). No primeiro ponto, Freud expressa algo correspondente ao debate sobre o Significante Vazio, em virtude que se é necessário que algo de fora (líder ou ideia condutora) mantenha a união do grupo, demonstrando que não há como formular a diferença/solução dentro da Cadeia de Equivalência. Já no segundo, a homogeneização é expressa pela necessária equivalência entre as demandas com intuito de garantir a união dos diferentes indivíduos que compõem o “povo”.

Novamente, a correlação entre análises de Laclau (2013) encontram vazão nos pensamentos de Freud. O coletivo massa se faz presente na medida em que as demandas individuais se mesclam ou se diminuem em relação com a demanda popular do grupo; se tornam uma Cadeia de Equivalência que busca resultados satisfatórios no Significante Vazio (Laclau, 2013).

Através desses encontros entre as obras que aqui foram postas, podemos afirmar que as massas analisadas por Freud correspondem, em certa medida, à categoria “povo” em Laclau e a de “agente social” em Mouffe. Entretanto, a artificialidade do Exército e da Igreja não aparece nas recentes massas atracadas pelo populismo. Não há na trajetória de tais grupos algo que estruturalmente as mantenha em seus movimentos sociais na história. Talvez o que há de artificialidade na constituição das massas em Freud, há de “organicidade” no público-alvo do populismo.

A internalização do presente momento é um caminho mais curto do que a ação direta para com a situação. A população produz internamente pensamentos e reflexões sobre a crise e, a partir disto, se coloca enquanto agente social atuante frente a ela. Nesse sentido, diferente dos sujeitos ao Exército e a Igreja, há no interior dos indivíduos que constituem uma “nova” massa, um “novo povo”, a organicidade necessária para a sua própria organização enquanto grupo. O poder de tal organização social advém das constantes, novas e contingentes demandas, da Cadeia de Equivalência produzida na união de tais demandas e, por fim, no encontro do Significante Vazio, produto da busca de solução para os problemas.

Percebam que o “povo” é, principalmente, quem mais cria, afeta e transforma o que entendemos sobre populismo. Não é o líder carismático capaz de agir como marionetista em relação as massas ou mesmo os caminhos e ferramentas que o discurso populista se apropria

⁴⁹ “Se para cada indivíduo existe uma ligação emocional tão profunda em duas direções [grupo-líder e líder-grupo], não nos será difícil derivar dessa relação a modificação e a limitação observadas em sua personalidade” (FREUD, 2013, p. 51).

para “vender” uma ideia de sociedade: o populismo é fruto de crises sistêmicas e alavancado pela mobilização social do “povo” em luta contra essas crises. A missão do aspirante a líder populista é se encaixar enquanto solução neste campo de batalha já posto. As estratégias são o que determinará a conclusão deste desejo. Estratégias estas em que Jair Messias Bolsonaro e sua equipe demonstraram sagacidade durante as eleições de 2018 e 2022 (Nicolau, 2020; Guazina; et al, 2023).

Existem muitas camadas que compõem as ações de Bolsonaro frente ao campo de batalha populista. O setor evangélico, o setor rural, o setor armamentista, o setor empresarial, entre outros, constituíram a equipe de marketing do político (Nicolau, 2020). É dentre esses diversos grupos que os músicos do sertanejo estão inclusos. Esta característica é mais bem aprofundada no capítulo 2. Por ora, finalizemos a reflexão psicanalítica deste tópico.

Em resumo, a massa se formula na busca de uma solução através de uma ideia ou sujeito condutor (papel da liderança), se solidifica através de um processo de autoidentificação na busca pelo sentido coletivo (papel da identificação) e se desenvolve na medida em que os indivíduos presentes em tal conjuntura criam laços emocionais/libidinais entre si e com o líder (papel da coletividade). Portanto, para entendermos o grupo de eleitores que se identificaram/identificam como “bolsonaristas” e suas motivações em relação ao seu líder político, devemos focar em como os diferentes pontos analisados em conjunto com a conceituação de populismo se expressam neste grupo.

APÊNDICE B - A SINTONIA ENTRE POLÍTICA E A CULTURA

Na tentativa de ilustrar a força política de Jair Messias Bolsonaro e sua consistência entre os anos de 2018 e 2022, apresentaremos alguns dados nacionais e regionais das eleições presidenciais através de gráficos. Após este primeiro momento, analisaremos dados sobre as execuções de músicas do sertanejo nas rádios, a fim de correlacioná-lo às eleições. A proposta não parte da tentativa de criar uma relação de causalidade entre ambos os dados, mas sim de ilustrar as expressões políticas e culturais das regiões onde, hipoteticamente, há detalhes que as atravessam mutuamente e que, porventura, nos interessam em nossa investigação sobre a política populista de Bolsonaro.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o montante de votos para Bolsonaro contabilizou 57.797.847 e 58.206.354 em 2018 e 2022, respectivamente. O crescimento de votos, mesmo com a derrota no segundo turno de 2022 contra os 60.345.999 votos que Luiz Inácio “Lula” da Silva recebeu, demonstra a sólida base de apoio que Bolsonaro contém.

Quando o recorte é regional, tal apoio se mostra ainda mais pertinente para as análises aqui propostas. Em 2018, no Centro-Oeste brasileiro, o candidato aqui analisado recebeu 5.163.023 contra 2.595.426 de Fernando Haddad (PT). Já em 2022, os resultados são de 5.331.708 a 3.523.743 de Lula.

No Sul e Sudeste do país em 2018, os votos contabilizam 39.436.195 para Bolsonaro e 20.168.923 para Haddad, e os números de 2022 são 37.984.094 e 29.544.200 entre os políticos Bolsonaro e Lula, respectivamente. Percebem que, apesar da popularidade da oposição em 2022 – visto que o então presidente Lula possui apoiadores de longa data devido aos seus 2 outros mandatos – o amplo apoio ao Bolsonaro se manteve forte.

Já as regiões onde os candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT) se sobressaíram foram Norte e, principalmente, Nordeste. Em 2018, a soma dos votos das duas regiões resultou em 24.222.827 para Haddad e 13.066.958 para Bolsonaro. A diferença permaneceu em 2022 com 27.125.151 para Lula e 14.745.288 com a oposição.

As possíveis causas para a diferença exorbitante em certas regiões do país são diversas. A história, economia e política de cada região são características que resultam nos resultados vistos, assim como as ações objetivas de cada partido, candidato e apoio regional; análise que não faz parte da proposta de nossa dissertação⁵⁰.

⁵⁰ Ver “Os pilares sociodemográficos do voto em Lula nas eleições de 2022”, de Bellini Borenstein (2024, p. 71-97).

Retornando a investigação deste trabalho, devemos assumir que a cultura se faz presente dentre essas possíveis causas. Na medida em que a hegemonia cultural e as simbologias que nela estão demarcam noções do que é certo, benquisto e de seus opositos, o produto cultural de cada região expressa parte de suas ideologias e crenças. Nesse sentido, vamos apresentar dados das empresas *Connect Mix*⁵¹ e *Crowley Broadcast*⁵² sobre as rádios no Brasil para ilustrar a presença do sertanejo em cada região e a sua similaridade com a popularidade de Jair Messias Bolsonaro. O intuito não é indicar uma determinação entre os dados, mas sim ilustrar que, em mais um momento, os caminhos e características de ambos se entrelaçam.

Começando pelos dados de 2018, o gênero sertanejo dominou as músicas mais escutadas no ano, contendo 48 entre as top 100, com mais execuções nas rádios filiadas a empresa *Connect Mix*. Apenas as execuções destas 48 músicas totalizaram um número maior que 32.000.000 de repetições. Já em 2022 este número cresce, apesar da quantidade de músicas do sertanejo no top 100 terem diminuído para 47, as repetições totalizam mais que 42.300.000.

Ao realizar o mesmo recorte geográfico que utilizamos nos dados eleitorais, chegamos a resultados que ultrapassam a média geral. No Sul, o sertanejo esteve em 50 das 100 músicas mais escutadas em 2018 e 61 em 2022. Já no Sudeste, em 2018, foram 49 e, em 2022, foram 48. Esses números indicam parte de uma expressão hegemônica da cultura, algo que afeta – no sentido de afeto – a vida das pessoas. São dados que não podem ser ignorados quando pensamos quais são as ideias, os ideais, a moral, a ética e os simbolismos presentes nestes produtos culturais. Já no Norte e Nordeste, as execuções são em menor número. Nordeste possuiu 32 músicas sertanejas, em 2018, e o mesmo número na eleição seguinte. O Norte possuiu 45, em 2018, e 40 em 2022.

Para finalizarmos este tópico, é interessante ressaltar os números das unidades federativas que tiveram a maior porcentagem de votos em ambos os candidatos. Em 2018 (77,05%) e 2022 (76,86%), o Piauí foi o estado que mais votou no PT e seus números no ranking da *Connect Mix* são de 34 e 36 nos anos das eleições. Os estados que mais votaram em Bolsonaro são Acre (77,22%), em 2018, e Acre (70,03%), Rondônia (70,66%) e Roraima (76,08%) em 2022, contendo uma média de 46 músicas sertanejas no top 100.

Os números das rádios da empresa *Crowley Broadcast* demonstram a hegemonia cultural do sertanejo mesmo em outras rádios pelo país. De acordo com a empresa, em 2018, o sertanejo teve 82 e, em 2022, 76 entre as 100 mais escutadas nas rádios pelo país. Outra interessante informação advinda da empresa é sobre os artistas mais escutados desde a década

⁵¹ Ver em: <https://connectmix.com/>.

⁵² Ver em Anexo A e Anexo B.

de 40. Entre eles estão: Zezé di Camargo e Luciano em 2º lugar, com 77 músicas entre as mais escutadas; Bruno e Marrone em 3º, com 67 e; Gusttavo Lima em 5º, com 52. Como vimos no capítulo 3, três destes artistas, Bruno, Zezé di Camargo e Gusttavo Lima, apoiaram Jair Messias Bolsonaro.

Ao elencar esses dados eleitorais e músico-culturais do Brasil e suas regiões, podemos perceber que há algo que está relacionado tanto à influência política de Bolsonaro quanto à hegemonia cultural do sertanejo. Não devemos esquecer que a presença deste gênero musical em todo o país é devido, principalmente, aos altos investimentos que o agronegócio aplica nesses produtos culturais. Entretanto, a sua menor projeção em diferentes locais demonstra que: 1. há menos foco de investimentos nesses locais ou não surtem tanto efeito e; 2. a cultura daquele local não adere a certos simbolismos presentes nessas músicas.

ANEXO A - RANKING DE MÚSICAS DA CROWLEY BROADCAST 2018

MUSICMEDIA BY CROWLEY		EXCLUSIVO PARA THE CROWLEY 2018 OFFICIAL CHART (PRÉVIA)		Página 1 de 2
TOP 100 - ESPECIAL		BRASIL - Período de 01/01/2018 A 20/12/2018		
Ranking	Título	Artista	Selo	Total de Execuções
1	APELIDO CARINHOSO	GUSTTAVO LIMA	SOM LIVRE	101045
2	LARGADO AS TRACAS	ZE NETO & CRISTIANO	SOM LIVRE	80507
3	TRANSPLANTE	MARILIA MENDONCA Part.BRUNO & MARRONE	SOM LIVRE	60072
4	AUSENCIA	MARILIA MENDONCA	SOM LIVRE	58477
5	MAIS AMOR E MENOS DRAMA	HENRIQUE & JULIANO	SOM LIVRE	58414
6	OLHA ELA AI	EDUARDO COSTA	TAISMA	58162
7	RAPARIGA NAO	JOAO NETO & FREDERICO Part.SIMONE & SIMARIA	SOM LIVRE	56916
8	PROPAGANDA	JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	56406
9	BEIJO DE VARANDA	BRUNO & MARRONE	UNIVERSAL	56035
10	QUEM ENSINOU FUI EU	MAIARA & MARAISA	SOM LIVRE	55943
11	SUA MELHOR VERSAO - LIVE	BRUNO & MARRONE	UNIVERSAL	55741
12	DONA MARIA	THIAGO BRAVA Part.JORGE	INDEPENDENTE	54885
13	ANTI-AMOR	GUSTAVO MOTO Part.JORGE & MATEUS	INDEPENDENTE	51789
14	ZE DA RECAIDA	GUSTTAVO LIMA	SOM LIVRE	51548
15	NAO FALA NAO PRA MIM	HUMBERTO & RONALDO Part.JERRY SMITH	INDEPENDENTE	51243
16	NOTIFICACAO PREFERIDA	ZE NETO & CRISTIANO	SOM LIVRE	47976
17	PEGADA QUE DESGRAMA	NAIARA AZEVEDO	SOM LIVRE	47811
18	BOM RAPAZ	FERNANDO & SOROCABA Part.JORGE & MATEUS	SONY MUSIC	47498
19	SO PRA CASTIGAR	WESLEY SAFADAO	SOM LIVRE	47039
20	TO COM MORAL NO CEU	MATHEUS & KAUAN	UNIVERSAL	46719
21	QUEM PEGOU, PEGOU	HENRIQUE & JULIANO	INDEPENDENTE	46677
22	BUA BUA	NAIARA AZEVEDO	SOM LIVRE	45708
23	CORACAO INFECTADO	MAIARA & MARAISA	SOM LIVRE	44792
24	AINDA SOUTAO SEU	FELIPE ARAUJO	UNIVERSAL	44727
25	2050	LUAN SANTANA	SOM LIVRE	43099
26	1, 2, 3	CLEBER & CAUAN	SOM LIVRE	43668
27	POR TRAS DA MAQUIAGEM	MICHEL TELO Part.MARILIA MENDONCA	SOM LIVRE	43629
28	CONTRAMAO	GUSTAVO MOTO	INDEPENDENTE	43531
29	PAGA DE SOLTEIRO FELIZ	SIMONE & SIMARIA Part.ALOK	UNIVERSAL	42388
30	CLIENTE PREFERENCIAL (UM MODAO ATRAS DO OUTRO)	GEORGE HENRIQUE & RODRIGO	UNIVERSAL	42182
31	CE GOSTA	LEO & RAPHAEL	UNIVERSAL	42107
32	OI NEGÓ	JEFFERSON MORAES Part.MARAISA	SOM LIVRE	41742
33	CANCELA O SENTIMENTO	MARCOS & BELUTTI Part.MARILIA MENDONCA	SONY MUSIC	41715
34	TBT	CLEBER & CAUAN	SOM LIVRE	41265
35	CASA MOBILIADA	ISRAEL & RODOLFFO Part.EDSON & HUDSON	SOM LIVRE	41053
36	SE EU TE PROCURAR	DIEGO & ARNALDO	SONY MUSIC	40897
37	NEGA	BRUNO & BARRETTO	UNIVERSAL	40282
38	REGGAE IN ROCA	ZEZE DI CAMARGO & LUCIANO Part.OTAVIO AUGUSTO & GABRIEL	INDEPENDENTE	39845
39	SIGA A SETA	MARCOS & BELUTTI Part.MATHEUS & KAUAN	SONY MUSIC	39695
40	AO VIVO E A CORES	MATHEUS & KAUAN Part.ANITTA	UNIVERSAL	39681
41	SEGUE O PLANO	GEORGE HENRIQUE & RODRIGO	UNIVERSAL	39446
42	ROMANCE COM SAFADEZA	WESLEY SAFADAO Part.ANITTA	SOM LIVRE	39337
43	TE ASSUMO - LIVE	DIEGO & ARNALDO	SONY MUSIC	39202
44	CADA UM NA SUA	FERNANDO & SOROCABA	SONY MUSIC	38383
45	CORACAO RESSACADO	JADS & JADSON	SOM LIVRE	37915
46	JA CONVENCI	THIAGO BRAVA	WARNER	37835
47	PREFIRO NEM PERGUNTAR	DIEGO & VICTOR HUGO	SONY MUSIC	37696
48	OI	LEO MAGALHAES	INDEPENDENTE	37638
49	NOSSO CONTRATO	EDSON & HUDSON Part.LUAN SANTANA	UNIVERSAL	37517
50	SOFAZINHO	LUAN SANTANA Part.JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	37308
51	MC LENCOL E DJ TRAVESSEIRO	LUAN SANTANA	SOM LIVRE	37098
52	MOLEQUE	PACHECO Part.MARILIA MENDONCA	INDEPENDENTE	36465
53	AMOR DA SUA CAMA	FELIPE ARAUJO	UNIVERSAL	35563
54	ALVO, O	DIEGO & VICTOR HUGO Part.HENRIQUE & JULIANO	SONY MUSIC	35336
55	COLECAO DE EX	JEFFERSON MORAES Part.MATHEUS & KAUAN	SOM LIVRE	34264
56	SAUDADE NIVEL HARD	YASMIN SANTOS	SONY MUSIC	33113
57	SOL, O	VITOR KLEY	MIDAS MUSIC	32700
58	UM EM UM MILHAO	SIMONE & SIMARIA	UNIVERSAL	31879
59	HAVANA	CAMILA CABELO Part.YOUNG THUG	SONY MUSIC	31743
60	SUPER-HOMEM CHORA	JOAO BOSCO & VINICIUS	INDEPENDENTE	31509
61	ATRASADINHA	FELIPE ARAUJO Part.FERRUGEM	UNIVERSAL	31429
62	AQUELA PESSOA	HENRIQUE & JULIANO	SOM LIVRE	30833
63	PERFECT	ED SHEERAN	WARNER	30795
64	ONDE JA SE VIU	THAEME & THIAGO	SOM LIVRE	30218
65	CONTRATO	JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	30102
66	CIUMES	EDU CHOCIAJ Part.JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	29934
67	PIRATA E TESOURO - LIVE	FERRUGEM	WARNER	29794
68	10 BEIJOS DE RUA	LEO SANTANA	UNIVERSAL	29699
69	CORACAO DE QUATRO	ISRAEL & RODOLFFO	SOM LIVRE	28561
70	12 HORAS	DILSINHO	SONY MUSIC	27685
71	CHAVE E CADEADO	SORRISO MAROTO, GRUPO	SOM LIVRE	27238
72	POE ELE PRA NANAR	ZE RICARDO & THIAGO	INDEPENDENTE	26758
73	NEM AQUI NEM NA CHINA	HUMBERTO & RONALDO	INDEPENDENTE	26452
74	E NATURAL	FERRUGEM Part.BRUNO CARDOSO	WARNER	26172
75	PESADAO	IZA Part.MARCELO FALCAO	WARNER	26115
76	TRINCADINHO	JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	25731
77	QUEM E SEU FAVORITO	ZE RICARDO & THIAGO Part.ZE NETO & CRISTIANO	INDEPENDENTE	25280
78	SAUDADE	EDUARDO COSTA	SONY MUSIC	24788
79	NAO DESGRUDA	THAEME & THIAGO	INDEPENDENTE	24241
80	TO BEBENDO DEMAIS	CONRADO & ALEKSANDRO	INDEPENDENTE	23680
81	MAIS UM ANO JUNTOS	MARCOS & BELUTTI	SONY MUSIC	23625
82	VAI MALANDRA	ANITTA Part.MC ZAAC, MAJOR, TROPILLAZ & DJ YURI MARTINS	WARNER	23515
83	DESBOTEQUEI (AI BEBE)	PEDRO PAULO & ALEX	UNIVERSAL	23317
84	ACERTOU A MAO	LUAN SANTANA	SOM LIVRE	22966

MUSICMEDIA BY CROWLEY

EXCLUSIVO PARA THE CROWLEY 2018 OFFICIAL CHART (PRÉVIA)

Página 2 de 2

TOP 100 - ESPECIAL

Ranking	Título	Artista	Selo	Total de Execuções
85	PRONTA PRA TRAIR	YASMIN SANTOS	SONY MUSIC	22929
86	CERVEJA DE GARRAFA - LIVE	ATTITUDE 67	UNIVERSAL	22902
87	DISCO ARRANHADO	CESAR MENOTTI & FABIANO	SOM LIVRE	22808
88	PRA VOCÊ ACREDITAR	FERRUGEM	WARNER	22752
89	MEDICINA	ANITTA	WARNER	22728
90	PONTO FRACO - LIVE	THIAGUNHO	SOM LIVRE	22880
91	DEIXA A MENINA	LUIZA & MAURILIO Part.MAIARA & MARAISa	INDEPENDENTE	22472
92	RIMAS NAO COMBINAM	JULIA & RAFAELA	UNIVERSAL	22323
93	TERAPIA (THERAPIA)	FERNANDO & SOROCABA	SONY MUSIC	22038
94	SONHEI QUE TAVA ME CASANDO	WESLEY SAFADAO	SOM LIVRE	21880
95	BENGALA E CROCHE - LIVE	MAIARA & MARAISa	SOM LIVRE	21871
96	MEU CORACAO NAO CHORA, URRA	DAY & LARA Part.GUSTAVO LIMA	SONY MUSIC	21641
97	BEBADO NO MAXIMO	BRUNO & BARRETO	UNIVERSAL	21572
98	AR CONDICIONADO NO 15	WESLEY SAFADAO	SOM LIVRE	21421
99	COISA DE DEUS	MICHEL TELO Part.JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	21337
100	TRAICAO	KLEODIRAH Part.MARILIA MENDONCA	INDEPENDENTE	21019

ANEXO B - RANKING DE MÚSICAS DA CROWLEY BROADCAST 2022

MUSICMEDIA BY CROWLEY		EXCLUSIVO PARA THE CROWLEY 2022 OFFICIAL BROADCAST CHART		Página 1 de 2
TOP 100 - ESPECIAL		BRASIL - Período de 01/01/2022 A 31/12/2022		
Ranking	Título	Artista	Selo	Total de Execuções
1	TERMINA COMIGO ANTES - LIVE	GUSTTAVO LIMA	SONY MUSIC	74828
2	BLOQUEADO - LIVE	GUSTTAVO LIMA	SONY MUSIC	68819
3	ABALO EMOCIONAL - LIVE	LUAN SANTANA	SONY MUSIC	61242
4	MAIOR SAUDADE, A - LIVE	HENRIQUE & JULIANO	VIRGIN MUSIC	58798
5	ERRO PLANEJADO - LIVE	LUAN SANTANA Part.HENRIQUE & JULIANO	SONY MUSIC	57783
6	HAJA COLIRIO - LIVE	GUILHERME & BENUTO Part.HUGO & GUILHERME	SONY MUSIC	52186
7	ELA E ELA	ZE NETO & CRISTIANO	SOM LIVRE	52055
8	VAI LA EM CASA HOJE	GEORGE HENRIQUE & RODRIGO Part.MARILIA MENDONCA	INDEPENDENTE	50450
9	SOFRIMENTO ANTICIPADO - LIVE	GUSTAVO MIOTO	UNIVERSAL	47620
10	ESQUECA-ME SE FOR CAPAZ	MARILIA MENDONCA, MAIARA & MARAISA	SOM LIVRE	46644
11	CONSELHO BOM	DIEGO & VICTOR HUGO Part.MAIARA & MARAISA	SONY MUSIC	46527
12	MELHOR SER UMA SAUDADE	ZE NETO & CRISTIANO	SOM LIVRE	44894
13	CICLO VICIOSO - LIVE	YASMIN SANTOS Part.BRUNO MARRONE	SONY MUSIC	43253
14	EVENTO CANCELADO	HENRIQUE & JULIANO	VIRGIN MUSIC	43164
15	NEM NAMORADO E NEM FICANTE - LIVE	ISRAEL & RODOLFO Part.MAIARA & MARAISA	SOM LIVRE	42507
16	BIEJO DE GLICOSE - LIVE	DIEGO & VICTOR HUGO Part.JORGE & MATEUS	SONY MUSIC	41351
17	EU JA TAVA BEM - LIVE	WESLEY SAFADAO	SOM LIVRE	40901
18	MORAL DA HISTORIA - LIVE	ISRAEL & RODOLFO	SOM LIVRE	40397
19	VAGABUNDO CHORA - LIVE	GUILHERME & BENUTO	SONY MUSIC	39759
20	AMOR OU ESQUEMA	WESLEY SAFADAO	INDEPENDENTE	38884
21	DEIXA ELA EM PAZ	BRUNO & MARRONE Part.HENRIQUE & JULIANO	INDEPENDENTE	38803
22	PAGA DE LOUCA - LIVE	FELIPE ARAUJO Part.DILSINHO	UNIVERSAL	38427
23	GATILHO - LIVE	MATHEUS & KAUAN	UNIVERSAL	38374
24	INSUBSTITUÍVEL - LIVE	MARCOS & BELUTTI	SONY MUSIC	35890
25	FELICIDADE DELA - LIVE	HUGO & GUILHERME	SOM LIVRE	35838
26	PRIMEIRO IMPULSO - LIVE	RAFFA TORRES	INDEPENDENTE	35781
27	AI EU CHOREI - LIVE	CLAYTON & ROMARIO	VIRGIN MUSIC	35080
28	AUDA DE ALCOOL - LIVE	DIEGO & ARNALDO	SONY MUSIC	32862
29	VONTADE DE MORDER	SIMONE & SIMARIA Part.ZE FELIPE	UNIVERSAL	32716
30	BASIQUNHO - LIVE	MATHEUS & KAUAN	UNIVERSAL	32676
31	MOlhando o Volante	JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	32429
32	ZEEZE DA RECAADA - LIVE	TIERRY Part.ZEEZE DI CAMARGO	VIRGIN MUSIC	31918
33	FALTA VOCE	THIAGUINHO	INDEPENDENTE	31583
34	PINO DA GRANADA	MURILo HUFF	SOM LIVRE	31415
35	ATE FICAR VELHINHO - LIVE	DOUGLAS & VINICIUS	VIRGIN MUSIC	31387
36	TUDO EM MINHA VOLTA - LIVE	JOAO NETO & FREDERICO	VIRGIN MUSIC	30101
37	IMAGINA ASENTADA - LIVE	MATHEUS & KAUAN	UNIVERSAL	29190
38	TRETA - LIVE	NETTO & HENRIQUE Part.HUGO & GUILHERME	VIRGIN MUSIC	28692
39	SO NAO MARCA NOS - LIVE	LUCAS FERNANDES Part.GUILHERME & BENUTO	INDEPENDENTE	28616
40	CALCULISTA	DOM VITTOR & GUSTAVO Part.MARILIA MENDONCA	VIRGIN MUSIC	28474
41	CORACAO CIGANO - LIVE	LUAN SANTANA Part.LUISA SONZA	SONY MUSIC	28387
42	SABADO E DOMINGO	FELIPE ARAUJO Part.THIAGUINHO	UNIVERSAL	28372
43	ACABEI DE TERMINAR - LIVE	PAULO & NATHAN Part.HUGO & GUILHERME	SONY MUSIC	28212
44	AI CE ME QUEBRA	CESAR MENOTTI & FABIANO Part.GUSTAVO LIMA	SOM LIVRE	27991
45	SAUDADE VEIA - LIVE	HUMBERTO & RONALDO	INDEPENDENTE	27832
46	AMOR E FE - LIVE	PIXOTE Part.HUNGRIA HIP HOP	INDEPENDENTE	27417
47	IMPERFEITOS - LIVE	ICARO & GILMAR	INDEPENDENTE	27199
48	DESBLOQUEADO	DIEGO & VICTOR HUGO	SONY MUSIC	27113
49	PERFEITO PRA FICAR SOZINHO - LIVE	MURILo HUFF Part.MAIARA & MARAISA	INDEPENDENTE	26916
50	POSTADORES DE MENTIRA - LIVE	PIXOTE	INDEPENDENTE	26783
51	MENSAGEM APAGADA	JUNTOS - SORRISO & DILSINHO	SONY MUSIC	26310
52	FORA DOS STORIES	TURMA DO PAGODE	SONY MUSIC	26222
53	LETRAS GARRAFAS - LIVE	JADS & JADSON	SOM LIVRE	26093
54	VIVA O NOSSO AMOR	DANIEL	INDEPENDENTE	25855
55	EU GOSTO ASSIM - LIVE	GUSTAVO MIOTO Part.MARI FERNANDEZ	UNIVERSAL	25646
56	CHEIRO DE PROBLEMA - LIVE	NETTO & HENRIQUE Part.DIEGO & VICTOR HUGO	VIRGIN MUSIC	25252
57	AMOR DE EMERGENCIA - LIVE	GUILHERME & SANTIAGO Part.BRUNO & MARRONE	VIRGIN MUSIC	25169
58	OI DEUS	HUGO & GUILHERME	SOM LIVRE	25081
59	50 POR CENTO	NAIARA AZEVEDO Part.MARILIA MENDONCA	INDEPENDENTE	25074
60	DENGO	JOAO GOMES	INDEPENDENTE	24893
61	LARGA AI PRA VER - LIVE	LEO & RAPHAEL Part.JORGE	INDEPENDENTE	24570
62	TERMINOU COM CALMA	LAUANA PRADO Part.JUAN MARCUS & VINICIUS	UNIVERSAL	24440
63	ASSUME A GENTE - LIVE	JOAO BOSCO & GABRIEL Part.DIEGO & VICTOR HUGO	INDEPENDENTE	24167
64	SAUDADE DE EX - LIVE	RIONEGRO & SOLIMÕES Part.JORGE & MATEUS	INDEPENDENTE	24080
65	CARA DE GOLPE	GUSTAVO MOURA & RAFAEL	INDEPENDENTE	23310
66	VAI QUE ELA BEJA	PH & MICHEL	INDEPENDENTE	23083
67	MINUTINHO DE FRAQUEZA - LIVE	RAFA ALMEIDA Part.MATHEUS FERNANDES	SOM LIVRE	23080
68	ARRANHAO - LIVE	HENRIQUE & JULIANO	VIRGIN MUSIC	23028
69	ALIMENTANDO VONTADE	ZE NETO & CRISTIANO	SOM LIVRE	22985
70	EU NAO SEI BEBER SO UMA - LIVE	HUGO & GUILHERME	SOM LIVRE	22976
71	PODIO	DILSINHO Part.JORGE & MATEUS	SONY MUSIC	22760
72	MUNDO DA VOLTA, O	MENOS E MAIS GRUPO	SOM LIVRE	22687
73	COLD HEART	ELTON JOHN Part.DUA LIPA	UNIVERSAL	22425
74	DUAS	DILSINHO	SONY MUSIC	22402
75	ALO, OI - LIVE	ALLANA MACEDO	VIRGIN MUSIC	22160
76	TODO SEU - LIVE	JORGE & MATEUS	SOM LIVRE	22097
77	ESTELIONATO AFETIVO - LIVE	DOUGLAS & VINICIUS Part.ZE NETO & CRISTIANO	VIRGIN MUSIC	22037
78	CORACAO CACHORRO	AVINE VINNY Part.MATHEUS FERNANDES	SONY MUSIC	21896
79	PREJUIZO - LIVE	JUNTOS - SORRISO & DILSINHO	SONY MUSIC	21892
80	UM SONHADOR - LIVE	LAUANA PRADO	UNIVERSAL	21495
81	FERRA MINHA VIDA - LIVE	RAFFA TORRES	INDEPENDENTE	21383
82	M DE MULHER - LIVE	ICARO & GILMAR	INDEPENDENTE	21346
83	SANGUE DE GELO	LEONARDO	TALISMA	21268
84	AGUA NOS ZOI - LIVE	CLAYTON & ROMARIO Part.JORGE & MATEUS	VIRGIN MUSIC	21059

MUSICMEDIA BY CROWLEY

EXCLUSIVO PARA THE CROWLEY 2022 OFFICIAL BROADCAST CHART

Página 2 de 2

TOP 100 - ESPECIAL

Ranking	Título	Artista	Selo	Total de Execuções
85	BALANÇO DA REDE	MATHEUS FERNANDES Parc.XAND AVIAO	SOM LIVRE	20610
86	TE AMO DEMAIS	MARILIA MENDONCA	SOM LIVRE	20561
87	FALA ALGUMA COISA - LIVE	PAULO & NATHAN	SONY MUSIC	20184
88	AMANTE, AMIGA E NAMORADA - LIVE	MAX & LUAN Parc.GUILHERME & BENUTO	INDEPENDENTE	19823
89	MORENA	LUAN SANTANA	SONY MUSIC	19515
90	SEM VESTIGIOS - LIVE	MUMUZINHO	UNIVERSAL	19371
91	VOLTA PRA CASA - LIVE	SORRISO MAROTO_GRUPO	SONY MUSIC	19242
92	PERIGOSINHA "LOUQUINHA"	MARIANA PIMENTA	SONY MUSIC	19010
93	AS IT WAS	HARRY STYLES	SONY MUSIC	18707
94	ZAP	LAUANA PRADO	UNIVERSAL	18442
95	AMOR MEIA BOCA - LIVE	THIAGO & MIGUEL	SOM LIVRE	18323
96	MELHOR CILADA	THEO & GABRIEL	INDEPENDENTE	18228
97	COMPLICADO - LIVE	AKATU GRUPO	INDEPENDENTE	18117
98	CABO CABO - LIVE	PATRICIA & ADRIANA	SOM LIVRE	18094
99	CAVALO DE PAU	BRUNO & DENNER Parc.GUSTTAVO LIMA	INDEPENDENTE	17897
100	AMOR DE FOME	JUCAS LUCCO Parc.GUILHERME & BENUTO	INDEPENDENTE	17768